ERNESTO FARIA
Professor de Latim nas Escolas Secundárias Técnicas
do Departamento de Educação.

# SÍNTESE
## DE
# GRAMÁTICA LATINA

Redigida especialmente para servir
ao ensino moderno do LATIM

2.ª EDIÇÃO




1940
F. BRIGUIET & Cia., Editores
RUA DO OUVIDOR, 109 — RIO DE JANEIRO

# SÍNTESE DE GRAMÁTICA LATINA

## OBRAS DO AUTOR

A PRONÚNCIA DO LATIM — Novas diretrizes ao ensino do Latim. 1933 (esgotado).

SÍNTESE DE GRAMÁTICA LATINA — (Redigida especialmente para servir ao ensino moderno de Latim). 1934. 2.ª ed. 1940. (Ed. Briguiet).

O LATIM E A CULTURA MODERNA — (Conferência realizada na Associação Brasileira de Educação, Departamento do Rio de Janeiro, e publicada no "Jornal do Comércio"). 1934.

O LATIM PELOS TEXTOS — (Trechos escolhidos, anotados e graduados para o estudo do Latim). 1935. 2.ª ed., 1937. (Ed. Briguiet).

LES ÉTUDES LATINES DANS LE MONDE — Au Brésil, 1937. (Révue des Études Latines, Paris).

A ATUALIDADE DOS ESTUDOS GRECO-LATINOS, por Jacques Perret. Tradução. 1937. (Ed. Briguiet).

MANUAL DE PRONÚNCIA DO LATIM — (Exposição teórico-prática da pronúncia clássica do Latim). 1938. (Ed. Briguiet).

SULPÍCIA — (A poetisa do "Corpus Tibullianum), em Miscelânea, em honra de M. Said Ali). 1938.

### A SAIR:

TRATADO DE GRAMÁTICA LATINA — (Estudo histórico-comparativo da língua latina).

GRAMÁTICA ELEMENTAR DA LÍNGUA LATINA — (Iniciação ao estudo gramatical do Latim).

PEQUENA HISTÓRIA DA LÍNGUA LATINA — (Estudo da língua falada e da língua literária dos romanos).

### EM PREPARAÇÃO:

A CIVILIZAÇÃO ROMANA — (Subsídio histórico, artístico e literário para melhor compreensão dos clássicos latinos).

VOCABULÁRIO LATINO — (Significação e história das palavras agrupadas por famílias).

ERNESTO FARIA

# SÍNTESE
## DE
# GRAMÁTICA LATINA

Redigida especialmente para servir
ao ensino moderno do LATIM

2.ª EDIÇÃO




1940
F. BRIGUIET & Cia., Editores
RUA DO OUVIDOR, 109 — RIO DE JANEIRO

BEDESCHI — Misericordia 74 — Rio

## JUIZO SOBRE A 1.ª EDIÇÃO DA "SÍNTESE DE GRAMÁTICA LATINA"

emitido pelo *Bulletin Critique* da *Revue des Études Latines,* dirigida por J. Marouzeau, e órgão da *Société des Études Latines* de Paris.

E. DE FARIA, *Sintese de grammatica latina*: Rio de Janeiro, Briguiet et Cie., 1934, 151 pages.

"Ce petit livre, conçu d'une façon très originale présente un tableau clair des formations morphologiques du latin. Tout en tenant compte des besoins élémentaires de l'enseignement, il entr'ouvre discrètement devant les élèves le domaine de ses origines et oppose ainsi l'état ancien à l'état classique. Ce coup d'œil sur le passé se complète par un aperçu de l'avenir, puisque chaque chapitre signale brièvement des particularités des langues romanes qui s'expliquent par le latin. Très suggestive est la conclusion, intitulée: "Caractères généraux de la langue latine". L'auteur, en quelques mots, indique comment la psychologie romaine s'est extériorisée dans cette langue pauvre et autoritaire, prédestinée par ses qualités et ses carences mêmes à servir la nation qui a conquis le monde par un labeur et un effort sans défaillance.

Ce livre, destiné aux écoles d'un pays de culture latine transportée, y apporte sous une forme assimilable l'essen-

tiel de ce que l'étude du latin doit aux pays de tradition classique; on sent que l'auteur est un curieux de science, très au courant de ce qui se fait au dehors, et soucieux d'en faire profiter l'enseignement de son pays.

A. Guillemin."

## PREFÁCIO DA 1.ª EDIÇÃO

*Nosso intento ao redigir este pequeno resumo de gramática latina foi responder ao apelo dos linguistas e filólogos que há quase cinquenta anos veem reclamando uma renovação para o ensino do Latim, que permanece anacrônico, "separado de todas as idéias modernas", (1) na frase de Marouzeau.*

*O estudo do Latim no século XX não tem as mesmas finalidades que tinha no século XVI, quando era usado como língua universal, servindo de veículo ao pensamento de então. Hoje o Latim tem um lugar no ensino secundário dos grandes centros de civilização ocidental como relicario de toda a cultura antiga, como elemento modelador das línguas modernas.*

*Assim sendo, o ensino do Latim, para ser um elemento revitalizador da cultura moderna, deverá, ao mesmo tempo, valer-se dos elementos que essa mesma cultura moderna lhe oferece para seu aperfeiçoamento.*

*Foi o que procuramos fazer utilizando as novas contribuições da linguística, dando ao nosso trabalho uma orientação acentuadamente filológica. Essa orientação tanto mais se justifica hoje, entre nós, quanto o estudo do Latim é iniciado no quarto ano ginasial, isto é, no fim do curso, precisamente, tendo o aluno já adquirido uma certa cultura geral.*

*E, de mais a mais, pensamos com Marouzeau que "a explicação linguística está bem mais ao seu alcance, do que*

(1) Marouzeau, "La Linguistique et L'Enseignement du Latin", pag. 9.

*a regra gramatical, porque se funda em comparações, aproximações, justificações".* (1)

*Iniciando-se no quarto ano o estudo de gramática histórica portuguesa, estabelecemos em todo o nosso trabalho, sistematicamente, a comparação do Latim com o nosso idioma, tornando-se assim a SÍNTESE DE GRAMÁTICA LATINA também um valioso auxiliar da aula de português. Naturalmente não descemos a grandes pormenores para não prejudicar o nosso plano de conjunto, mesmo porque pensamos em voltar a tratar do assunto em um tratado de GRAMÁTICA COMPARADA DO LATIM E DO PORTUGUÊS, que temos em preparação.*

*Na parte fonética, principalmente no que toca à pronúncia, nos limitamos às conclusões do nosso trabalho apresentado como tese à Congregação do Colegio Pedro II — A PRONÚNCIA DO LATIM.*

*Na morfologia nos baseamos sobretudo em Ernout — "Morphologie Historique du Latin", Meillet e Vendryes — "Traité de Grammaire Comparée des Langues Classiques", Laurand — "Manuel des Études Grecques et Latines", Lindsay — "The Latin Language" e "Historical Latin Grammar". Para a sintaxe consultamos a Laurand, Madvig, e Riemann — "Syntaxe Latine". No último capítulo nos inspiramos principalmente em Weise.*

*As referências que fazemos ao indo-europeu e ao latim popular estão baseadas em Brugmann, Meillet e Grandgent, as comparações com o português em J. J. Nunes, Leite de Vasconcellos, Said Ali e Antenor Nascentes.*

*Quanto ao plano do trabalho, cumpre-nos acrescentar que, dando-lhe orientação filológica, prestamos, também, grande serviço aos estudantes do Ensino Secundário dos colégios equiparados, pois que nossa "Síntese de Gramática Latina" satisfaz, plenamente, às novas exigências do atual programa de Latim elaborado pelo Ministério de Edu-*

---

(1) Marouzeau, "La Linguistique et L'Enseignement du Latin", pag. 15.

*cação, que preceitua: "O objetivo principal do estudo de latim é o filológico".*

*Resta-nos agradecer o valioso auxílio que nos prestaram na correção das provas ao nosso prezado colega professor Mattoso Camara Junior, e aos nossos ex-alunos, hoje companheiros de magistério, Antonio Houaiss e João Avelino Sidou.*

*ERNESTO FARIA*

## PREFÁCIO DA 2.ª EDIÇÃO

*Tendo tido êste livrinho um método de exposição que muito se afastava de seus similares, publicados entre nós, era de temer custasse a conseguir do público um acolhimento favorável. Entretanto, sua aceitação pelo magistério secundário de todo o país foi das mais auspiciosas, esgotando-se em poucos anos a grande tiragem que constituiu a sua primeira edição.*

*Procurando, pois, corresponder à boa aceitação de nosso trabalho, conservamos nesta segunda edição, exatamente, a mesma matéria da primeira, vindo apenas, aqui e acolá, corrigir-lhe pequenos erros tipográficos que nos haviam escapado, ou tornar mais clara a redação num ou noutro ponto.*

*Dentre as observações que nos foram feitas por numerosos colegas uma houve que, por muitas vezes repetida, merece aqui uma explicação: — a falta de exercícios. Não os colocamos na 1.ª edição, nem os incluimos na presente, depois de longamente meditarmos sobre a questão, por acharmos que eles não teem cabimento numa Síntese de Gramática, isto é, num resumo suscinto dos fatos gramaticais do Latim. Não chamamos ao nosso trabalho propriamente de gramática por isso, sendo que a inclusão dos referidos exercícios equivaleria a desmentir o título da obra.*

*Dada esta explicação que julgámos necessária, passamos a agradecer muito especialmente aos doutos colegas do ensino secundário que tanto teem concorrido para a divulgação deste trabalhinho, e que são a causa primordial de seu êxito. Os nossos agradecimentos também à Ruth de Sales, aluna da Faculdade Nacional de Filosofia, que muito nos*

*auxiliou na correção das provas tipográficas da presente edição.*

*Cumpre-me enfim apresentar de público a minha gratidão, à eminente professora A. Guillemin, da Universidade de Neully, cuja crítica, publicada na Révue des Études Latines (2.º semestre de 1934), foi para nós motivo de justo desvanecimento e incentivo a perseverar na orientação que damos aos estudos latinos, com o que procuramos servir, modestamente, mas com sinceridade, a causa da cultura em nosso país.*

ERNESTO FARIA.

---



Paisagem do "Latium"

INTRODUÇÃO

# O LATIM

O Latim é uma língua que pela origem se prende à grande família das línguas indo-européas a que pertencem, entre outras, o grego, o sânscrito, o armênio, etc. Juntamente com o osco e o úmbrio forma o ramo itálico, que, por sua vez, provem de uma unidade primitiva a que se chamou o ítalo-celta.

A princípio língua de uma exígua população apertada em um território minúsculo o — LATIVM ANTIQVVM — com a conquista romana estendeu-se, primeiramente, por toda a península itálica e, depois, por quase todo o território do "Mundo Romano".

Com o desmembramento do Império, pelo V século, o Latim passou a se desenvolver independentemnte em cada província, formando, assim, com o correr do tempo, as línguas românicas, cujas principais atualmente são: o português, o francês, o italiano, o espanhol e o rumeno.

Tendo sido a língua de uma grande civilização, que assimilou todas as civilizações anteriores, seus escritores e poetas, para suas obras, que constituem justamente a admiração de vinte séculos, transportaram todo o esplendor da cultura antiga.

Assim, o Latim, ainda hoje, pode dizer-se que vive de uma dupla vida: vida continuada pelas línguas românicas atuais e perpetuada pelas obras dos autores latinos, que, através dos tempos, veem fornecendo o motivo e o modelo para grande numero de produções que, também, tendo recebido o toque do gênio, veem enriquecer o tesouro espiritual da humanidade.




Mapa do Império Romano

# PRIMEIRA PARTE

# FONÉTICA

## CAPÍTULO I

### Alfabeto (*)

O alfabeto latino primitivo contava vinte e uma letras. Na época clássica, por influência da cultura grega em Roma, duas letras lhe foram acrescentadas para atender a transcrição de palavras gregas: o *y* e o *z*. O *G*, que também não aparecia no alfabeto primitivo e era uma modificação do *C*, tomava o logar do *Z* arcaico, já abandonado.

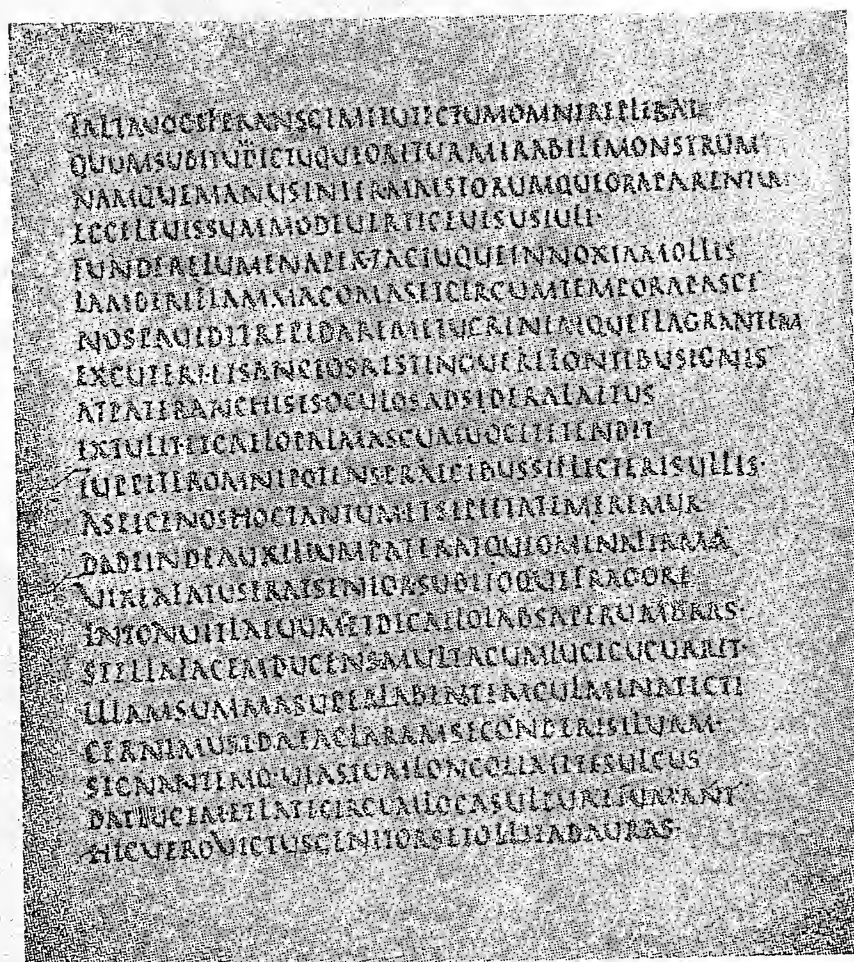
Assim, no tempo de Cícero e Cesar o alfabeto latino contava as seguintes letras: — A B C D E F G H I K L M N O P Q R S T U X Y Z.

NOTAS: 1) O *y* e o *z*, só aparecendo em transcrições de palavras gregas, não eram por muitos consideradas letras latinas.

2) O *v* e o *j* não foram conhecidos pelos romanos.

---

(*) Sôbre a origem e história do alfabeto latino vêde Ernesto Faria, **Manual de Pronúncia do Latim**, F. Briguiet & Cia., 1938.



TALIAVOCIFERANSGEMITUTECTUMOMNEREPLEBAT
QUUMSUBITUMDICTUQUEORITURMIRABILEMONSTRUM
NAMQUEMANUSINTERMAESTORUMQUEORAPARENTUM
ECCELEVISSUMMODEVERTICEVISUSIULI
FUNDERELUMENAPEXTACTUQUEINNOXIAMOLLIS
LAMBEREFLAMMACOMASETCIRCUMTEMPORAPASCI
NOSPAVIDITREPIDAREMETUCRINEMQUEFLAGRANTEM
EXCUTEREETSANCTOSRESTINGUEREFONTIBUSIGNIS
ATPATERANCHISESOCULOSADSIDERALAETUS
EXTULITETCAELOPALMASCUMVOCETETENDIT
IUPPITEROMNIPOTENSPRECIBUSSIFLECTERISULLIS
ASPICENOSHOCTANTUMETSIPIETATEMEREMUR
DADEINDEAUXILIUMPATERATQUEHAECOMINAFIRMA
VIXEAFATUSERATSENIORSUBITOQUEFRAGORE
INTONUITLAEVUMETDECAELOLAPSAPERUMBRAS
STELLAFACEMDUCENSMULTACUMLUCECUCURRIT
ILLAMSUMMASUPERLABENTEMCULMINATECTI
CERNIMUSIDAEACLARAMSECONDERESILVAM
SIGNANTEMQUEVIASTUMLONGOLIMITESULCUS
DATLUCEMETLATECIRCUMLOCASULPUREFUMANT
HICVEROVICTUSGENITORSETOLLITADAURAS

**Fragmento de manuscrito. Note-se que não havia separação de palavras, e por toda pontuação um simples ponto para marcar as pausas na leitura.**

HOC·EST·FACTVM·MONVMENTVM
MAARCO·CAICILIO
HOSPES·GRATVM·EST·QVOM·APVD
MEAS·RESTITISTEI·SEEDES
BENE·REM·GERAS·ET·VALEAS
DORMIAS·SINE·QVRA

Inscrição do I século antes de Cristo. Note-se a ortografia da época: "Maarco", "seedes"; Caicilio, quom, etc.

CAPÍTULO II

# Ortografia

A escrita dos romanos procurava representar com precisão a pronúncia das palavras, isto é, era caracteristicamente fonética. Ora, havendo alterações sensíveis na pronúncia de uma época para outra, naturalmente tais alterações se refletiam na escrita.

Mas, na mesma época havia freqüentes alterações de ortografia, do que nos dá testemunho Quintiliano, eminente gramático latino.

Acontecia, por exemplo, em Roma, que a ortografia dos textos era antes a da escola a que pertencia o copista do que propriamente do autor. Assim as variantes dos manuscritos de uma mesma obra são enormes, tanto que, se estes em seu todo representam o pensamento do autor, através dos séculos ressentem-se bastante da colaboração alheia.

Atualmente, nas edições escolares, segue-se geralmente a ortografia do século de Augusto, se bem que a gramática de Cícero e César.




Inscrição do século de Augusto. Note-se a diferença de ortografia entre esta inscrição e a precedente.

## CAPÍTULO III

# Pronúncia

As vogais são pronunciadas como em português. O *y*, porém, tem o som do *u* do francês.

Nos ditongos pronunciam-se ambas as vogais. No Latim clássico só havia quatro ditongos: *au*, *ae*, *oe* e *eu*, que era raríssimo.

Das consoantes, *b*, *p*, *d*, *t*, *f*, *l*, *k* e *q* pronunciam-se como em português.

*C* tem sempre o som de *k*, mesmo antes d *e* e de *i*.

*G*, mesmo antes de *e* e de *i*, conserva o mesmo som que tem antes das outras vogais.

*H* é ligeiramente aspirado, quando inicial.

*M* é sempre proferido. Quando em fim de sílaba é mais tênue do que quando inicial, mas nunca nasaliza a vogal que o precede.

*N* é também sempre proferido, nunca nasalizando a vogal anterior.

*R* inicial e intervocálico, como o *r* italiano.

*S* intervocálico sempre como *ç*.

*X* como *cs*.

NOTA: — Todas as letras são pronunciadas em Latim, não havendo vogais nem consoantes mudas.

CAPÍTULO IV

## Quantidade e Acento

As vogais podiam ser breves ou longas. E' o que se chama a quantidade das vogais. Uma longa tem a duração de duas unidades de tempo e uma breve a de uma só unidade de tempo. Todo ditongo ou vogal seguida de duas consoantes, ou de *x*, ou de *z*, é longa.

A quantidades das vogais é de grande importância em Latim, pois sobre ela repousa o ritmo e portanto toda a métrica latina. Além disso, a ela se subordina também a acentuação tônica das palavras, pois nos vocábulos de três ou mais sílabas a penultima só é acentuada se fôr longa. Em Latim não há oxítonos de mais de uma sílaba, portanto: Todos os dissílabos são paroxítonos e as palavras de três ou mais sílabas são paroxítonas se a penúltima sílaba fôr longa, ex. debēre, e proparoxítonas se a penúltima fôr breve, ex. anĭmus.

NOTA: — O sinal - colocado sobre uma vogal indica que esta é longa. Ex.: debēre; e o sinal ˘ que é breve, ex.: facĕre.

### NOTA IMPORTANTE

Os capítulos III e IV encerram o principal que se deve saber sobre a verdadeira pronúncia do Latim, pronúncia adotada pela quase totalidade dos filólogos modernos. Como se vê, basta um pouco de bôa vontade dos nossos professores de Latim para ser logo compreendida pelos alunos, que, com isso, teriam imensas vantagens não só para o estudo do proprio Latim, como também no de qualquer outra língua românica. A questão é amplamente estudada e debatida, em "A Pronúncia do Latim" de Ernesto Faria, tese de concurso, apresentada á Congregação do Colegio Pedro II e em "Manual da Pronúncia do Latim", do mesmo autor.

SEGUNDA PARTE

# MORFOLOGIA

## CAPÍTULO I

Comparando-se o Latim clássico com o Português, ou com qualquer outra língua românica, desde logo se observa que o idioma dos romanos possuia um sistema de flexões muito mais rico do que o das línguas dele derivadas. Em português, por exemplo, as desinência nominais são pouquíssimas: duas para indicar o gênero — feminino e masculino —, e duas para o número — singular e plural.

Por esse motivo, autores há que não adotam a denominação de morfologia para o estudo das palavras e suas formas "nas línguas modernas já constituidas", relegando-a tão somente para aquelas "que tenham um sistema de declinações e de conjugações desenvolvido". (1)

### a) Gênero

Em Latim, como ainda hoje em alemão, há três generos: masculino, feminino e neutro. Este é o gênero das palavras que não são nem femininas nem masculinas, como aliás indica a propria palavra neutro, em Latim *neuter,* que significa: nem um nem outro.

---

(1) Said Ali, "Lexeologia do português historico", pag. 24.

De um modo geral o masculino e o feminino denotam animais de um ou outro sexo, enquanto o neutro se referia a inanimados (1).

Entretanto, o neutro, desde uma época muito remota, tendia a desaparecer, ora confundindo-se com o masculino, ora com o feminino.

Por isso as línguas românicas não conservam o neutro, do qual aparece um ou outro vestígio nas formas pronominais, como, por exemplo, em português os demonstrativos *isto, isso, aquilo,* etc.

## b) Número e Caso

Há em Latim dois números: — singular e plural.

Do dual, que ainda aparece em Grego, o Latim só conserva como vestígios *ambo* e *duo*.

Cada número possue seis terminações ou desinências. Estas desinências eram empregadas segundo a função sintática da palavra na oração, constituindo assim os casos. Se a palavra era sujeito tinha uma terminação; se era objeto direto, outra; se adjunto adverbial, outra, etc.

Há, pois, seis casos, a saber:

NOMINATIVO — de *nominare,* nomear, é o caso do sujeito e do predicativo.

VOCATIVO — de *uocare,* chamar, indica a pessoa a quem se fala, que se invoca.

ACUSATIVO — de *accusare,* acusar, é principalmente o caso do objeto direto.

GENITIVO — de *gignere,* gerar, porque dava idéia de descendência, é o caso do complemento terminativo, traduzindo-se em Português pela preposição *de.*

---

(1) "Cumpre não confundir o gênero natural com o gênero gramatical: este último apenas exprime uma relação entre o substantivo e o adjetivo que o determina, só tem valor morfológico e sintático." Ernout, "Morphologie Historique du Latin", pag. 2.

DATIVO — de *dare,* dar, indica a quem se dá ou a quem ou a que se destina alguma coisa. E' o caso do objeto indireto.

ABLATIVO — de *aufero,* tirar,, afastar, indicava propriamente o ponto de partida, adjunto adverbial de lugar donde.

O ablativo latino era a síntese de três casos: do ablativo indo-europeu, do instrumental e do locativo, do qual se conservam alguns vestigios; é o caso de regra geral do adjunto adverbial.

Estes casos tinham, como vimos, desinências diferentes para o singular e para o plural.

Tendo a palavra em Latim sua função sintática precisamente determinada pela desinência, a construção do período era muito mais livre do que nas línguas românicas, onde a inversão da ordem das palavras numa frase pode, com freqüência, redundar na inversão completa do sentido, o que já não se dava na língua do Lácio.

## c) Declinação

Os nomes em Latim tinham para especificar as suas funções na frase determinadas terminações ou desinências. Estas não eram, entretanto, as mesmas para todas as palavras, variavam segundo a vogal do radical, constituindo vários sistemas de flexão, chamados declinações.

Havia cinco declinações ou grupos de flexões, caracterizadas por uma vogal predesinencial: *a* para a primeira, *o* (e depois *u*), para a segunda, *i* (ou consoante) para a terceira, *u* para a quarta e *e* para a quinta. (1)

(1) Esta divisão em cinco declinações, se bem que tradicional, não tem valor científico. Havia em Latim dois grandes grupos: Um, dos substantivos de tema em **a** e **o/e**, substantivos da 1ª e 2ª declinações; outro dos terminados em **i** (ou **u**) e consoante — 3ª e 4ª declinações; havia ainda um grupo mixto dos temas em **e**, tomando alguns casos ao primeiro grupo e outros ao segundo. A este grupo mixto pertence a 5ª declinação.

Declinar uma palavra é fazê-la passar por todos os casos.

Destas declinações as principais eram as tres primeiras. Por isso mesmo, mais tarde a quarta e a quinta vieram a desaparecer, vindo encorporar-se às três primeiras os substantivos a elas pertencentes.

### d) As Desinências

*Singular*

Nom. — *s, m, zero* (1).
Voc. — geralmente igual ao nom. (2).
Ac. — *m, zero* (neutros da 3.ª e 4.ª).
Gen. — *i* (1.ª, 2.ª e 5.ª) (*i*) *s* (3.ª e 4.ª).
Dat. — *i*.
Abl. — (*d*) *e* (temas consonânticas).

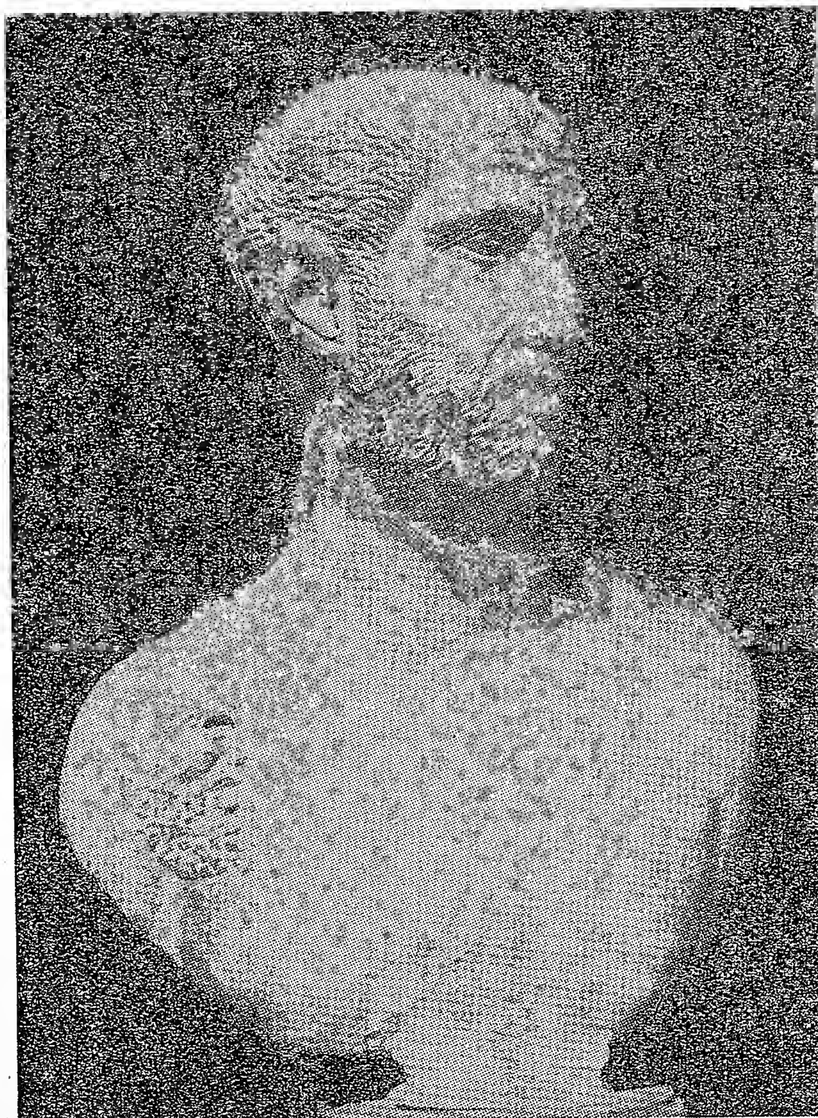
*Plural*

Nom. Voc. — *i* (1.ª e 2.ª) (*e*)*s*, (3.ª, 4.ª e 5.ª) *a* (neutros).
Ac. — (*n*)*s a* (neutros).
Gen. — *rum* (1.ª, 2.ª e 5.ª) *um* (3.ª e 4.ª).
Dat. Abl. — *is* (1.ª e 2.ª) *bus* (3.ª, 4.ª e 5.ª).

---

(1) S é a desinência geral do nominativo singular. Os neutros da 2.ª apresentam a desinência m do acusativo e os nomes da 1.ª bem como os neutros da 3.ª e 4.ª e alguns masculinos e femininos da 3.ª apresentam a desinência zero, isto é, ausência de desinência.

(2) Os masculinos e femininos da 2.ª declinação não apresentam propriamente desinência de vocativo singular, mas a simples alternância da vogal do tema de o para e.



Terêncio. Comediógrafo latino, era Terêncio natural da África, donde seu sobrenome Afer, o africano. Estreou aos 19 anos com sua peça Andria. Era nascido em Cartago, a poderosa inimiga de Roma, tendo vivido de 184 (?) a 153.

CAPÍTULO II

## 1ª Declinação

A primeira declinação era formada quase exclusivamente de palavras femininas. Há poucos masculinos, quase todos nomes de homens ou profissões exercidas por homens, ex. *nauta*, marinheiro. Não há neutros.

PARADIGMA

| *Singular* | *Plural* |
| --- | --- |
| NOM., VOC. — Ros*a* * | NOM. e VOC. — Ros*æ*. |
| ACUS. — Ros*am* | ACUS. — Ros*as* |
| GEN. *e* DAT. — Ros*æ* | GEN. — Rosā*rum* |
| ABL. — Ros*ā* | DAT. e ABLAT. — Ros*is* |

NOTAS:

1ª) — Seguem esta declinação não só os substantivos, mas também o feminino dos adjetivos ditos da 1.ª classe.

2ª) — A desinência do ablativo diferia da do nominativo e vocativo pela quantidade. Neste o *a* era longo, *ā*; ex.: ablativo ros*ā;* enquanto que nos nominativo e vocativo era breve.

3ª) — O genitivo itálico era em *as*. Aparece ele apenas em escritores arcaicos, deixando como único vestígio no latim clássico as expressões: *pater familias, mater familias*, etc.

* Rosa, æ, rosa.

4ª) — O genitivo *ae* provinha de um genitivo arcaico *ai*, genitivo este que ainda aparecia na época clássica; ex.: pict*ai*.

5ª) — O genitivo plural antigo provavelmente era em *um*, tendo deixado como vestígios principalmente os compostos de *gena* e *cola*; ex.: *terrigĕnum* e *caelicŏlum*.

6ª) — Na língua religiosa e na língua jurídica aparecem, para evitar confusão com as formas masculinas, o dativo e ablativo plural *abus* para as palavras *dea*, de*ābus*, deusa; *filia*, fili*ābus*, filha.

NOTA IMPORTANTE — Como já vimos, mesmo no latim clássico havia a tendência para a redução das declinações e dos casos. Aquelas reduziram-se no fim do latim popular, o pre-romance, às três primeiras, e estes a dois, o nominativo e o acusativo, que sintetiza todos os outros. Nessa época as desinências de acusativo singular e plural da 1ª declinação eram: *a* e *as*. Por isso, em português as palavras femininas, quase todas provindas da primeira declinação, terminam em *a* no singular, e *as* no plural.

———




C. J. César, o maior homem de seu tempo, foi invicto general, escritor e historiador eminente, notável orador e grande estadista. Pela pureza da língua é com Cicero a autoridade máxima do Latim clássico. Nasceu em Roma em 100 antes de Cristo, morrendo em 44 a. C., vítima de uma conspiração.

## CAPÍTULO III

# 2ª Declinação

A segunda declinação constava principalmente de masculinos e neutros. Contava também alguns femininos, quase todos nomes de árvores; ex.: *malus*, macieira, *figus*, figueira, etc.

PARADIGMAS

*Singular*

| | | | |
|---|---|---|---|
| Nom. | Domĭn*us* * | Puer * | Vir * |
| Voc. | Domĭn*e* | Puer | Vir |
| Acus. | Domĭn*um* | Puĕr*um* | Vir*um* |
| Gen. | Domĭn*i* | Puĕr*i* | Vir*i* |
| Dat. e Abl. | Domĭn*o* | Puĕr*o* | Vir*o* |

*Plural*

| | | | |
|---|---|---|---|
| Nom. e Voc. | Domĭn*i* | Puĕr*i* | Vir*i* |
| Acus. | Domĭn*os* | Puĕr*os* | Vir*os* |
| Gen. | Domin*ōrum* | Puer*ōrum* | Vir*ōrum* |
| Dat. e Ablat. | Domĭn*is* | Puĕr*is* | Vir*is* |

| | *Singular* | *Plural* |
|---|---|---|
| Nom. e Voc. | Templ*um* * | Templ*a* |
| Acus. | Templ*um* | Templ*a* |
| Gen. | Templ*i* | Templ*ōrum* |
| Dat. e Abl. | Templ*o* | Templ*is* |

* **Dominus, i,** senhor; **puer, i,** menino; **vir, i,** homem, varão; **templum, i,** templo.

NOTAS:

1ª) — Seguem esta declinação, não só os substantivos, mas também os adjetivos masculinos e neutros da 1.ª classe: *bonus, bonum*, bom.

2ª) — A segunda declinação como já foi dito, só encerrava as palavras com a vogal temática *o*, vogal esta que pelo fim do século III a. C. se transformou em *u*. Quando, porém, esta vogal temática era precedida de *r*, depois de vogal breve, sofria a síncope, e realizando-se posteriormente a assimilação do *r* radical e do *s* (desinência do nom. sing.), acontecia que vários nomes da 2ª declinação faziam o nom. sing. em *r*, como por ex.: *puer*.

3ª) — A declinação dos neutros difere da dos masculinos e femininos apenas nos nom., voc. e acus., casos que, no plural, em todas as declinações, terminam sempre em *a*.

4ª) — Exceto os nomes em *us*, que teem o voc. sing. em *e*, todos os demais tem-no igual ao nom.; ex.: *puer, uir, templum*. Note-se porém que este *e* não é propriamente uma desinência mas a alternância da vogal temática.

5ª) — Os nomes terminados em *ĭus* teem o voc. em *i*, os em *īus* em *e*. Ex.: Vergil*ĭus* Vergil*i*i, Dar*īus* Dar*ie*.

6ª) — O gen. sing. dos nomes em *ius* na época clássica é sempre em *ī*. Ex.: *Vergilī*, de Vergil*ius*.

7ª) — Primitivamente o dat. e ablat. sing. da 2ª dec. não se confundiam: este terminava em *od* e aquele em *oi*.

8ª) — Durante muito tempo prevaleceu a desinência *ei* para o nom. plural, reservando-se *i* para o gen. sing., apenas. Só no Império a desinência *i* conseguiu suplantar a antiga terminação *ei*. Os nomes em *ius* de regra geral fazem o nom. pl. em *ii*.

9ª) — O gen. pl. primitivamente era em *um*. Como vestígio desta desinência encontra-se o gen. em *um*, entre outros, nos nomes de línguas técnicas, como: nomes de moedas, pesos e medidas, ex.: *nummum, modium, iugĕrum*.

10ª) — Os nomes em *ius, ium,* fazem o dat. e ablat. pl. em *iis*.

11ª) — Há três neutros que excepcionalmente fazem o nom. e ac. sing. em *us*: *uirus, pelăgus* e *uulgus*.

NOTA IMPORTANTE: — No fim do Latim popular o ac. dos masculinos da 2ª dec. era em *u* para o sing. e *os* para o plural. Por isso em Português a maior parte das palavras masculinas derivadas da 2ª declinação terminam em *o* no sing. e *os* no plural. O italiano, porém, conserva formas de plural em *i* e em *a*, igualmente provindas do nom. masc. plural em *i*, e dos nom. e acus. neutro *a*. Ex.: *libri, uova*.

---

### b) *Primeira Classe de Adjetivos*

Chamam-se adjetivos da 1ª classe aqueles que no feminino se declinam pela 1ª declinação e no masculino e neutro pela segunda. Ex.: *iūstus, iūsta, iūstum,* justo; *carus, cara, carum,* caro; *niger, nigra, nigrum,* negro; *miser, misĕra, misĕrum,* misero.

PARADIGMAS

*Singular*

| | | | |
|---|---|---|---|
| Nom. | Iūst*us*, | iūst*a*, | iūst*um*. |
| Voc. | Iūst*e*, | iūst*a*, | iūst*um*. |
| Ac. | Iūst*um*, | iūst*am*, | iūst*um*. |
| Gen. | Iūst*i*, | iūst*ae*, | iūst*i*. |
| Dat. | Iūst*o*, | iūst*ae*, | iūst*o*. |
| Ablat. | Iūst*o*, | iūst*a*, | iūst*o*. |

*Singular*

| | | | |
|---|---|---|---|
| Nom. | Niger, | nigra | nigrum. |
| Voc. | Niger, | nigra | nigrum. |
| Ac. | Nigrum, | nigram, | nigrum. |
| Gen. | Nigri, | nigrae, | nigri. |
| Dat. | Nigro, | nigrae, | nigro. |
| Ablat. | Nigro, | nigra, | nigro. |
| Nom. | Miser, | misĕra, | misĕrum. |
| Voc. | Miser, | misĕra, | misĕrum. |
| Ac. | Misĕrum, | misĕram, | misĕrum. |
| Gen. | Misĕri, | misĕrae, | misĕri. |
| Dat. | Misĕro, | misĕrae, | misĕro. |
| Ablat. | Misĕro, | misĕra, | misĕro. |

*Plural*

| | | | |
|---|---|---|---|
| Nom. | Iūsti, | iūstae, | iūsta. |
| Voc. | Iūsti | iūstae | iūsta |
| Ac. | Iūstos, | iūstas, | iūsta. |
| Gen. | Iustōrum, | iustārum, | iustōrum. |
| Dat. | Iūstis, | iūstis, | iūstis. |
| Ablat. | Iūstis | iūstis | iūstis. |
| Nom. | Nigri, | nigrae, | nigra. |
| Voc. | Nigri, | nigrae, | nigra. |
| Ac. | Nigros, | nigras, | nigra. |
| Gen. | Nigrōrum, | nigrārum, | nigrōrum. |
| Dat. | Nigris, | nigris, | nigris. |
| Ablat. | Nigris, | nigris | nigris. |
| Nom. | Misĕri, | misĕrae, | misĕra. |
| Voc. | Misĕri, | Misĕrae, | misĕra. |
| Ac. | Misĕros, | misĕras, | misĕra. |
| Gen. | Miserōrum, | miserārum, | miserōrum. |
| Dat. | Misĕris, | misĕris, | misĕris. |
| Ablat. | Misĕris, | misĕris, | misĕris. |

NOTA: — Exceto os adjetivos *asper,a,um*, aspero; *liber,a,um*, livre; *prosper,a,um*, próspero; *miser,a,um*, misero; *tener,a,um*, tenro; e os compostos em *ger* e *fer*, todos os adjetivos perdem o *e*, nos casos declives, declinando-se como *niger*.

---

c) SUPERLATIVO

Processo empírico:

Forma-se o superlativo de qualquer adjetivo trocando-se a desinência do gen. singular por *issĭmus, a, um;* seguindo o superlativo, assim formado, exatamente a declinação dos adjetivos da 1ª classe. Ex.: iustus, a, um; superlativo: iust(i)ssĭmus, a, um.

NOTAS:

1ª) — Se o adjetivo terminar em *r* no nom. masc. singular, acrescenta-se-lhe *rĭmus, rĭma, rĭmum,* seguindo igualmente a 1ª classe dos adjetivos. Ex.: *niger, a, um*; *nigerrĭmus, nigerrĭma, nigerrĭmum.*

2ª) — Os adjetivos terminados no nom. masc. sing. em *dicus, ficus* e *uolus,* trocam, no superlativo, essas terminações por *dicentissĭmus,a,um; ficentissĭmus,a,um; uolentissĭmus,a,um.* Ex.: bene*dĭcus,a,um,* benédico; superlativo: *benedicentissĭmus,a,um;* male*fĭcus,a,um,* maléfico; sup. — male*ficentissĭmus,a,um; beneuŏlus,a,um,* benévolo; sup. — bene*uolentissĭmus,a,um...*

3ª) — Os seguintes adjs., terminados em *ilis,* fazem o sup. trocando essa terminação por *lĭmus,a,um.* Ex.: *facĭlis,* fácil; sup. — faci*lĭmus,a,um; difficilis,* difícil; sup. — diffici*lĭmus,a,um; simĭlis,* semelhante; sup. — simi*lĭmus, a,um; dissimĭlis,* dissemelhante; sup. — *dissimilĭmus,a,um; gracĭlis, grácil;* sup. — graci*lĭmus,a,um; humĭlis,* humilde; sup. — humi*lĭmus,a,um.*

4ª) — Os seguintes adjs. apresentam o sup. completamente irregular: *bonus,a,um,* bom; sup.: *optĭmus,a,um; malus,a,um,* mau; sup.: *pessĭmus,a,um; paruus,a,um,* pequeno; sup.: *minĭmus,a,um; magnus,a,um,* grande; sup.: *maximus,a,um.*

5ª) — Os adjs. em *eus, ius* e *uus* não admitem superlativos sintéticos, em vez dos quais se empregam formas analíticas por meio de advérbios como *maxĭme, ualde, magis,* etc.

NOTA IMPORTANTE: — O uso das formas perifrásticas desenvolveu-se de tal sorte que conseguiu sobrepujar os superlativos sintéticos. Assim, nas línguas românicas, todos os superlativos oriundos do latim popular são analíticos. Na Renascença, porém, com o reviver dos estudos clássicos, os eruditos de então passaram a usar superlativos sintéticos calcados nos moldes latinos diretamente. Assim, por exemplo, em português temos, por influência do italiano, numerosos superlativos sintéticos, como *paupérrimo, benevolentíssimo, dulcíssimo,* etc. Por isso, um meio prático de se formar o superlativo de um adjetivo em latim é tomar-se o superlativo do adjetivo correspondente em português trocando-se a terminação portuguesa deste (*o, a*) pela latina (*us, a, um*). Ex. *magnus, a, um,* em português, grande. O superlativo de grande é máximo; portanto, trocando-se a terminação *o* por *us, a, um* teremos formado o superlativo de *magnus, maximus, a, um.*

---

d) *Advérbios Derivados dos Adjetivos da 1ª Classe*

A adjetivos da 1ª classe correspondiam, de regra geral, advérbios de modo em *e.* Ex.: *iustus*,a,um — iust*e*; *rectus*,a.um — rect*e*; *bonus*,a,um — ben*e*.

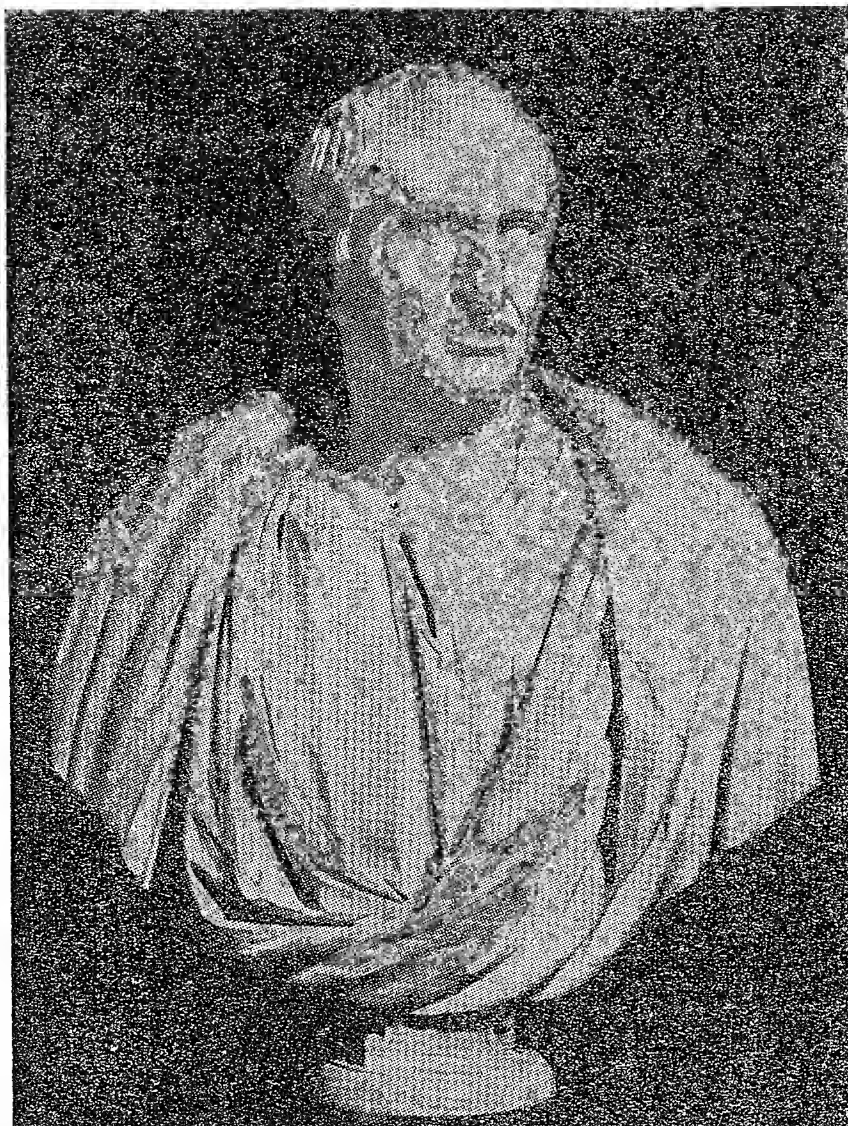
NOTAS:

1ª) — Alguns adjetivos da 1ª classe, entretanto, formam advérbios de modo em *o*: *falsus,a,um,* falso — falso; *tutus,a,um,* seguro — tuto, em segurança, etc.

2ª) — Os advérbios em *e* formam o superlativo, tomando-se o sup. do adjetivo de que se derivam, e trocando-se-lhes a desinência *us* por *e*. Ex.: *iuste* — iustissĭmus,a, um, sup. do advérbio *iustissĭme; bene,* optĭmus,a,um, superlativo do adv. *optĭme.*

3ª) — Os advérbios em *o* formam o superlativo trocando-se as desinências do sup. do adjetivo de que se derivam por *o*. Ex.: falso, falsissĭmus,a,um — falsissĭmo; tuto, tutissĭmus,a,um — tutissĭmo.

---



M. T. Cícero, o maior orador romano de todos os tempos, grande advogado, aprimorado escritor e polígrafo, político, e polemista ardoroso, foi consul em 63 a. C. Nasceu em Arpinum em 106 a. C., morrendo assassinado em 43 a. C.

CAPÍTULO IV

## 3ª Declinação

A 3ª declinação compreende nomes masculinos, femininos e neutros. De todas as declinações é a mais difícil e complexa, em virtude da multiplicidade dos temas, modificados, não raro pelo embate das leis fonéticas, alternâncias, etc. Daí numerosas formas para o nom. sing, que por vezes diferem bastante das dos casos declives.

Divide-se em dois grandes grupos: temas sonânticos e temas consonânticos. Os primeiros se subdividem em temas sonânticos propriamente ditos e temas sonânticos sincopados. Os consonânticos subdividem-se em: 1) temas terminados por uma oclusiva gutural, bilabial ou linguo-dental; 2) temas terminados em líquida ou nasal; 3) temas terminados por sibilante. Além destes há ainda um grupo formado pelos chamados temas mixtos e outro pelos anômalos.

Esta classificação, que tem por si o valor científico, parece-nos, entretanto, demasiadamente complexa, razão por que nos limitamos em oferecer um esquema das desinências, tratando em notas especiais os casos que poderiam oferecer maior dificuldade.

| *Singular* | *Plural* |
|---|---|
| Nom. — S (ou qualquer outra desinência) | es (neutros *a*) |
| Voc. — Igual ao nominativo | " " " |
| Ac. — *em* ou *im* (nos neutros igual ao nominativo) | " " " |

| *Singular* | *Plural* |
| --- | --- |
| GEN. — *is* | *ium* ou *um* |
| DAT. — *i* | *ĭbus* |
| ABL. — *e* ou *i*. | " |

NOTAS:

1ª) — De regra geral o nominativo da 3ª declinação termina em *s*. Por motivos de ordem fonética ou pela analogia, às vezes este *s* se transforma, como por exemplo em *arbor*, árvore, em vez de *arbos*. Outras vezes dá-se o caso de aparecer no nom. o tema puro, sem desinência casual.

2ª) — Os temas sonânticos masculinos e femininos fazem o nominativo em geral em *is*, e raramente em *es*. Ex.: *auris, is,* orelha; *clades, is,* derrota. Os neutros teem o nom., e portanto o voc. e o acus. em *e*. Ex.: *mare*,is, mar. Entretanto quando este *e* vinha precedido de *r* ou *l* nos temas em *ali* e *ari* sofria apócope, daí os neutros terminados em *r* e *l*, como por exemplo: *anĭmal,is,* animal; *exēmplar*,is, exemplar.

3ª) — Os temas consonânticos terminados por oclusivas, gutural, bilabial ou linguo-dental no nom. masc.-femin. terminam em *s*. Entretanto, há a notar que os terminados em linguo-dental *d* e *t*, assimilam-na ao *s* da desinência, dando-se posteriormente a simplificação das duas consoantes. Assim, pois, temos *uox* (uocs), *uocis,* voz; *lex* (legs), *legis,* lei; *plebs, plebis,* plebe; *pes* (peds, pess), *pedis,* pé; *miles* (milets, miless), *milĭtis,* soldado. Os neutros apresentam no nom. acus. sing. o tema puro. Ex.: *cor, cordis,* coração; *lac, lactis,* leite.

4ª) — Os temas terminados por líquida, masculinos e femininos, fazem o nom. sing. sem a desinência *s*. Ex.: *imperātor,is,* general; *sal,is,* sal. Os neutros também apre-

sentam a líquida no nom. e acus. sing.: — *nectar*,is, néctar; mel, mellis, mel. (1)

5ª) — Os temas em nasal também não apresentam a desinência *s* no nom. sing., mas o tema puro, com o alongamento da vogal predesinencial. Os terminados em *on* perdem, entretanto, a nasal no nom., abreviando-se também a vogal temática por analogia; os terminados em *en* conservam a nasal. Ex.: *homo, ĭnis,* homem; *numen, ĭnis,* nume. Os neutros terminam todos em *en* no nom. ac. sing. Ex.: *agmen, ĭnis,* multidão.

6ª) — Os temas sigmáticos (em *s*), quase todos masculinos e neutros, apresentam *s* no nom. Divergem apenas pela quantidade da vogal final; enquanto que nos masculinos alongam-se no nom., ex. *pubēs, ĕris,* púbere; os neutros conservam-na breve, ex. *genŭs, ĕris,* gênero. Chama-se *rotacismo* a lei fonética em virtude da qual *s* entre vogais passou a *r*. Ex.: *pubes, ĕris.* A's vezes, por analogia com os outros casos, este *r* estende-se até ao nominativo. Ex.: *arbor,* is.

7ª) — O gen. sing. é sempre em *is.* Damos alguns genitivos difíceis de reconhecer com relação ao nom.: Iupĭter, gen. — *Iovis,* Júpiter; bos — *bouis,* boi; *supēllex* — *supellectĭlis,* mobilia; *caro* — *carnis,* carne; *iter* — *itinĕris,* caminho; iĕ*cur* — *iecinĕris,* fígado; *femur* — *femĭnis,* côxa.

8ª) — O dat. sing. é sempre em *i.*

9ª) — O ac. sing. é de regra geral em *em* para os masculinos e femininos. Os neutros, como já vimos, tem-no igual ao nom. sing. Primitivamente os temas em *i* tinham o ac. sing. em *im* e os consonânticos em *em.* Posteriormente este ac. em *im* transformou-se em *em,* confundindo-se as terminações dos dois temas (sonânticos e con-

---

(1) Primitivamente diferiam os masculinos e femininos dos neutros pelas alternâncias.

sonânticos) e fixando-se em *em* a trminação do ac. sing. Entretanto em latim clássico ainda apareciam vestígios desse primeiro estado de coisas, havendo algumas palavras, quase todas de línguas técnicas, que tinham o ac. em *im*. Exs.: *amūssim*, cordel; *burim*, rabica do arado; *cucŭmim*, pepino; *fatim*, fenda (desusado); *futim*, vaso; *rauim*, rouquidão; *rumim*, esôfago; *sitim*, sêde; *Tiberim*, Tibre; *tussim*, *tosse*, e *uim*, fôrça. Havia outros em que as desinências *em* e *im* alternavam. Exs.: febr*im* e febr*em*, febre; nau*em* e nau*im*, náu; pupp*em* e pupp*im*, pôpa; turr*em* e turr*im*, torre, etc.

10ª) — O ablativo sing. é geralmente em *e*. Primitivamente os temas sonânticos tinham-no em *i*, e os consonânticos em *e*, havendo posteriormente como no caso do acus., confusão das duas terminações. O ablativo em *i*, porém, deixou mais numerosos vestígios do que o ac. E' constante nos temas em *i*, nos seguintes casos: 1º) nos neutros; 2º) nos adjetivos da 2ª classe; 3º) nos nomes que tinham o ac. sempre em *im*.

11ª) — O nom., voc. e ac. pl. são, para os nomes masculinos e femininos, regularmente em *es*. Primitivamente os temas em *i* diferenciavam o nom. e voc., que eram, respectivamente, em *es* e em *is*. Há dessa diferenciação numerosos documentos na literatura arcaica, mas afinal, por analogia com o ac. sing. em *em* e com as formas do nom., ac. e voc. dos temas consonânticos, prevaleceu a forma *es* para os três casos do plural. O nom., voc. e ac. neutro regularmente em *a* nos temas consonânticos e em *ia* nos temas sonânticos.

12ª) — O gen. pl. é naturalmente em *ium* para os temas sonânticos e em *um* para os em consoante.

13ª) — Um grande número de nomes, principalmente monossílabos, terminados em ns, rs, bs, ps, lx, faz o gen. pl. em *ium*. Ex.: *urbs*, cidade; *mons*, monte; *arx*, cidadela; etc.

14ª) — O dat. e ablat. pl. para ambos os temas é *ĭbus*, mas, enquanto que o *i* nos temas sonânticos é vogal temática, nos consonânticos é vogal de ligação.

## SUBSTANTIVOS IRREGULARES

*Bos*, boi, gen. sing. *bouis*, gen. pl. *boum*, dat. e abl. pl *bobus* ou *bubus*.

*Sus*, porco, gen. sing. *suis*, dat. e ablat. pl. *suĭbus* ou *sūbus*.

*Uis*, fôrça, ac. sing. *uim*, abl. sing. *ui*; pl. nom. ac. voc. *uires*, gen. *uirĭum*, dat. e abl. *uirĭbus*.

### b) *Adjetivos da 2ª Classe*

Chamam-se adjetivos da 2ª classe aqueles que se declinam pela 3ª declinação. Os mais numerosos desses adjetivos tinham uma só forma para os nom. e voc. dos masc. e fem., em *is*, e outra para os neutros em *e*. Ex.: breuis,e, breve. Havia alguns, os menos numerosos, que tinham uma forma para cada gênero no nom. voc. sing. Ex.: salūber,is,e, salubre. Enfim, outros com uma só forma para os três gêneros. Ex.: felix, feliz. As gramáticas os costumam denominar biformes, triformes e uniformes. Todos esses adjetivos que seguem exatamente a 3ª declinação, teem como única particularidade que assinalar o fazerem o abl. sing. sempre em *i*.

### c) *Participios Presentes*

Os part. presentes em *ns* seguem, todos, a 3ª declinação, fazendo o abl. sing. em *e*, quando funcionam como participio, e em *i*, quando funcionam como adjetivo.

### d) *Comparativo dos adjetivos*

Processo empírico:

Forma-se o comparativo de um adj. substituindo a desinência do gen. sing. por *ior* para o masculino e femi-

nino e *ius* para o neutro. Seguem exatamente a 2ª classe dos adjetivos. Ex. *iustus, a, um*. Gen. *iusti*, comparativo *iustior, iustius*.

NOTAS:

1ª) — Os adjetivos terminados em *dicus, ficus* e *uolus* fazem o comp. em *dicentĭor, ĭus; ficentĭor, ĭus; uolentĭor, ĭus*. Ex.: *beneuŏlus*, comp. — *beneuolentĭor, ĭus*.

2ª) — Os seguintes adjetivos formam o comp. irregularmente: *paruus*, comp. *minor*,us; *magnus*, comp. *maior, us; bonus*, comp. *melior, us; malus*, comp. *peior, us*.

NOTA IMPORTANTE: — Como já vimos, o uso do comparativo analítico desenvolveu-se no próprio Latim, desaparecendo no romance o comparativo sintético. Entretanto, em português temos numerosos vestígios desses comparativos sintéticos, alguns deles até suplantando totalmente na língua culta as formações perifrásticas. Ex.: maior, melhor, etc.

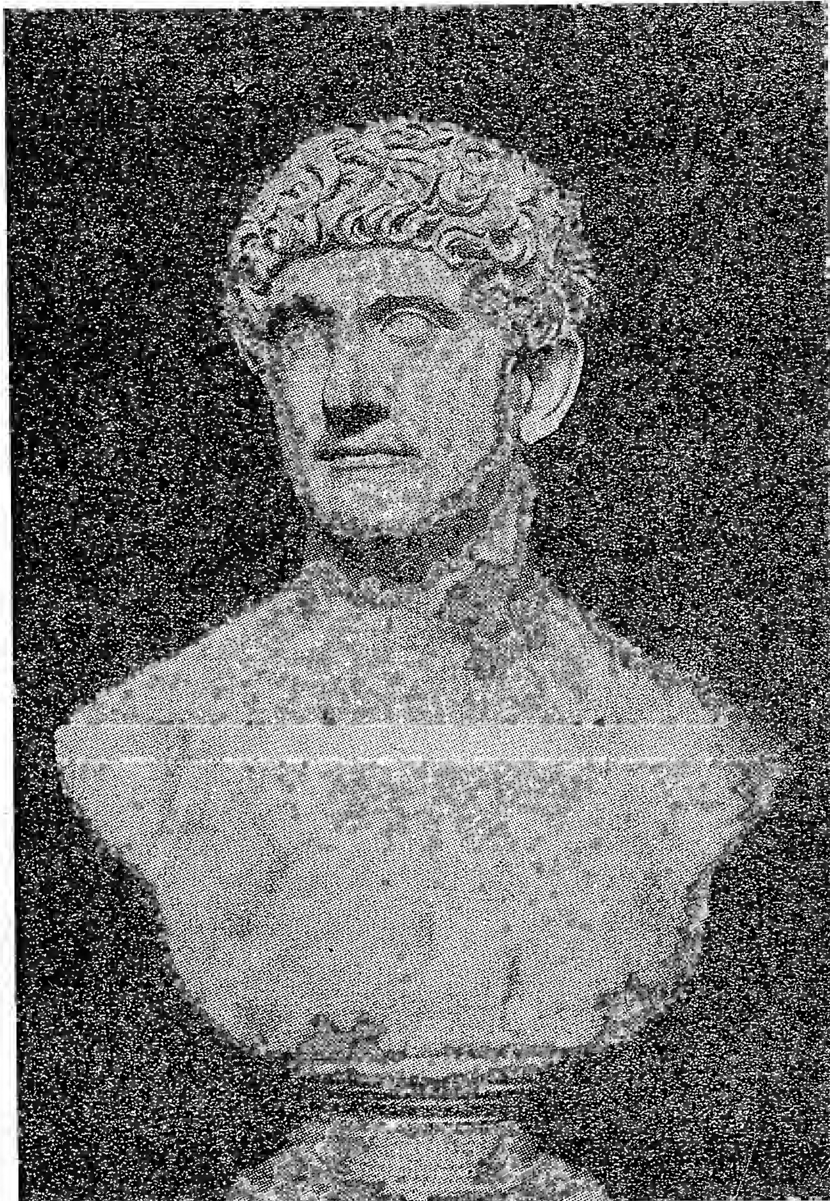
*e) Advérbios derivados dos adjetivos da 2ª classe*

Aos adjetivos da 2ª classe correspondiam de regra geral advérbios em *ter*. Ex.: *breuis,e* adv. *breuĭter; felix* adv. *felicĭter*, etc.

f) *Comparativo dos advérbios de modo*

Forma-se o comparativo de um advérbio de modo tomando o nom. sing. do comp. neutro do adjetivo de que se deriva o advérbio. Ex.: iuste comp. neutro nom. sing. de iustus,a,um é *iustius*. Logo o comparativo do advérbio *iuste* será *iustius*. Breuiter, comp. neutro nom. sing. de breuis,e, é *breuius*. Logo o comp. do adv. breuiter será *breuius*.

NOTA — Só teem comparativo e superlativo os advérbios de modo que se derivam de adjetivos qualificativos.



Marco Antonio. Amigo devotado de César, foi por sua extraordinaria bravura homem de confiança do grande general, que o deixou em Roma como seu preposto, enquanto se ausentava, em suas conquistas longínquas. Depois da morte de César, empenhou-se na perseguição de seus assassinos. Apaixonando-se por Cleópatra, indispôs-se com Augusto, por quem foi batido na batalha de Actium.

## CAPÍTULO V

### 4ª Declinação

A 4ª declinação encerra substantivos masculinos, femininos e neutros.

Como já foi dito, os poucos substantivos pertencentes á 4ª declinação, pela sua semelhança com a 2ª e com a 3ª, acabaram encorporando-se a essas declinações. E isso não se verificou apenas no fim do latim popular, mas desde o princípio da tradição literária, como provam certos substantivos que seguiam ora a 4ª declinação, ora a 3ª, ora a 2ª.

PARADIGMAS

*Masc. e Femininos*

| *Singular* | | *Plural* | |
|---|---|---|---|
| NOM. VOC. GEN. | *fructus* | NOM. VOC. AC. | *fructus* |
| AC. | *fructum* | GEN. | *fructuum* |
| DAT. | *fructui* | DAT. ABL. | *fructibus* |
| ABL. | *fructu* | | |

*Neutros*

| *Singular* | | *Plural* | |
|---|---|---|---|
| NOM. VOC. AC. ABL. | *cornu* | NOM. VOC. AC. | *cornua* |
| GEN. | *cornus* | GEN. | *cornuum* |
| DAT. | *cornui* | DAT. ABL. | *cornibus* |

NOTAS:

1ª) — Os masc. e fem. apresentam no nom. voc. sing. a desinência *s;* os neutros apresentam o tema puro.

2ª) — O gen. dos masc. e fem. difere do nom. voc. pela quantidade: o gen. é longo e o voc. nom. é breve.

3ª) — A's vezes aparece nos poetas uma forma de dat. contrato em *u.*

4ª) — Há indecisões sobre a quantidade do *u* do nom. ac. e voc. neutros. Uns os consideravam breve, outros longo.

5ª) — Os gen. e dat. neutros na época clássica eram respectivamente em *us* e *ui* e não em *u.*

6ª) — O dat. e ablat. pl. tinham como desinência *bus,* que se ligava diretamente ao tema. Como o *u* interior tinha uma pronúncia difícil, (fácil de se confundir com o *i*) era, às vezes representado por essa letra, predominando enfim o *i* por influência da 3ªdecl. Entretanto aparecem sempre com *u* os seguintes substantivos: *arcus,* arco, *arcŭbus; tribus,* tribu, *tribŭbus; quercus,* carvalho, *quercŭbus.*

7ª) — Como já se disse, os substantivos da 4ª decl. tendiam confundir-se freqüentemente com os da 2ª e da 3ª, havendo mesmo quem os classificasse numa categoria especial a que denominaram dos nomes heteroclitos.

Isso provinha não só do latim arcaico, mas do próprio indo-europeu. *Domus* ,casa, é um exemplo, e como substantivo muito usado em latim, e com derivados em português (doméstico, domicilio), daremos aqui sua declinação.

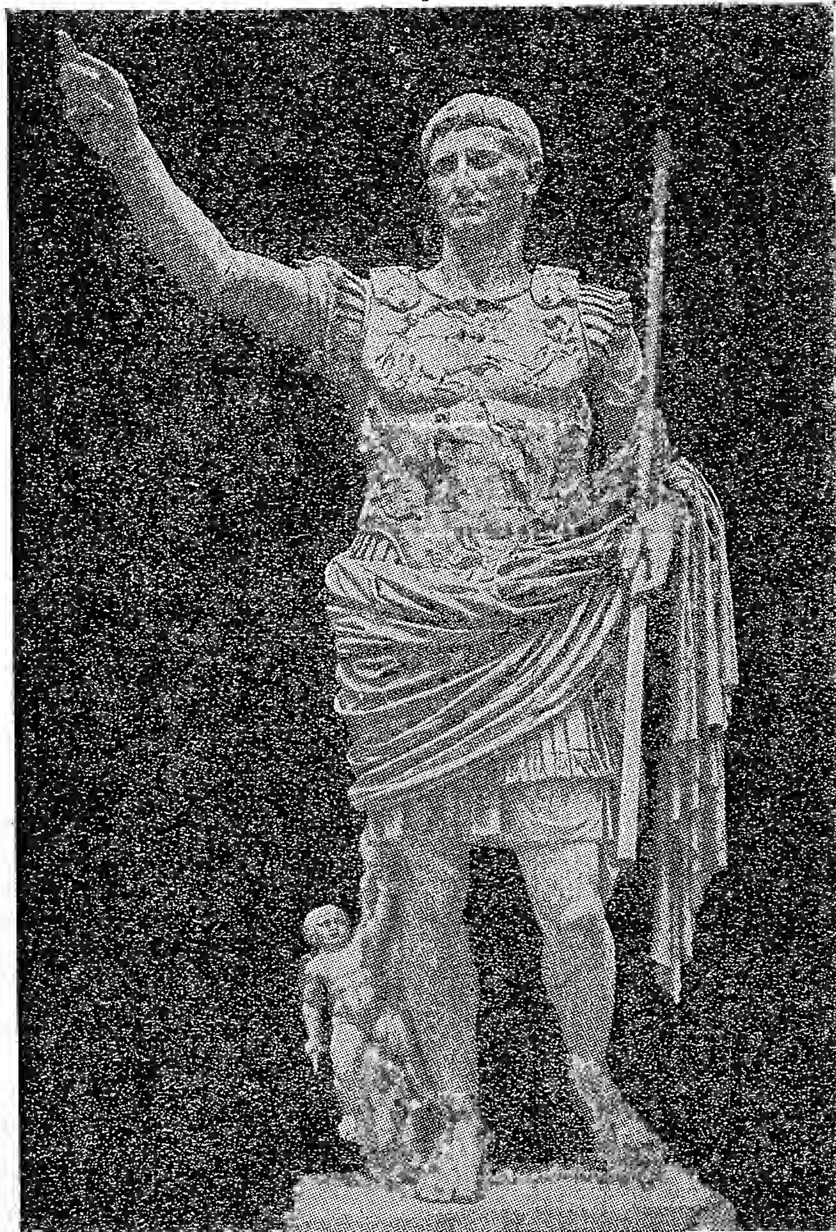
*Singular*

| | | | |
|---|---|---|---|
| N. V. | *domus* | D. | *domo* / *domui* |
| Ac. | *domum* | | |
| G. | *domus* ou *domi* | Ab. | *domo* / *domu* |

*Plural*

| | | | |
|---|---|---|---|
| N. V. | *domus* | D. / Ab. | *domĭbus* |
| Ac. | *domus* / *domos* | | |
| G. | *domuum* / *domōrum* | | |

---



Octavio Augusto, herdeiro e sucessor de César, não foi propriamente um guerreiro, mas um verdadeiro gênio político. Depois da batalha de Actium tornou-se o único senhor do mundo. Viveu de 43 a. C. até 14 de nossa éra.

CAPÍTULO VI

## 5ª Declinação

Os substantivos da 5ª declinação são femininos, exceto *dies*, dia, que pode ser masculino e seu composto *meridies* sempre masculino. Por conseguinte, não há neutros na 5ª declinação.

Como a 4ª declinação, conta com poucos substantivos e estes, também, como acontecia com a declinação precedente, tendiam a se encorporar em outras declinações: na 1ª e na 3ª.

Só *res*, coisa, e *dies*, dia, são empregados no plural.

PARADIGMA

| Singular | | | | Plural | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| N. V. | *res* | G. D. | *rei* | N. V. Ac. | *res* | D. Ab. | *rebus* |
| Ac. | *rem* | Ab. | *re* | | | G. | *rerum* |

NOTAS:

1ª) — A maior parte das palavras da 5ª decl. são substantivos abstratos, daí não terem plural.

2ª) — Na língua arcaica aparecia um gen. sing em *es*. Ex.: *rabies*, em vez de *rabiei*, raiva.

3ª) — Na época republicana houve um gen. sing em *ii* usado por Cícero e outro em *ie* usado por Cesar e Salustio.

4ª) — Houve um dativo em *e* que, segundo Aulo Gélio, era a forma preferida pelos puristas.

## CAPÍTULO VII

### a) Declinação dos Substantivos Gregos

Primeiramente a regra seguida com referência aos substantivos gregos introduzidos no Latim era dar-lhes formas latinas, enquadrando-os estritamente na declinação latina. Posteriormente, com o desenvolvimento do helenismo em Roma, procuraram os gramáticos transcrevê-los com uma forma que mais se aproximasse da que tinham em sua declinação grega, resultando daí como que uma declinação mixta greco-latina. Cumpre, porém, notar que no plural se seguia, por via de regra, a declinação latina, havendo apenas, ás vezes, modificações no genitivo.

Resta ainda acrescentar que em prosa, na época clássica, se dava sempre preferência á forma puramente latina. Em poesia é que estas formas greco-latinas eram mais usadas, muitas vezes exclusivamente como recurso de métrica.

### b) 1ª Declinação

Seguem a 1ª declinação as palavras gregas terminadas em *e*, *as* e *es*. No plural seguem exatamente a declinação latina, apresentando divergências no singular.

Tomaremos para paradigmas os seguintes substantivos: *epitome*, resumo; *Aeneas*, Enéas, e *magnates*, potentado.

| | | | |
|---|---|---|---|
| N. | epitome | Aeneas | Magnates |
| V. | epitome | Aenea | magnata |
| Ac. | epitomem | Aeneam | magnaten |
| G. | epitomes | Aeneae | magnatae |
| D. | epitomae | Aeneae | magnatae |
| Ab. | epitome | Aenea | magnata |

NOTAS:

1ª) — Os nomes em *es* ás vezes se confundem com os da 3ª decl. pela semelhança das desinências, aparecendo um gen. em *is* e um ac. em *em*.

2ª) — Os nomes em *ades* e *ides* de regra geral, fazem o gen. pl. em *um*: *Dardanĭdes*, troianos, gen. *Dardanĭdum*.

### c) 2ª Declinação

Os nomes gregos em *os* eram muito parecidos com os nomes latinos, de sorte que de regra geral seguem exatamente esta declinação.

Há, entretanto, que notar:

1) — Os substantivos em *EUS* pela terminação entraram na 2ª decl. latina, fazendo apenas o voc. em *eu*. *Prometheus*, Prometeu.

2) — Encontra-se o nom. pl. em *oe* em títulos de comedias: *Adelphoe*.

3) — Encontra-se também o gen. pl. *on* em adjetivos empregados como títulos de livros. Ex.: *Georgicon*, das Geórgicas.

### d) 3ª Declinação

Os chamados nomes gregos da 3ª declinação, na época clássica, seguiam exatamente a declinação latina, fazendo apenas o acus., de regra geral, em *im*, raramente em *in*, e o ablat. em *i*. E' o caso de *poesis* e outros que o tomam como paradigma.

Trazem os neutros em *ma* algumas dificuldades, tomando alguns casos da 2ª declinação.

## PARADIGMA

| *Singular* | | *Plural* | |
|---|---|---|---|
| N. Ac. V. | *poema* | N. V. Ac. | *poemata* |
| G. | *poemătis* | G. | *poematōrum* |
| D. | *poemăti* | D. Ab. | *poematis* |
| Ab. | *poemăte* | | |

---



P. Vergílio Maro nasceu perto de Mântua em 70 a. C., vivendo até 13 a. C. Autor das Bucólicas, das Geórgicas e da Eneida o poema Nacional de Roma, foi Vergílio o maior gênio poético do chamado século de Augusto, e de toda a literatura latina, rivalizando e por vezes excedendo os seus modelos gregos.

CAPÍTULO VIII

# Adjetivos

Ao estudarmos as três primeiras declinações já vimos o que há de essencial sobre as declinações de adjetivos e seus graus de comparação. Pouco teremos, pois, que acrescentar.

Demos os adjetivos divididos em duas clases: 1º) os que seguem as 1ª e 2ª declinações; 2º) os que seguem a 3ª declinação. Destes os mais dificeis são os uniformes, pois, seguindo os temas consonânticos e mixtos da 3ª declinação, teem uma grande variedade de formas para o nominativo singular.

Nos adjetivos da 2ª classe observa-se como tendência predominante a identidade de flexões entre masculinos e femininos, ainda perfeitamente distintos na 1ª classe. Em português se dá a mesma coisa nos adjetivos derivados dos da 2ª classe. Na língua antiga, ainda mais do que hoje, pois, as palavras em *ês* eram invariáveis quanto ao gênero, ex.: *ũa molher português.*

Como vestígios desse estado de coisas conservam-se ainda hoje invariáveis quanto ao gênero os adjetivos cortês, tremês, pedrês, montês, etc.

Passemos aos gráus de comparação.

O comparativo de igualdade e de inferioridade bem como o superlativo de inferioridade já tinham em Latim formação perifrástica, por meio dos advérbios: *tam, minus* e *minĭme.* Em português, para os dois primeiros casos, a formação é a mesma, recorrendo-se aos mesmos advérbios que em Latim.

Para o comparativo de superioridade o Latim tinha uma formação sufixal em *yos, mas paralelamente também apresentava uma formação perifrástica com o auxílio dos advérbios *plus* e *magis*. Já dissemos que este último processo foi o vencedor, passando para as línguas românicas, onde algumas tomaram o advérbio *plus*, como, por exemplo, o francês e outras o adv. *magis*, como por ex. o espanhol. O português arcaico usou as duas formas *mais* e *chus*, mantendo-se, enfim, a 1ª em detrimento da 2ª. O sufixo *yos, no nom. masc.-fem. toma a forma *ior* por analogia com os outros casos. O neutro, porém, conserva a sibilante, *ius*.

Para o superlativo o Latim tinha uma formação sufixal em *mo, com a característica de a mesma forma usar-se tanto para o superlativo relativo como para o absoluto. Esse sufixo *mo podia ser empregado sozinho ou unido a outros sufixos, daí a multiplicidade aparente de formas de superlativo.

Paralelamente a essa formação o latim clássico também possuía outra perifrástica que, como no caso do comparativo, acabou por suplantar a 1ª, estendendo-se nas línguas românicas, onde só há superlativos sintéticos de formação artificial por influência erudita. Os superlativos perifrásticos formavam-se em Latim com os advérbios *multo, ualde, maxime*. Predominou o primeiro advérbio em nossas formações de superlativo. O Latim possuía ainda um processo de superlativo por prefixação, que consistia em antepôr aos adjetivos os prefixos *prae* e *per*. Ex.: *praeclarus*, ilustríssimo; *percommŏdus*, muito cômodo.

### *Adjetivos deficientes em grau*

Havia em Latim deficientes em grau. Assim só teem positivo os adjetivos de matéria, como por ex. *aureus*, de ouro; adjetivos locativos, como *Romanus*, romano; *Graecus*, grego.

Em português dá-se o mesmo.

*Não se usam no comparativo,* mas no superlativo, entre outros os seguintes: *falsus,* falso; *inclitus,* inclito; *nouus,* novo; *uetus,* velho. Os primeiros em *issĭmus* e o último em *errĭmus.*

*Não se usam no superlativo,* mas no comparativo, entre outros, muitos adjetivos em *ĭlis,* derivados de verbos, como por exemplo: *agĭlis, probabĭlis* e outros como *ater, longinquus, propinquus,* etc.

*Não teem positivo os seguintes:*

| Comp. | Superl. |
|---|---|
| *Citerĭor,* citerior, | *citĭmus* |
| *Exterĭor,* exterior, | *Extrēmus* (*extĭmus*) |
| *Inferĭor,* inferior, | *infĭmus, imus* |
| *Interĭor,* interior, | *intĭmus* |
| *Prĭor,* primeiro, | *primus* |
| *Proprĭor,* mais perto, | *proxĭmus* |
| *Posterĭor,* posterior, | *postrēmus* |
| *Superĭor,* superior, | *suprēmus, summus* |
| *Ulterĭor,* ulterior, | *ultĭmus* |

NOTA: — Todos esses adjetivos aparecem em português como em Latim, por terem sido introduzidos na língua pela corrente erudita.



Mecenas, ministro de Augusto, homem de prodigiosa capacidade de trabalho, tornou-se célebre pela proteção que sempre dispensou às letras, sendo amigo de Vergílio e protetor de Horácio

## CAPÍTULO IX

# Pronomes

Dividem-se os pronomes em dois grandes grupos: 1°) pronomes demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos; 2°) pronomes pessoais aos quais se ligam os possessivos.

Os pronomes do 1° grupo seguem de um modo geral os temas em *o* e *a*, entretanto com as seguintes características: geralmente *e* no nom. masc. sing.; *od* ou *ud* para o nom. ac. neutro sing.; gen. sing. em *īus*; dat. em *i*. Alguns deles aparecem ainda acompanhados das partículas *ce*, *dem*.

### a) DEMONSTRATIVOS

*Ille, Illa, Illud,* esse, aquele

*Singular*

| | | | |
|---|---|---|---|
| N. | *ille* | *illa* | *illud* |
| Ac. | *illum* | *illam* | *illud* |
| G. | *illīus* (para os tres) | | |
| D. | *illi* " " " | | |
| Ab. | *illo* | *illa* | *illo* |

*Plural*

| | | | |
|---|---|---|---|
| N. | *illi* | *illae* | *illa* |
| Ac. | *illos* | *illas* | *illa* |
| G. | *illōrum* | *illārum* | *illōrum* |
| D. / Ab. | *illis* (para os três gen.) | | |

NOTAS:

1) — *Iste,a,ud,* que tem mais ou menos a mesma significação de *ille,* esse, aquele, se declina da mesma forma.

2) — Como se vê, excetuando-se o nom., o dat. e o gen. sing., que teem formas próprias, esses pronomes seguem exatamente a 1ª classe dos adjetivos, não se declinando, além disso, no voc.

3) — Estes pronomes na poesia arcaica apareciam freqüentemente precedidos dos prefixos expletivos *eccu* ou *eccum* e de *atque.* Da fusão destas formas temos como resultante a forma *aqueste* do português arcaico e *aquele,* ainda hoje corrente. Além das formas femininas destes pronomes ainda o português tem *isto* e *aquilo* como vestigios do neutro.

*Hic, Haec, Hoc,* este, esse

*Singular*

| | | | |
|---|---|---|---|
| N. | *hic* | *haec* | *hoc* |
| Ac. | *hunc* | *hanc* | *hoc* |
| G. | *huius* (para os três generos.) | | |
| D. | *huic* | " " " | " |
| Ab. | *hoc* | *hac* | *hoc* |

*Plural*

| | | | |
|---|---|---|---|
| N. | *hi* | *hae* | *haec* |
| Ac. | *hos* | *has* | *haec* |
| G. | *horum* | *harum* | *horum* |
| D. / Ab. | *his* (para os três generos) | | |

NOTAS:

1) — Este pronome é formado por um tema de origem obscura mais a particula *ce,* tendo havido posteriormente a apócope do *e.*

2) — *Hic, haec, hoc* foi suplantado por *iste,a,ud,* não passando para o português, onde hoje há um vestígio no adverbio *agora,* de *hac hora.*

IS EA ID, *o* (que), serve principalmente para annunciar um relativo, é como que o correlativo do relativo indefinido.

*Singular*

| | | | |
|---|---|---|---|
| N. | *is* | *ea* | *id* |
| Ac. | *eum* | *eam* | *id* |
| G. | *eius* (para os três generos) | | |
| D. | *ei* " " " " | | |
| Ab. | *eo* | *ea* | *eo* |

*Plural*

| | | | |
|---|---|---|---|
| N. | *i, ii, ei;* | *eae.;* | *ea* |
| Ac. | *eos* | *eas* | *ea* |
| G. | *eōrum* | *eārum* | *eōrum* |
| D. / Ab. | *is, iis* ou *eis* (para os três generos) | | |

NOTAS:

1) — Este pronome é formado por dois temas **i* que aparece no nom. masc. e neutro e *eyo, eya, nos outros casos.

2) — Is, ea, id apresenta um composto formado pela partícula *dem*: *idem, eadem, idem* — o mesmo. Declina-se is, e a terminação *dem* permanece invariável.

3) — Tanto *is* como o seu composto não passaram para o português. Entretanto a forma *id* hoje está muito divulgada pela tecnologia de Freud e *idem* sempre apareceu na linguagem escrita para evitar repetição nas enumerações.

*Ipse, Ipsa, Ipsum*, o próprio, o mesmo

*Singular*

| | | | |
|---|---|---|---|
| N. | *ipse,* | *a,* | *um* |
| Ac. | *ipsum,* | *am,* | *um* |
| G. | *ipsīus* (para os três generos) | | |
| D. | *ipsi* " " " " | | |
| Ab. | *ipso,* | *a,* | *o* |

*Plural*

| | | | |
|---|---|---|---|
| N. | *ipsi* | *ae* | *a,* |
| Ac. | *ipsos* | *as* | *a* |
| G. | *ipsōrum* | *ārum* | *ōrum* |
| D. / Ab. | *ipsis* (para os três generos) | | |

NOTAS:

1) — *Ipse* parece formado de *i* mais a partícula *pse*, originariamente invariável. Havendo depois esquecimento desta composição e provavelmente por analogia com *iste* e *ille* a última parte da palavra passou a ser flexionada. Como comprovante do que ficou dito há as formas arcaicas: *eapse, eumpse, eopse,* etc.

2) — Igualmente na língua arcaica aparecia um nom. masc. sing. *ipsus*.

3) — *Ipse* passou para o português dando-nos os demonstrativos esse, essa e isso, que é um vestígio do neutro.

4) — *Ipse* teve como formas enfáticas *metipse, ipsimus* e o parasintético *metipsĭmus*. Dessas formas resultam, *mesmo* de *metipsĭmu* e *medês,* do português arcaico, derivado de *metipse*.

## b) PRONOMES RELATIVOS E INTERROGATIVOS

O relativo *qui, quae, quod* tem de comum com os demonstrativos as formas do gen. e dat. sing. em *ius, i;* as formas do ab. sing.; do gen. plural, etc. Vejamos sua declinação:

*Singular*

| | | | |
|---|---|---|---|
| N. | *qui* | *quae* | *quod* |
| Ac. | *quem* | *quam* | *quod* |
| G. | *cuius* (para os três generos) | | |
| D. | *cui* " " " " | | |
| Ab. | *quo* | *qua* | *quo* |

*Plural*

| | | | |
|---|---|---|---|
| N. | *qui* | *quae* | *quae* |
| Ac. | *quos* | *quas* | *quae* |
| G. | *quōrum* | *quārum* | *quōrum* |
| D. / Ab. | *quĭbus* (para os três generos) | | |

NOTAS:

1) — A forma arcaica do gen. sing era *quoius.* Esta forma era freqüente nas inscrições.

2) — A forma arcaica do dat. sing. era *quoiei,* forma essa que originou a forma clássica *quoi.* Só no Império esta forma foi substituida por *cui.*

3) — Houve um ablativo sing. arcaico em *i,* conservado aliás como advérbio — *qui,* como.

4) — Além de *quibus,* dat. e ablat. pl. do relativo apareciam ainda na época clássica as formas arcaicas *queis* e *quis.*

5) — O interrogativo diferia do relativo no nom. sing.

que era quis, qui quae, quid. No resto da declinação são idênticos.

6) — Do pronome relativo latino passaram algumas formas para o português, dando os nossos relativos *que*, *cujo* e *quem*.

## c) PRONOMES INDEFINITOS

A declinação dos pronomes indefinitos não traz dificuldade, pois segue a declinação dos demonstrativos ou do relativo.

Vejamo-los um por um:

*Alius, a, ud* — outro — Declina-se exatamente como *ille, a, ud*. Uma forma desse pronome deu em português o indefinito arcaizado *al*, que significava outra coisa.

NOTA — O gen. *alīus* é raro.

*Alter, a, um* — um dos dois — Exatamente como os demonstrativos, excetuando-se o nom. ac. neutro sing. em *um* e não em *d*. O nosso pronome outro provém de *alter*.

*Uter, a, um* — qual dos dois — Como os demonstrativos, exceto no nom. ac. neutro sing. em *um*.

*Neuter, a, um* — nem um nem outro — Como o precedente. Como já vimos, a nossa palavra *neutro* provém desse pronome.

*Utĕrque, Utraque, Utrumque* — Declina-se como *uter* e *que* fica invariável.

*Utĕrlibet, Utralĭbet, Utrumlĭbet* — seja lá qual fôr dos dois — Declina-se como *uter* e *lĭbet* fica invariável.

*Utĕruis, Utrauis, Utrūmuis* — Mesma significação do precedente; declina-se como *uter* e *uis* fica invariável.

*Unus, a, um* — um, uma — Como os demonstrativos.

*Ullus, a, um* — nenhum — Diminutivo de *unum*, como os demonstrativos.

*Solus, a, um* — só — do ac. popular *solu* tira sua origem o português só. Declina-se como os demonstrativos.

*Totus, a, um* — todo — Representado em português pelas formas *todo, toda* e *tudo,* vestigio do neutro. Declina-se como os demonstrativos.

d) INDEFINITOS COMPOSTOS DE QUI, QUAE, QVOD

*Alĭquis, a, um* — qualquer que — Só se declina a parte final, exatamente como *quis.* Do ac. *alĭquem* temos o nosso pronome alguem.

*Quisquis, Quaequae, Quidquid* — qualquer que — Quase que só é usado no nom. masc., no nom. acus neutros, no ab. masc. neutro. Declinam-se ambos os pronomes.

*Quidam quaedam, quiddam* — um certo — Declina-se quis e *dam* fica invariável.

*Quisnam, quaenam, quidnam* — quem pois? — Declina-se quis e *nam* fica invariável.

*Quispiam, Quaepiam, Quippiam* ou *Quidpiam* — qualquer um — Declina-se *quis* e *piam* fica invariável.

*Quisquam, quicquam* ou *Quidquam* — ninguem — Sem feminino.

*Quisque, quaeque, quidque* — cada um — Declina-se *quis* e *que* fica invariável.

*Unusquīsque, Unaquaeque, Unumquīdque* — qualquer um — Declina-se *unus, una unum* e *quisque.*

*Quisuis, quaeuis, quiduis* — quem quer que seja — Declina-se *quis* e *uis* fica invariável.

*Quilĭbet, Quaelĭbet, Quidlĭbet* — seja quem fôr — Declina-se *quis* e *libet* fica invariável.

*Quicumque, Quaecŭmque, Quidcŭmque* — seja lá quem fôr — Declina-se *qui, quae, quod* e *cumque* fica invariável.

*Nihil* — nada — é usado como nom. e ac., sendo indeclinavel.

*Nemo* — ninguem — Segue a 3ª declinação, mas no gen. e ab. alguns escritores usam a forma *nullius, nullo.* Declina-se, pois, da seguinte maneira:

| | |
|---|---|
| N. | *nemo* |
| Ac. | *nemĭnem* |
| G. | *nullius* (em vez de *nemĭnis*) |
| D. | *nemĭni* |
| Ab. | *nullo* (em vez de *nemĭne*) |

NOTA: — Entretanto, as formas *nemĭnis* e *nemĭne* aparecem tanto em escritores antigos, como em Tácito e Suetônio.

e) ADVÉRBIOS DERIVADOS DE DEMONSTRATIVOS

Dos advérbios de lugar, divididos como, em português, o adjunto circunstancial de lugar, em lugar onde (*ubi*), lugar donde (*unde*), lugar para onde (*quo*), e lugar por onde (*qua*), muitos deles se derivam dos demonstrativos. Daremos, pois, esses demonstrativos com suas formas derivadas.

| Demonst. | Lug. onde | Lug. donde | Lugar para onde | Lugar por onde |
|---|---|---|---|---|
| **ille** | **illic,** lá | **illinc,** de lá | **illuc,** para lá | **illac,** por lá |
| **iste** | **istic,** aí | **istinc,** daí | **istuc,** para aí | **istac,** por aí |
| **hic** | **hic,** aquí | **hinc,** daquí | **huc,** para cá | **hac,** por aquí |
| **is** | **ibi,** aí | **inde,** daí | **eo,** para aí | **ea,** por aí |
| **idem** | **ibidem,** aí mesmo | **indidem,** daí mesmo | **eodem,** para aí mesmo | |
| **alius** | **alibi,** em outro lugar | **aliunde,** de outro lugar | **alio,** para outro lugar | **alia,** por outro lugar |
| **aliquis** | **alicubi,** em algum lugar | **alicunde,** de algum lugar | **aliquo,** para algum lugar | **aliqua,** por algum lugar |

NOTA: — Estes advérbios pronominais representam como que formas fossilizadas dos demonstrativos. Assim os designativos de lugar onde são antigos locativos em *i* mais a particula *ce.* Os pertencentes á questão *unde,* lu-

gar donde, indicando afastamento, são provenientes do ablativo, apresentando a nasal *n*, não de um primitivo acusativo como aparentam ao primeiro relance, mas puramente por analogia com *inde* e *unde*.

Os da questão *quo*, para onde, representam uma forma arcaica de acusativo. Finalmente os da questão *qua* são provavelmente um vestígio do antigo instrumental.

## f) PRONOMES PESSOAIS

No estudo dos pronomes pessoais, comparando-se o Latim com o Português, nota-se uma diferença sensivel: o latim clássico não tinha pronomes retos para as terceiras pessoas. Como em português os temas das 1ª e 2ª pessoas do sing são diferentes dos temas das mesmas pessoas do pl., o que aliás é lógico, pois as formas portuguesas da 1ª e 2ª pessoas vieram normalmente do latim.

O tema do nom. é diverso do dos outros casos, alguns dos quais deram origem aos nossos pronomes obliquos.

*Singular*

| | | | |
|---|---|---|---|
| N. | *ego* | *tu* | (N. e V.) |
| Ac. / Ab. | *me* | *te* | |
| G. | *mei* | *tui* | |
| D. | *mihi* | *tibi* | |

*Plural*

| | | |
|---|---|---|
| N. e Ac. | *nõs* | *vos* (N. Ac. V.) |
| G. | *nostrum* / *nostri* | *uestrum* / *vestri* |
| D. e Abl. | *nobis* | *vobis* |

NOTAS:

1) — Há um reflexivo para as terceiras pessoas que se declina da seguinte maneira: G. — *sui*. D. — *sibi*. Ac. e Ab. — *se*.

2) — O pronome *ego* deu o nosso "eu". *Ego* aparece em português na palavra "egoismo" e fazendo parte da tecnologia de Freud, hoje é muito usado.

3) — Os genitivos *mei, tui, sui,* são tirados dos possessivos *meus, tuus, suus.* No latim arcaico houve outra forma de gen. *mis, tis.*

4) — Em latim arcaico houve uma forma *med, ted, sed,* comum ao ac. e ablativo. A forma *med,* por exemplo, aparece em um dos primeiros documentos da escrita do latim, a célebre fíbula de Preneste: *"Manios med fhefhaked Numasioi — Manius me fecit Numerio* — Manio me fez para Numerio.

As variações portuguesas me, te, se provieram desse acusativo.

5) — O dat. *mihi diferia* em sua formação dos dativos *tibi* e *sibi.* Já em latim clássico havia outra forma contrata para *mihi*: *mi.* Daí, temos a forma portuguesa mim em português quinhentista *mi,* dando-se posteriormente a prolação do *m.*

6) — *Nos* e *Vōs* servem tanto para o nom. como para o ac., dando em português os pronomes *nós* e *vós* e as variações *nos* e *vos.*

7) — *Nostri* e *uestri* são formas do genitivo singular, tomadas aos possessivos; *nostrum* e *uestrum* do genitivo plural. Na língua arcaica apareciam igualmente os genitivos *nostrōrum* e *uestrōrum. Nostrum* e *uestrum* são genitivos partitivos — dentre nós — *nostri* e *uestri* são genitivos objetivos — de nós.

8) — Estes pronomes, acompanhados da preposição *cum,* constituem as formas *mecum, tecum, secum, nobīscum* (depois *noscum*), *uobīscum* (depois *uoscum*), que

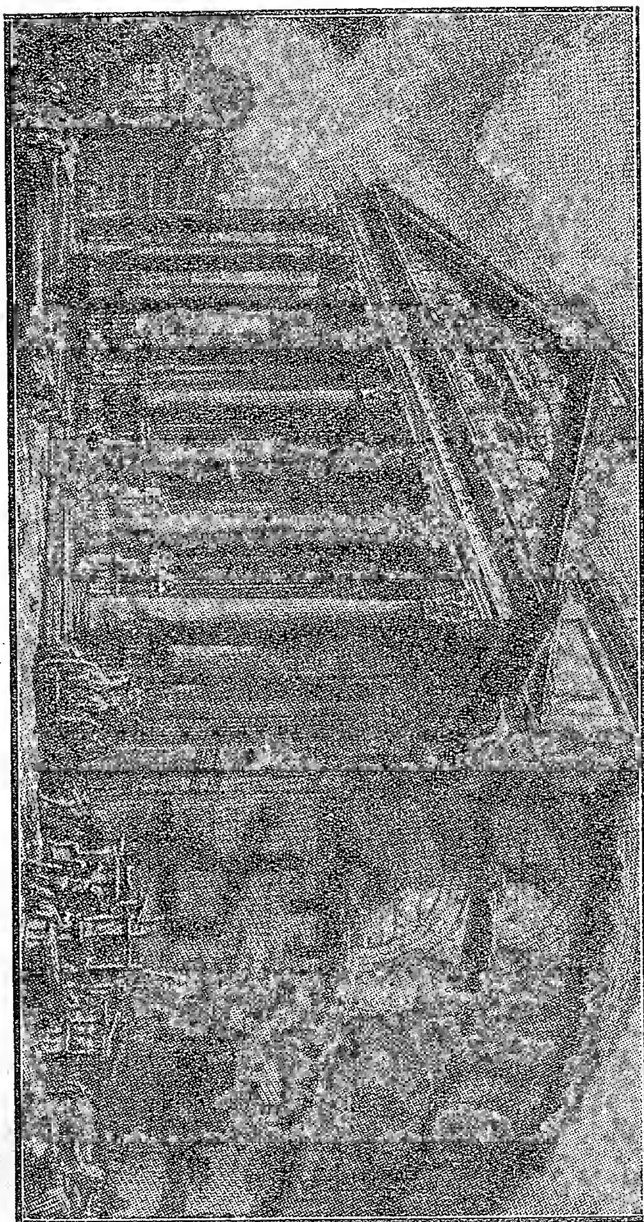
deram as formas portuguesas arcaicas *mego, tego, sego, nosco, vosco,* que posteriormente desenvolveram as atuais reduplicadas *comigo, contigo, consigo, conosco* e *convosco.*

## POSSESSIVOS

A estes pronomes pessoais correspondem os possessivos, com que estão intimamente ligados. São eles: *meus, mea, meum,* meu, para a 1ª pess. do sing.; *tuus, tua, tuum,* teu, para a 2ª do sing.; *noster, nostra, nostrum,* nosso, para a 1ª do pl.; *uester, uestra, uestrum,* vosso, para a 2ª do plural; *suus, sua, suum,* seu, como reflexivo tanto para o singular como para o plural.

Todos esses possessivos se declinam exatamente como os adjetivos da 1ª classe, não tendo geralmente vocativo.

NOTA: — Os nossos possessivos vieram normalmente dos possessivos latinos. Note-se, porém, que *teu* e *seu* não provieram de *tuus* e *suus.* Estes possessivos deram as nossas formas arcaicas *to* e *so,* sendo *teu* e *seu* formados por analogia com *meu.*



Panteon de Agripa (Reconstituição de Piranesi). Construido no Campo de Marte, era destinado ao culto de todos os deuses.

CAPÍTULO X

# Numerais

Os numerais em latim dividem-se em quatro grupos: os cardinais, que, como seu nome indica, são os números, por excelência; os ordinais, na maioria derivados dos primeiros, indicam o número de ordem numa determinada série. Além desses há os distributivos e os advérbios numerais.

| | *Cardinais* | *Ordinais* |
|---|---|---|
| I | Vnus, a, um | Primus, a, um |
| II | Duo, ae, o | Secundus, a, um |
| III | Tres, tria | Tertius, a, um |
| IIII-IV | Quattuor | Quartus, a, um |
| V | Quinque | Quintus, a, um |
| VI | Sex | Sextus, a, um |
| VII | Septem | Septĭmus, a, um |
| VIII | Octo | Octāuus, a, um |
| IX-VIIII | Nouem | Nonus, a, um |
| X | Decem | Decĭmus, a, um |
| XI | Vndĕcim | Vndecĭmus, a, um |
| XII | Duodĕcim | Duodecĭmus, a, um |
| XIII | Tredĕcim | Tertĭus decĭmus |
| XIV-XIIII | Quatuordĕcim | Quartus decĭmus |
| XV | Quindĕcim | Quintus decĭmus |
| XVI | Sedĕcim | Sextus decĭmus |
| XVII | Septemdĕcim | Septĭmus decĭmus |
| XVIII | Duodeuigīnti | Duodeuicesĭmus |

| | *Cardinais* | *Ordinais* |
|---|---|---|
| XIX-XVIIII | Vndeuigīnti | Vndeuicesīmus |
| XX | Vigīnti | Vicesīmus |
| XXI | Vigīnti unus ou unus et uigīnti | Vnus et uicesīmus ou uicesīmus primus |
| XXVIII | Duodetrigīnta | Duodetricesīmus |
| XXIX-XXVIIII | Vndetrigīnta | Vndetricesīmus |
| XXX | Trigīnta | Tricesīmus |
| XL-XXXX | Quadragīnta | Quadragesīmus |
| L | Quinquagīnta | Quinquagesīmus |
| LX | Sexagīnta | Sexagesīmus |
| LXX | Septuagīnta | Septuagesīmus |
| LXXX | Octogīnta | Octogesīmus |
| XC-LXXXX | Nonagīnta | Nonagesīmus |
| XCIX | Nonagīnta nouem, ou nouem et nonagīnta, ou undecēntum | Nonagesīmus nonus, ou nonus et nonagesīmus, ou undecentesīmus. |
| C | Centum | Centesīmus |
| CC | Ducēnti, ae, a | Ducentesīmus |
| CCC | Trecēnti, ae, a | Trecentesīmus |
| CD-CCCC | Quadringēnti, ae, a | Quadringentesīmus |
| D | Quingēnti, ae, a | Quingentesīmus |
| DC | Sescēnti, ae, a | Sescentesīmus |
| DCC | Septingēnti, ae, a | Septingentesīmus |
| DCCC | Octingēnti, ae, a | Octigentesīmus |
| CM-DCCCC | Nongēnti, ae, a | Nongentesīmus |
| CIC-M | Mille | Millesīmus |
| MM | Duomilia | Bis millesīmus |
| X̄ | Decem milia | Decies millesīmus |
| C̄ | Centum milia | Centies millesīmus |
| IX̄I | Decies centena milia | Decies centies millesīmus. |

NOTAS AOS CARDINAIS:

1) — *Vnus, a, um* não tem voc.; faz o gen. em *ius* e o dat. em *i;* no resto é igual aos adjetivos da 1ª classe, não tendo, porém, plural. Deu em português um, uma.

2) — *Duo* é com *ambo* um vestígio do antigo *dual.* Declina-se da seguinte maneira:

| | | | |
|---|---|---|---|
| N. | *duo,* | *duae,* | *duo,* |
| Ac. | *duos,* | *duas,* | *duo,* |
| G. | *duōrum,* | *duārum,* | *duōrum,* |
| D. / Ab. | *duōbus,* | *duābus,* | *duōbus,* |

— Houve na língua arcaica, mantendo-se durante toda a República, um ac. masc. em *o.*

— Por *duo* declina-se *ambo.* Na língua popular tendia a ficar indeclinável.

— Dois e ambos provêm normalmente de *duos* e *ambos.*

3) — *Tres* declina-se como se segue.

| | | | |
|---|---|---|---|
| N. / Ac. | tres, tria | G. — trium | D. / Ab. — tribus |

— Como *duo,* na língua popular, tendia a tornar-se indeclinável. Em português três.

4) — *Quattuor* tinha uma forma popular *quattor,* de onde o português quatro tomou sua origem.

5) — *Quinque* também tem uma forma popular *cinque,* donde o italiano tirou *cinque* e em português cinco, por analogia com quatro.

6) — *Sex, septem, octo, nouem, decem, ūndĕcim, duodĕcim, tredĕcim, quattuordĕcim, quindĕcim,* deram normalmente os numerais portugueses — seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze e quinze. *Sedĕcim,* que deu *seize* no francês, não passou para o português. Os seguintes até vinte exclusive, também não.

7) — *Vigīnti, trigīnta, quadragīnta* e *quinquagīnta* tinham formas populares, *uinti, triēnta, quarrānta cinquagīnta,* donde as línguas românicas tiraram os seus numerais. Assim destas formas temos em português: vinte, trinta, quarenta (talvez por analogia com cinquenta), cinquenta.

8) — *Octogīnta* tem uma forma popular *octagīnta,* donde o port. oitenta.

9) — Estes numerais são compostos de uma raiz **kmt* significando dezena e de outra raiz significando dois, três e quatro, etc.

10) — *Centum* era primitivamente um neutro significando uma centena. Dele oriundas temos duas palavras em português: cento e cem.

*Mille* também é um neutro indeclinável. *Milia,* porém, declina-se.

NOTAS AOS ORDINAIS:

I) — *Primus* é propriamente um superlativo. Em português aparece como substantivo e como adjetivo, mas não como ordinal.

II) — *Secundus* é um particípio que significa propriamente *o seguinte.*

NOTA IMPORTANTE: — Com exceção de primeiro, de *primarius,* e terceiro, de *tertiarius,* os ordinais em português são todos formados diretamente dos ordinais latinos, pois entraram para a língua pela corrente erudita. Assim, basta trocar-se a desinência *us* para *o,* para termos formado qualquer ordinal em português.

## b) DISTRIBUTIVOS

Os distributivos indicam como são agrupadas as coisas ou as pessôas. Declinam-se pelo plural dos adjetivos da 1ª classe. Vejamo-los:

1 singŭli
2 bini
3 terni
4 quatērni
5 quini
6 seni
7 septēni
8 octōni
9 nouēni
10 deni
11 undēni
12 duodēni
13 terni deni
14 quaterni deni
15 quini deni
16 seni deni
17 septēni deni
18 octōni deni ou duode uicēni
19 nouēni deni ou undeuicēni
20 uicēni
21 uicēni singŭli
22 uicēni bini
28 duodetricēni
29 undetricēni
30 tricēni
40 quadragēni
50 quinquagēni
60 sexagēni
70 septuagēni
80 octogēni
90 nonagēni
100 centēni
101 centēni singŭli
102 centēni bini
200 ducēni
300 trecēni
400 quadringēni
500 quingēni
600 sescēni
700 septingēni
800 octingēni
900 nongēni
1000 singŭla milĭa
2000 bina milĭa
3000 terna milĭa
4000 quatērna milĭa
10000 dena milĭa
20000 uicēna milĭa
100000 centēna milĭa.

NOTA: — Com substantivos que não têm singular, empregam-se os distributivos com valor de cardinais.

NOTA IMPORTANTE: — Os distributivos não passaram como tais para o português, havendo deles um único vestígio em português arcaico *senhos* e *sendos* de singulus.

Entretanto, muitos deles encontram-se hoje em português como substantivos. Ex.: terno, caderno, quina, novena, dezena, vintena, quarentena, centena e centeio.

## c) ADVÉRBIOS NUMERAIS

Os advérbios numerais indicam quantas vezes um fato se realizou. São os seguintes:

semel
bis
ter
quater
quinquĭes
sexĭes
septĭes
octĭes
nouĭes
decĭes
undecĭes
duodecĭes
terdecĭes (tredecies)
quaterdecĭes
quindecĭes
sedecĭes

septiesdecĭes

duodeuicĭes
undeuicĭes

uicĭes
uicĭes semel
uicĭes bis
uicĭes ter
uicĭes quater
uĭcies quinquies
uicĭes sexies
uicĭes septies
duodetricĭes
undetricĭes
tricĭes
quadragĭes
quinquagĭes

sexagĭes
septuagĭes
octogĭes

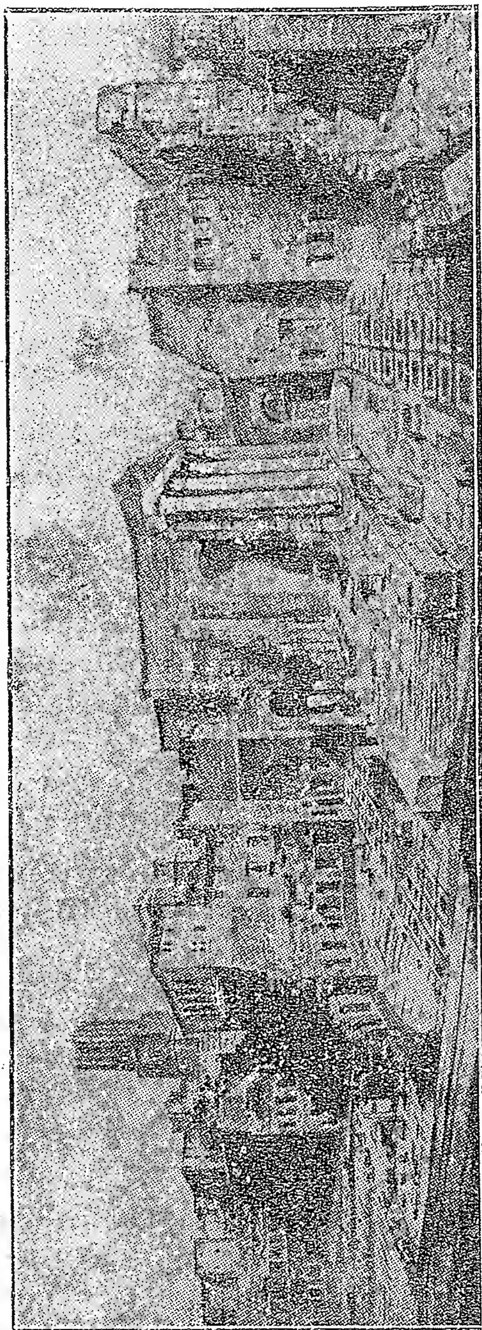
nonagĭes

undecentĭes
centĭes

ducentĭes
trecentĭes
quadringentĭes
quingentĭes
sexcentĭes
septingentĭes
octingentĭes
nongentĭes
millĭes
bis millĭes
ter millĭes
quater millĭes
quinquĭes millĭes

decĭes millĭes
centĭes millĭes
quingentĭes millĭes
decĭes centĭes millĭes.

---



Fôros imperiais

## CAPÍTULO XI

# Verbo

a) O verbo latino, mais rico que o das línguas românicas, resistiu á simplificação de sua flexão muito mais do que o nome.

Ao entrarmos, porém, no estudo da conjugação latina uma observação prévia se impõe quanto ao próprio verbo latino. Este, por assim dizer, resulta da reunião de dois verbos diferentes: um que fornece as formas para os tempos de ação incompleta (*Infectum*); outro que as fornece para os tempos de ação completa (*Perfectum*). Isto é fácil de se verificar em verbos, como, por exemplo, o verbo *fero,* que tinha para as formas de *infectum* a raiz *fer,* e para as de *perfectum* a raiz *tul.*

Primitivamente as formas de *perfectum,* como as de *infectum,* também não tinham, como posteriormente, e hoje, nas línguas românicas, um sentido estritamente temporal: exprimiam apenas que uma ação estava terminada, inteiramente feita, isto é, perfeita, ou que ainda se estava realizando, portanto, ainda não perfeita, isto é, imperfeita.

Mais tarde, a língua procurou corrigir essa anomalia da diferença dos dois temas, tratando de fundí-los para, enfim, normalizar sua conjugação. Essa normalização, que é uma verdadeira tendência da língua, nunca chegou, porém, a realizar-se inteiramente, a não ser nos verbos derivados.

## b) VOZES

Há em Latim duas vozes: Ativa, que, como em português, indica que uma determinada ação foi feita pelo sujeito; e Passiva. Esta ou indica: 1°, que a ação foi sofrida pelo sujeito, a qual podiamos chamar medio-passiva, pois também, às vezes, equivale à nossa voz médio-reflexa, ex.: *uehor* — transporto-me; 2°, que a ação não é atribuida a um sujeito — passiva impessoal: *itur* — vae-se.

Havia ainda alguns verbos que tinham forma passiva, mas de significação ativa, aos quais os gramáticos latinos davam o nome de "depoentes", por eles abandonarem (*deporem*) as desinências da voz ativa. Estes verbos, entretanto, desde o latim arcaico tendiam a desaparecer, e com efeito desapareceram das línguas românicas, se bem que haja em português alguns particípios passados com sentido ativo, ex.: "homem *viajado*", que tem viajado; homem *lido*", que tem lido muito.

## c) CONJUGAÇÃO

Como vimos acima, o verbo latino consta de dois temas diversos, um para os tempos derivados do presente e outro para os derivados do perfeito. Esta particularidade traz para a classificação dos verbos latinos não pequena dificuldade. Sua divisão em quatro conjugações só atende ás formações do presente, ou *infectum*, tendo sido adotada pelos gramáticos latinos no III séc. depois de Cristo, tornando-se, desde então, tradicional.

Tem se tentado outras classificações para a conjugação latina, mas todas igualmente não satisfazem ao rigor de uma classificação científica.

A divisão em verbos temáticos e atemáticos, também dificuldades às vezes intransponíveis, e ainda assim não resolveria a questão.

A divisão em verbos temáticos e atemáticos, tambem do ponto de vista latino, não corresponde a uma realidade

porque: 1°) em latim só há vestígios de verbos atemáticos que, por conseguinte, teem o caráter estrito de exceção; 2°) as desinências dos verbos temáticos e atemáticos confundiram-se em latim. Por esses motivos conservamos a classificação tradicional que, embora imperfeita, nos parece mais didática, deixando para assunto de um apêndice ao verbo a explicação dos temas dos *infectum* e *perfectum*, bem como dos sufixos temporais e desinências.

Assim os verbos latinos aparecem divididos em quatro conjugações, segundo a vogal temática que os caracteriza: *a* para a 1ª conjugação; *e* para a 2ª; *i* para a 4ª e *ĭ* ou *ĕ* para a 3ª. Sobre a terceira conjugação acrescentaremos que os verbos em *ĭ* se classificariam melhor constituindo como que uma conjugação mixta e que a vogal *ĕ* não é temática propriamente, mas vogal de ligação para facilitar a junção das desinências ao tema consonântico.

Na passagem para o português, as quatro conjugações latinas reduziram-se a três, conservando-se a 1ª e a 4ª, *amāre*, amar, *audīre*, ouvir; e a terceira fundindo-se com a 2ª, donde *debēre*, dever, *facĕre*, depois *facēre*. fazer.

## d) TEMPOS E MODOS

Em cada voz há tres modos com formas pessoais: o INDICATIVO, modo da realidade em que apenas se indica ou menciona o fato; o IMPERATIVO, modo da ordem ou da súplica; e o SUBJUNTIVO, modo da subordinação.

O INDICATIVO tem seis tempos: o presente, o imperfeito e o futuro, formados do radical do presente (infectum); o perfeito, mais que perfeito e o futuro perfeito, formados do tema do perfeito (perfectum).

O IMPERATIVO só tem presente e futuro, formados do tema do *infectum.*

O SUBJUNTIVO tem presente e imperfeito formados pelo tema de *infectum* e perfeito e mais que perfeito do tema do *perfectum.*

Cada um destes tempos, exceto os do imperativo, teem três pessoas para o singular e três para o plural, com terminações próprias chamadas desinências pessoais.

As formas impessoais são: INFINITO (presente, passado e futuro), GERÚNDIO, SUPINO e ADJETIVOS VERBAIS; PARTICÍPIOS (presente, passado e futuro).

## e) ESTRUTURA VERBAL

Quanto á sua estrutura o verbo latino pode ser dividido em três partes: radical do verbo, sufixo temporal e desinência pessoal.

RADICAL VERBAL — pode ser um radical primitivo ou derivado. Assim, por exemplo, em *cano*, o radical *can* é primitivo. Do supino do verbo *cano, cantum*, formou-se o verbo *canto*. Neste, *cant* é o radical, que, como se vê, é um derivado do primeiro verbo *cano*.

Os SUFIXOS TEMPORAIS encerram em si a noção do tempo e modo. Variam, portanto, de tempos para outros e igualmente de um para outro modo. A's vezes diferem também quanto á conjugação. Outras vezes nem aparecem no verbo, como no indicativo presente, por exemplo, cuja característica é precisamente a ausência de sufixo temporal.

As DESINÊNCIAS PESSOAIS são sempre as mesmas para todos os tempos e modos, notando-se apenas que há pequenas diferenças entre as desinências do *infectum* e as do *perfectum*, e que a voz passiva tem desinências especiais.

Conhecendo-se, pois, o radical do indicativo presente e do pretérito perfeito, ou sejam do *infectum* e do *perfectum* de um verbo e sabendo-se com precisão os sufixos temporais e desinências pessoais, *ipso facto* sabe-se conjugar esse verbo.

Este será o assunto do parágrafo seguinte:

## f) FORMAÇÃO DOS TEMPOS

### *Artifício didático*

Qualquer dicionário ao registar um verbo costuma dá-lo nas 1ª e 2ª pessoas do indicativo presente, na 1ª do pretérito perfeito, no supino e no infinito presente. Chamam-se a estes tempos impropriamente de tempos primitivos, por deles se poderem formar os demais. Dizemos impropriamente porque esta formação é um simples artifício didático.

Vejamos, pois, como se formam estes tempos.

## TEMPOS DE AÇÃO INCOMPLETA (Infectum)

### *Desinências pessoais*

Já vimos que as desinências pessoais são sempre as mesmas para todos os tempos do *infectum*, variando apenas o sufixo temporal. Comecemos, pois, com elas.

DESINÊNCIAS PESSOAIS

*Singular*

| *Voz ativa* | | *Voz passiva* | |
|---|---|---|---|
| 1ª pess. | o, m | 1ª pess. | r |
| 2ª " | s | 2ª " | ris |
| 3ª " | t | 3ª " | tur |

*Plural*

| *Voz ativa* | | *Voz passiva* | |
|---|---|---|---|
| 1ª pess. | mus | 1ª pess. | mur |
| 2ª " | tis | 2ª " | mĭni |
| 3ª " | nt | 3ª " | ntur |

Todos os tempos de ação incompleta, isto é, derivados do radical do indicativo teem essas desinências precedidas por um sufixo temporal.

INDICATIVO PRESENTE — O indicativo presente caracteriza-se pela ausência do sufixo temporal. E', pois, formado tomando-se o radical do indicativo presente (1) e acrescentando-lhe as desinências pessoais:

VOZ ATIVA

*Singular*

| I | II | III | IV |
|---|---|---|---|
| amo | debe-*o* | leg-*o* | audi-*o* |
| ama-*s* | debe-*s* | leg-i-*s* | audi-*s* |
| ama-*t* | debe-*t* | leg-i-*t* | audi-*t* |

*Plural*

| | | | |
|---|---|---|---|
| amā-*mus* | debē-*mus* | leg-ĭ-*mus* | audī-*mus* |
| amā-*tis* | debē-*tis* | leg-ĭ-*tis* | audī-*tis* |
| ama-*nt* | debe-*nt* | leg-u-*nt* | audi-u-*nt* |

VOZ PASSIVA

*Singular*

| I | II | III | IV |
|---|---|---|---|
| amo-*r* | debeo-*r* | lego-*r* | audio-*r* |
| amā-*ris* | debē-*ris* | leg-ĕ-*ris* | audī-*ris* |
| amā-*tur* | debē-*tur* | leg-ĭ-*tur* | audī-*tur* |

---

(1) Acha-se o radical tomando-se a 2ª pessoa do sing. e tirando-lhe o s.

*Plural*

| I | II | III | IV |
|---|---|---|---|
| amā-*mur* | debē-*mur* | leg-ĭ-*mur* | audī-*mur* |
| ama-*mĭni* | debe-*mĭni* | leg- i-*mĭni* | aud-i-*mĭni* |
| amā-*ntur* | debē-*ntur* | leg-ū-*ntur* | audi-ū-*ntur* |

NOTAS:

1) — Na 1ª pessoa do singular da 1ª conj. o *a* do radical é assimilado pela desinência: *ama* + *o* = *amo*.

2) — A vogal *i* dos verbos da 3ª é uma vogal de ligação que serve para facilitar a pronúncia. Na 3ª pess. do pl. é substituida por *u*.

3) — Na 4ª conj., antes da desinência da 3ª pess. do pl. há a vogal de ligação *u*: *audi u nt*.

4) — A 1ª pess. do sing. do pres. do ind. da voz passiva forma-se acrescentando-se *r* á 1ª pessoa da voz ativa e as demais substituindo-se as desinências ativas pelas passivas.

5) — Na 3ª conj. a vogal de ligação das segundas pessoas, da 3ª do singular e da 1ª do plural é *ĭ* e a da 3ª do pl., *u*.

6) — O indicativo presente português provém normalmente do latim. Os verbos derivados das 3ª e 4ª conjugações teem *e* na 3ª pessoa do pl. em vez de *o* por analogia.

IMPERFEITO DO INDICATIVO — *Sufixo* — *ba*: — Forma-se o imperfeito do indicativo acrescentando-se ao radical do indicativo presente o sufixo *ba* e a este as desinências pessoais.

VOZ ATIVA

| I | II | III | IV |
|---|---|---|---|
| amā-ba-m | debē-ba-m | leg-ē-ba-m | audi-ē-ba-m |
| amā-ba-s | debē-ba-s | leg-ē-ba-s | audi-ē-ba-s |
| amā-ba-t | debē-ba-t | leg-ē-ba-t | audi-ē-ba-t |
| ama-bā-mus | debe-bā-mus | leg-e-bā-mus | audi-e-bā-mus |
| ama-bā-tis | debe-bā-tis | leg-e-bā-tis | audi-e-bā-tis |
| amā-ba-nt | debē-ba-nt | leg-ē-ba-nt | audi-ē-ba-nt |

VOZ PASSIVA

Troquem-se as desinências ativas pelas passivas.

NOTA: — Nas 3ª e 4ª conjugações ,entre os radicais *leg* e *audi* e o sufixo, intercoloca-se a vogal de ligação *e*: *leg-e-ba-m, audi-e-ba-m.*

FUTURO IMPERFEITO — *Sufixos* b *nas* 1ª *e* 2ª *conjugações*: *e, para as* 3ª *e* 4ª.

VOZ ATIVA

Forma-se o futuro nas 1ª e 2ª conjugações, acrescentando-se ao radical do indicativo presente o sufixo *b* acompanhado da vogal de ligação *i,* exceto na 1ª pessoa do singular, onde não há vogal de ligação e na 3ª do plural, onde é substituida por *u.*

*Singular*

| I | II |
|---|---|
| amā-b-o | debē-b-o |
| amā-b-i-s | debē-b-i-s |
| amā-b-i-t | debē-b-i-t |

*Plural*

| | |
|---|---|
| ama-b-ĭ-mus | debe-b-ĭ-mus |
| ama-b-ĭ-tis | debe-b-ĭ-tis |
| amā-b-u-nt | debē-b-u-nt |

VOZ PASSIVA

Trocam-se as desinências ativas pelas passivas, substituindo, porém, na 2ª pess. do sing. a vogal *i* por *e*, donde *ama-b-ĕ-ris, debe-b-ĕ-ris.*

Nas 3ª e 4ª conjs. o sufixo é *e*, exceto na 1ª pess. do sing. onde é *a*.

| III | IV |
|---|---|
| leg-a-m | audi-a-m |
| leg-e-s | audi-e-s |
| leg-e-t | audi-e-t |
| leg-ē-mus | audi-ē-mus |
| leg-ē-tis | audi-ē-tis |
| leg-e-nt | audi-e-nt |

VOZ PASSIVA

Trocam-se as desinências ativas pelas passivas.

NOTA: — O futuro imperfeito latino não passou para o português, que o substituiu por uma forma perifrástica.

PRESENTE DO SUBJUNTIVO — *Sufixos e para a* 1ª *conj.,* a *para as* 2ª, 3ª *e* 4ª.

Forma-se o presente do subjuntivo na 1ª conjugação trocando-se o *a* do radical pelo *e* do sufixo.

*Subjuntivo Presente da 1ª conjugação*

VOZ ATIVA

| *Singular* | *Plural* |
|---|---|
| ame-m | amē-mus |
| ame-s | amē-tis |
| ame-t | ame-nt |

VOZ PASSIVA

Trocam-se as desinências ativas pelas passivas.

Nas 2ª, 3ª e 4ª conjugações acrescenta-se o sufixo *a*.

*Singular*

| | | |
|---|---|---|
| debe-a-m | leg-a-m | audi-a-m |
| debe-a-s | leg-a-s | audi-a-s |
| debe-a-t | leg-a-t | audi-a-t |

*Plural*

| | | |
|---|---|---|
| debe-ā-mus | leg-ā-mus | audi-ā-mus |
| debe-ā-tis | leg-ā-tis | audi-ā-tis |
| debe-a-nt | leg-a-nt | audi-a-nt |

VOZ PASSIVA

Trocam-se as desinências ativas pelas passivas.

NOTA: — O presente do subjuntivo conservou-se em português.

IMPERATIVO — Há em latim dois imperativos: um presente e outro futuro.

IMPERATIVO PRESENTE

*Voz ativa*

Só tem a 2ª pessoa do singular e a 2ª do plural. Forma-se a 2ª pessoa do singular tomando-se simplesmente o radical do indic. pres. e a 2ª do plural acrescentando-se-lhe a desinência *te*. Na 3ª conj. o radical vem acompanhado no singular da vogal *e* e no plural da vogal *i*.

| I | II | III | IV |
|---|---|---|---|
| *ama* | *debe* | *leg-e* | *audi* |
| *amā-te* | *debē-te* | *leg-ĭ-te* | *audī-te* |

*Voz passiva*

Acrescente-se ao singular a desinência *re* e ao plural a desinência *mĭni.*

Singular

| I | II | III | IV |
|---|---|---|---|
| *amā-re* | *debē-re* | *leg-ĕ-re* | *audī-re* |

Plural

| | | | |
|---|---|---|---|
| *ama-mĭni* | *debe-mĭni* | *leg-i-mĭni* | *audi-mĭni* |

IMPERATIVO FUTURO

*Voz ativa*

Tem 2ª e 3ª pessoas. Para formar a 2ª e 3ª do singular acrescenta-se a desinência *to;* para a 2ª do pl. *tote,* e para a 3ª do pl. *nto.*

*Singular*

| I | II | III | IV |
|---|---|---|---|
| *amā-to* | *debē-to* | *leg-ĭ-to* | *audī-to* |
| *amā-to* | *debē-to* | *leg-ĭ-to* | *audī-to* |

*Plural*

| | | | |
|---|---|---|---|
| *ama-tōte* | *debe-tōte* | *leg-i-tōte* | *audi-tōte* |
| *amā-nto* | *debē-nto* | *leg-ū-nto* | *audi-ū-nto* |

NOTA: — A 3ª conjugação nas pessoas do singular intercala entre o radical e a desinência a vogal *i*. Entre o radical e a 3ª pessoa do plural a 3ª e a 4ª conjugações intercalam a vogal *u*.

*Voz passiva*

Forma-se acrescentando *r* ás desinências ativas, não havendo, porém, 2ª pessoa do plural.

NOTA: — Só o imperativo presente passou para o português, dando-nos as segundas pessoas do nosso imperativo afirmativo.

## FORMAS IMPESSOAIS

### INFINITO PRESENTE

*Voz ativa*

Forma-se o infinito presente acrescentando-se ao radical do indicativo presente o sufixo *re*. Na 3ª conjugação, entre o radical e o sufixo, intercala-se a vogal *e*.

| I | II | III | IV |
|---|---|---|---|
| *amā-re* | *debē-re* | *leg-ĕ-re* | *audī-re* |

*Voz passiva*

Forma-se trocando-se *re* por *ri*, exceto na 3ª conjugação, cujo sufixo é *i*.

| I | II | III | IV |
|---|---|---|---|
| *amā-ri* | *debē-ri* | *leg-i* | *audī-ri* |

NOTA: — O infinito presente passou para o português, havendo, porém, a fusão das 2ª e 3ª conjugações numa só com o infinito longo: *facēre*, como *debēre*.

## IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

### *Voz ativa*

Forma-se o imperfeito do subjuntivo acrescentando-se ao infinito presente ativo as desinências pessoais da voz ativa.

| I | II | III | IV |
|---|---|---|---|
| amā-re-m | debē-re-m | leg-ĕ-re-m | audī-re-m |
| amā-re-s | debē-re-s | leg-ĕ-re-s | audī-re-s |
| amā-re-t | debē-re-t | leg-ĕ-re-t | audī-re-t |
| ama-rē-mus | debe-rē-mus | leg-e-rē-mus | audī-rē-mus |
| ama-rē-tis | debe-rē-tis | leg-e-rē-tis | audi-rē-tis |
| amā-re-nt | debē-re-nt | leg-ĕ-re-nt | audī-re-nt |

### *Voz passiva*

Trocam-se as desinências ativas pelas passivas.

NOTA: — O imperfeito do subjuntivo não passou para o português.

## PARTICÍPIO PRESENTE

### (*Adjetivo verbal*)

Toma-se o radical do indicativo presente e acrescenta-se o sufixo *nt*, que no nominativo perde o *t* por vir antes de *s*.

Declina-se como um adjetivo da 2ª classe, uniforme, tipo *constans, constantis*.

| I | II | III | IV |
|---|---|---|---|
| ama-ns | debe-ns | leg-e-ns | audi-e-ns |

NOTAS:

1) — Não há particípio presente passivo.

2) — O participio present latino passou para o português com valor de substantivo ou adjetivo. Com valor verbal há em português simples vestígios, como por exemplo "temente".

GERÚNDIO

Acrescenta-se ao radical do indicativo presente o sufixo *nd,* declinando-o pela 2ª declinação, não tendo, porém, nom. nem vocativo.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| G. | amā-nd-i | debē-nd-i | leg-ē-nd-i | audi-ē-nd-i |
| Ac. | amā-nd-um | debē-nd-um | leg-ē-nd-um | audi-ē-nd-um |
| D. / Ab. | amā-nd-o | debē-nd-o | leg-ē-nd-o | audi-ē-nd-o |

NOTA: — Para o português passou o gerúndio em *o*.

## TEMPOS DE AÇÃO COMPLETA

Os tempos de ação completa teem um modo de formação diferente dos tempos de ação incompleta. Na voz passiva recorrem a uma conjugação perifrástica, mediante o verbo *sum.*

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

*Voz ativa*

Acrescenta-se ao radical do pretérito perfeito as terminações *i, isti, it, imus, istis, erunt.*

| I | II | III | IV |
|---|---|---|---|
| amau-i | debu-i | leg-i | audiu-i |
| amau-īsti | debu-īsti | leg-īsti | audiu-īsti |
| amau-it | debu-it | leg-it | audiu-it |
| amau-ĭmus | debu-ĭmus | leg-ĭmus | audiu-ĭmus |
| amau-īstis | debu-īstis | leg-īstis | audiu-īstis |
| amau-ērunt | debu-ērunt | leg-ērunt | audiu-ērunt |

NOTA: — O pretérito perfeito do indicativo passou para o português, havendo não raro em português formas aberrantes do tipo latino, em virtude da analogia.

MAIS QUE PERFEITO DO INDICATIVO

Acrescenta-se ao radical do pretérito perfeito o sufixo *era*, mais as desinências pessoais da voz ativa.

| I | II |
|---|---|
| amau-ĕra-m | debu-ĕra-m |
| amau-ĕra-s | debu-ĕra-s |
| amau-ĕra-t | debu-ĕra-t |
| amau-erā-mus | debu-erā-mus |
| amau-erā-tis | debu-erā-tis |
| amau-ĕra-nt | debu-ĕra-nt |

| III | IV |
|---|---|
| leg-ĕra-m | audiu-ĕra-m |
| leg-ĕra-s | audiu-ĕra-s |
| leg-ĕra-t | audiu-ĕra-t |
| leg-erā-mus | audiu-erā-mus |
| leg-erā-tis | audiu-erā-tis |
| leg-ĕra-nt | audiu-ĕra-nt |

NOTA: — O mais que perfeito latino conservou-se em português.

FUTURO PERFEITO

Acrescenta-se ao radical do preterito perfeito o sufixo *eri* e a este as desinências pessoais da voz ativa.

| I | II |
|---|---|
| amau-ĕr-o | debu-ĕr-o |
| amau-ĕri-s | debu-ĕri-s |
| amau-ĕri-t | debu-ĕri-t |
| amau-erĭ-mus | debu-erĭ-mus |
| amau-erĭ-tis | debu-erĭ-tis |
| amau-ĕri-nt | debu-ĕri-nt |

| III | IV |
|---|---|
| lege-ĕr-o | audiu-ĕr-o |
| leg-ĕri-s | audiu-ĕri-s |
| leg-ĕri-t | audiu-ĕri-t |
| leg-erĭ-mus | audiu-erĭ-mus |
| leg-erĭ-tis | audiu-erĭ-tis |
| leg-ĕri-nt | audiu-ĕri-nt |

NOTA: — Da fusão do futuro perfeito com o perfeito do subjuntivo resultou o futuro do subjuntivo português.

PERFEITO DO SUBJUNTIVO

Formação idêntica ao precedente, exceto na 1ª pessoa do singular, cuja desinência pessoal é *m* e não *o*.

| I | II |
|---|---|
| amau-ĕri-m | debu-ĕri-m |
| amau-ĕri-s | debu-ĕri-s |
| amau-ĕri-t | debu-ĕri-t |
| amau-erĭ-mus | debu-erĭ-mus |
| amau-erĭ-tis | debu-erĭ-tis |
| amau-ĕri-nt | debu-ĕri-nt |

| III | IV |
|---|---|
| leg-ĕri-m | audiu-ĕri-m |
| leg-ĕri-s | audiu-ĕri-s |
| leg-ĕri-t | audiu-ĕri-t |
| leg-erĭ-mus | audiu-erĭ-mus |
| leg-erĭ-tis | audiu-erĭ-tis |
| leg-ĕri-nt | audiu-ĕri-nt |

MAIS QUE PERFEITO DO SUBJUNTIVO

Acrescenta-se ao radical do perfeito o sufixo *isse*, mais as desinências pessoais da voz ativa.

| I | II |
|---|---|
| amau-īsse-m | debu-īsse-m |
| amau-īsse-s | debu-īsse-s |
| amau-īsse-t | debu-īsse-t |
| amau-issē-mus | debu-issē-mus |
| amau-issē-tis | debu-issē-tis |
| amau-īsse-nt | debu-īsse-nt |

| III | IV |
|---|---|
| leg-īsse-m | audiu-īsse-m |
| leg-īsse-s | audiu-īsse-s |
| leg-īsse-t | audiu-īsse-t |
| leg-issē-mus | audiu-issē-mus |
| leg-issē-tis | audiu-issē-tis |
| leg-īsse-nt | audiu-īsse-nt |

NOTA: — O mais que perfeito do subjuntivo deu o imperfeito do subjuntivo em português.

INFINITO PERFEITO

Acrescenta-se o sufixo *isse* ao radical do perfeito.

| I | II | III | IV |
|---|---|---|---|
| amau-īsse | debu-īsse | leg-īsse | audiu-īsse |

### *Voz Passiva*

Todos os tempos da ação completa na voz passiva são compostos. Formam-se com o particípio passado do verbo que se quer conjugar mais o auxiliar *sum*.

#### PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

Conjuga-se com o particípio passado e o indicativo presente do verbo *sum*.

| I | | II | |
|---|---|---|---|
| amātus, a, um | sum<br>es<br>est | debĭtus, a, um | sum<br>es<br>est |
| amāti, ae, a | sumus<br>estis<br>sunt | debĭti, ae, a | sumus<br>estis<br>sunt |

| III | | IV | |
|---|---|---|---|
| lectus, a, um | sum<br>es<br>est | audītus, a, um | sum<br>es<br>est |
| lecti, ae, a | sumus<br>estis<br>sunt | audīti, ae, a | sumus<br>estis<br>sunt |

#### MAIS QUE PERFEITO DO INDICATIVO

Conjuga-se com o particípio passado e o imperfeito do indicativo do verbo *sum*.

| I | | II | |
|---|---|---|---|
| amātus, a, um | eram<br>eras<br>erat | debĭtus, a, um | eram<br>eras<br>erat |
| amāti, ae, a | erāmus<br>erātis<br>erant | debĭti, ae, a | erāmus<br>erātis<br>erant |

| III | | IV | |
|---|---|---|---|
| lectus, a, um | eram<br>eras<br>erat | audītus, a, um | eram<br>eras<br>erat |
| lecti, ae, a | erāmus<br>erātis<br>erant | audīti, ae, a | erāmus<br>erātis<br>erant |

FUTURO PERFEITO

Conjuga-se com o particípio passado e o futuro imperfeito do verbo *sum*.

| I | | II | |
|---|---|---|---|
| amātus, a, um | ero<br>eris<br>erit | debĭtus, a, um | ero<br>eris<br>erit |
| amāti, ae, a | erĭmus<br>erĭtis<br>erint | debĭti, ae, a | erĭmus<br>erĭtis<br>erint |

| III | | IV | |
|---|---|---|---|
| lectus, a, um | ero<br>eris<br>erit | audītus, a, um | ero<br>eris<br>erit |

| | | | |
|---|---|---|---|
| lecti, ae, a | erĭmus<br>erĭtis<br>erint | audīti, ae, a | erĭmus<br>erĭtis<br>erint |

PERFEITO DO SUBJUNTIVO

Conjuga-se com o particípio passado e o presente do subjuntivo do verbo *sum*.

| I | | II | |
|---|---|---|---|
| amātus, a, um | sim<br>sis<br>sit | debĭtus, a, um | sim<br>sis<br>sit |
| amāti, ae, a | simus<br>sitis<br>sint | debĭti, ae, a | simus<br>sitis<br>sint |

| III | | IV | |
|---|---|---|---|
| lectus, a, um | sim<br>sis<br>sit | audītus, a, um | sim<br>sis<br>sit |
| lecti, ae, a | simus<br>sitis<br>sint | audīti, ae, a | simus<br>sitis<br>sint |

MAIS QUE PERFEITO DO SUBJUNTIVO

Conjuga-se o particípio passado com o imperfeito do subjuntivo do verbo *sum*.

| I | | II | |
|---|---|---|---|
| amātus, a, um | essem<br>esses<br>esset | debĭtus, a, um | essem<br>esses<br>esset |

| | | | |
|---|---|---|---|
| amāti, ae, a | essēmus<br>essētis<br>essent | debĭti, ae, a | essēmus<br>essētis<br>essent |

| III | | IV | |
|---|---|---|---|
| lectus, a, um | essem<br>esses<br>esset | audītus, a, um | essem<br>esses<br>esset |
| lecti, ae, a | essēmus<br>essētis<br>essent | audīti, ae, a | essēmus<br>essētis<br>essent |

INFINITO PERFEITO

Acrescenta-se ao acusativo do particípio passado o infinito presente do verbo *sum*.

| I | | II | |
|---|---|---|---|
| amātum<br>amātam<br>amātum | esse | debĭtum<br>debĭtam<br>debĭtum | esse |

| III | | IV | |
|---|---|---|---|
| lectum<br>lectam<br>lectum | esse | audītum<br>audītam<br>audītum | esse |

## TEMPOS FORMADOS DO SUPINO

Com o radical do supino formam-se: — os dois supinos, o infinito futuro e o particípio futuro.

SUPINOS I E II

Acrescenta-se ao radical do supino a desinência *um* para o 1° supino e *u* para o 2°.

| I | II | III | IV |
|---|---|---|---|
| amā-t-u | debĭ-t-u | lec-t-u | audī-t-u |
| amā-t-um | debĭ-t-um | lec-t-um | audī-t-um |

### INFINITO FUTURO

Acrescentam-se ao radical do supino as terminações *urum, uram, urum.*

| I | II | III | IV |
|---|---|---|---|
| ama-t-ūrum | debi-t-ūrum | lec-t-ūrum | audi-t-ūrum |
| ama-t-ūram | debi-t-ūram | lec-t-ūram | audi-t-ūram |
| ama-t-ūrum | debi-t-ūrum | lec-t-ūrum | audi-t-ūrum |

### PARTICÍPIO FUTURO

Acrescenta-se ao radical do supino a terminação *urus, ura, urum.*

| I | II | III | IV |
|---|---|---|---|
| ama-t-ūrus | debi-t-ūrus | lec-t-ūrus | audi-t-ūrus |
| ama-t-ūra | debi-t-ūra | lec-t-ūra | audi-t-ūra |
| ama-t-ūrum | debi-t-ūrum | lec-t-ūrum | audi-t-ūrum |

## VERBOS IRREGULARES

Irregulares são os verbos que se afastam do modo de formação comum da maior parte dos verbos latinos. A esta classe pertencem, entre outros, os chamados verbos atemáticos.

Comecemos pelo auxiliar *sum, es, fui, esse,* que desempenha um papel preponderante na formação dos tempos de ação completa da voz passiva.

INDICATIVO

| *Presente* | *Imperfeito* | *Futuro* |
| --- | --- | --- |
| sum | eram | ero |
| es | eras | eris |
| est | erat | erĭt |
| sumus | erāmus | erĭmus |
| estis | erātis | erĭtis |
| sunt | erant | erunt |

| *Pret. Perf.* | *Pret. M. Q. Perf.* | *Fut. Perf.* |
| --- | --- | --- |
| fui | fueram | fuero |
| fuisti | fueras | fueris |
| fuit | fuerat | fuerit |
| fuĭmus | fuerāmus | fuerĭmus |
| fuĭstis | fuerātis | fuerĭtis |
| fuerunt | fuerant | fuerint |

SUBJUNTIVO

| *Presente* | *Imperfeito* | *Perfeito* |
| --- | --- | --- |
| sim | essem | fuerim |
| sis | esses | fueris |
| sit | esset | fuerit |
| simus | essēmus | fuerĭmus |
| sitis | essētis | fuerĭtis |
| sint | essent | fuerint |

*Pret. Mais Que Perfeito*

| | |
| --- | --- |
| fuissem | fuissēmus |
| fuisses | fuissētis |
| fuisset | fuissent |

IMPERATIVO

| Presente | Futuro | |
|---|---|---|
| es | esto | estōte |
| este | esto | sunto |

INFINITO

| Presente | Perfeito | Futuro |
|---|---|---|
| esse | fuisse | futūrum<br>futūram<br>futūrum |

*Particípio do Futuro*

Futurus, futura, futurum

NOTAS:

1) — Como *sum* conjugam-se os seus compostos:

*absum, abes, afui, abesse* — estar ausente
*desum, dees, defui, deesse* — faltar
*insum, ines, infui, inesse* — estar dentro
*intersum, interes, interfui, interesse* — participar
*obsum, obes, offui, obesse* — obstar
*praesum, praees, praefui, praeesse* — estar à frente, presidir
*prosum, prodes, profui, prodesse* — ser util
*possum, potes, potui, posse* — poder
*subsum, subes, subfui, subesse* — estar abaixo
*supersum, superes, superfui, superesse* — restar

Desses compostos, *intersum, insum, praesum, subsum* e *supersum* conjugam-se exatamente como *sum*.

*Desum* contrai a vogal do prefixo com a vogal temática de *sum*: por ex.: *dest, deram,* etc.; as formas *deesse,* etc., são devidas a um escrúpulo etimológico.

*Absum* antes de *f* perde o *b*: *afuit, afuisset.*

*Obfui* assimila o *b* ao *f*, dando *offui.*

*Prosum* nas formas de *sum* começadas por vogal conserva o *d* do primitivo radical *prod*: *prodes, prodesse.*

*Possum* nas formas de *sum* começadas por *e* e por *f* restabelece o *t* da raiz *pot*. Nas formas começadas por *f*, este desaparece: *potui, potuissem*. Infinito: *posse.*

De todos os compostos de *sum*, só *possum* passou para o português, dando o nosso verbo poder. Os outros deixaram um ou outro vestígio, como, ausente, presente, e superstite da língua jurídica, etc.

2) — Todo o presente do indicativo de *sum* passou para o português, exceto a 2ª pessoa do pl. *estis*, que foi substituida por uma forma analógica *suntis*, donde nos veio "sois".

3) — O imperfeito do indicativo também passou inteiramente, notando-se apenas a deslocação do acento tônico nas 1ª e 2ª pessoas do plural.

4) — O futuro não passou para o português.

5) — O presente do subjuntivo representa um antigo optativo, tendo para as três pessoas do singular as formas arcaicas *siem, sies, siet* e *sied*. Além dessas formas houve, também, *fuam, fuas, fuat* e *fuad*. O presente do subjuntivo também não passou para o português.

6) — O imperfeito do sujuntivo tinha também as seguintes formas usadas durante o período clássico e imperial: *forem, fores, foret.*

7) — Os tempos de ação completa passaram todos para o português: *fui, fora, for.*

h) FERO, FERS, TULI, LATUM, FERRE, levar

Nos tempos de ação incompleta o verbo *fero* é atemático: no indicativo presente, 2ª pessoa do singular e plural

e 1ª do plural; no imperativo presente e futuro; no imperfeito do subjuntivo e infinito presente. No mais como *lego*.

Os tempos de ação completa são formados regularmente da raiz *tul* para os derivados do perfeito, e *lat* para os derivados do supino.

| *Ind. Pres.* | *Imperf.* | *Fut. Imperf.* |
|---|---|---|
| fer-o | fer-e-ba-m | fer-a-m |
| fer-s | fer-e-ba-s, etc. | fer-e-s, etc. |
| fer-t | | |
| fer-ĭ-mus | | |
| fer-tis | | |
| fer-u-nt | | |

| *Subj. Pres.* | *Inf. Pres.* | *Imperf. Subj.* |
|---|---|---|
| fer-a-m | fer-re | fer-re-m |
| fer-a-s, etc. | | fer-re-s, etc. |

| *Imp. Pres.* | | *Imp. Futuro* | |
|---|---|---|---|
| fer | fer-te | fer-to | ferto-te |

| *Pret. Perf. I.* | *M. Q. Perf. I.* | *Fut. Perf. I.* |
|---|---|---|
| tul-i, etc. | tul-ĕra-m, etc. | tul-ĕr-o, etc. |

| *Pret. Perf Subj.* | *M. Q. Perf. Subj.* | *Inf. Perf.* |
|---|---|---|
| tul-ĕri-m, etc. | tul-isse-m, etc. | tul-isse. |

NOTAS:

1) — Na baixa latinidade procurou-se regularizar a conjugação de *fero*, substituindo as formas atemáticas por outras temáticas, ex.: *feris, feritis*, etc.

2) — A voz passiva forma-se normalmente, substituindo as desinências ativas pelas passivas, e nos tempos de ação concluida com o particípio *latus* e o verbo *sum*.

3) — Como *fero* conjugam-se os seus compostos.

i) *Fio, fis, factus sum, fieri*: — tornar-se

Serve de passivo de *facio*. Nos tempos de ação completa obedece regularmente á formação de tempos, não tendo, porém, imperativo.

| *Ind. Pres.* | *Imperf. I.* | *Fut. Imperf.* |
|---|---|---|
| fio, fis, etc. | fi-ē-ba-m, etc. | fi-a-m, fi-es, etc. |

| *Pres. Subj.* | *Imp. Subj.* | *Infinito* |
|---|---|---|
| fi-a-m, fi-a-s, etc. | fi-ĕ-re-m, fi-ĕ-re-s, etc. | fiĕri |

Os tempos de ação completa são formados por *factus* mais o auxiliar *sum*.

j) *Edo, es, esum, esse*: — comer

Este verbo apresenta, como *fero*, algumas formas temáticas e outras atemáticas. Estas são: 2ª pess. do sing. e do pl. e 3ª pess. do sing. do presente do indicativo; imperativo presente e futuro; infinito e presente do subjuntivo.

| *Ind. Pres.* | *Imperat. Pres.* | *Imperat. Fut.* |
|---|---|---|
| ed-o | es | es-to |
| e-s | es-te | es-tote |
| e-s-t | | ed-u-nto |
| ed-i-mus | | |
| es-tis | | |
| ed-u-nt | | |

| *Imp. Subj.* | *Inf. Pres.* |
|---|---|
| es-se-m | es-se |
| es-se-s | |
| etc. | |

Os tempos de ação completa formam-se regularmente de *edi*.

NOTAS:

1) — Este verbo tem dois subjuntivos presentes: um em *im*, vestigio do antigo optativo, outro em *a*.

| | |
|---|---|
| ed-i-m | ed-a-m |
| ed-i-s | ed-a-s |
| ed-i-t | ed-a-t |
| ed-ī-mus | ed-ā-mus |
| ed-ī-tis | ed-ā-tis |
| ed-i-nt | ed-a-nt |

2) — Paralelamente ás formas atemáticas crearam--se outras temáticas, mas tardiamente e por causa da analògia: *edere, ederem,* etc.

3) — Como *edo* conjugam-se os seus compostos: *ambedo, exedo* e *comedo*. Só este ultimo passou para o português, apresentando a particularidade do deslocamento do sentido da raiz para o prefixo que em português passa a ser a verdadeira raiz: comer, comida, etc.

k) *Volo, uis, uolui, uelle*: — querer

Nos tempos de ação incompleta apresenta as seguintes irregularidades: 2ª pess. do sing. e do pl. e 3ª do sing. do presente do indicativo; infinito presente e presente do subjuntivo atemáticos; alternância o|e no radical; desinências do optativo no subjuntivo presente e ausência de imperativo.

Os tempos de ação completa formam-se normalmente de *uolui.*

| *Ind. Pres.* | *Inf. Pres.* | *Pres. Subj.* | *Imperf. Subj.* |
|---|---|---|---|
| uol-o | uel-le | uel-i-m | uel-le-m |
| ui-s | | uel-is | uel-le-s |
| uul-t | | uel-i-t | uel-le-t |
| uol-ŭ-mus | | uel-ī-mus | uel-lē-mus |
| uul-tis | | uel-ī-tis | uel-ē-tis |
| uol-u-nt | | uel-i-nt | uel-le-nt |

Os demais tempos se conjugam como *legere,* obedecendo normalmente á formação dos tempos.

| *Imp. I.* | *Fut. Imp.* | *Pret. Perf. I.* | *M. Q. Perf. I.* |
|---|---|---|---|
| uol-e-ba-m | uol-a-m | uolui | uolu-ĕram |
| uol-e-ba-s | uol-e-s | uolu-isti | uolu-ĕras |
| etc. | etc. | etc. | etc. |

Como *uolo* os seus compostos *nolo, malo,* não querer e preferir.

| *Ind. Pres.* | | *Imp. Ind.* | |
|---|---|---|---|
| nolo | malo | nol-ē-ba-m | mal-ē-ba-m |
| non uis | mauis | nol-ē-ba-s | mal-ē-ba-s |
| non uult | mauult | etc. | etc. |
| nōl-u-mus | māl-u-mus | | |
| non-uul-tis | ma-uul-tis | | |
| nol-u-nt | mal-u-nt | | |

*Subj. Pres.*

| | |
|---|---|
| nol-i-m | mal-i-m |
| nol-i-s | mal-i-s |
| etc. | etc. |

NOTAS:

1) — *Nolo* do subjuntivo tirou uma fórma *noli, nolite,* muito usada como auxiliar.

2) — Na língua arcaica aparecem formas como *neuis* e *noltis.*

3) — Malo apresenta na língua arcaica formas como *mauolo, mauolt, mauoltis.*

1) *Eo, ii, itum, ire*: — ir

E' um antigo verbo atemático. Antes de vogal passa para o tipo temático *eo, eunt.* Faz o futuro em *b,* apesar de ser um verbo da 4ª conjugação.

Os tempos de ação completa formam-se regularmente em *ii* ou *iui.*

| *Ind. Pres.* | *Imp. Ind.* | *Futur. Imp.* | *Pres. Subj.* |
|---|---|---|---|
| e-o | i-ba-m | i-bo | e-a-m |
| i-s | i-ba-s | i-b-i-s | e-a-s |
| i-t | i ba-t | etc. | etc. |
| i-mus | i-bā-mus | | |
| i-tis | i-bā-tis | | |
| e-u-nt | i-ba-nt | | |

| *Imp. Subj.* | *Impt. Pres.* | *Impt. Fut.* | *Part. pres.* |
|---|---|---|---|
| i-re-m | i | i-to | iens, |
| i-re-s | i-te | i-tote | euntis |
| etc. | | | |

NOTAS:

1) *Queo,* posso, e *nequeo,* não posso, e seus derivados por ele se conjugam.

2) O verbo *ire* deu ir em português. Entretanto, o nosso verbo ir, além da raiz *i,* tem ainda formas tiradas da raiz *va* do verbo *uadere* e da raiz *fu* de *fui.*

## m) VERBOS DEFECTIVOS

São defectivos os verbos que não são conjugados em todos os modos, tempos e pessoas.

Os verbos *coepi, odi, memini* e *noui* só são conjugados nos tempos de ação completa, tendo nestes tempos forma regular.

*Pret. Perf.*

| | | | |
|---|---|---|---|
| coepi | odi | memini | noui |
| coepisti | odisti | meministi | nouisti |
| etc. | etc. | etc. | etc. |

*M. Q. Perfeito Ind.*

| | | | |
|---|---|---|---|
| coep-ĕram | od-ĕram | memin-ĕram | nou-ĕram |
| coep-ĕras | od-ĕras | memin-ĕras | nou-ĕras, etc. |

NOTA: — Estes perfeitos, exceto *coepi* que se vale de *incipio*, são usados com valor de presente.

n) *Aio* — falar

Só é usado nas seguintes formas:

| *Ind. Prest.* | *Imperf. Ind.* | *Pret Perf. Ind.* |
|---|---|---|
| aio | aiebam | ait |
| ais | aiebas | |
| ait | aiebat | |
| aiunt | aiebāmus | |
| | aiebātis | |
| | aiēbant | |

o) *Inquam* — digo

Só aparece nas seguintes formas:

| *Ind. Pres.* | *Imperf. Ind.* | *Pret. Perf.* | *Futuro Imp.* |
|---|---|---|---|
| inquam | inquiēbant | | inquies |
| inquis | | | inquiet |
| inquit | inquit | | |
| inquiunt | | | |

NOTA: — A 1ª pessoa do indicativo presente é um vestígio de um antigo subjuntivo.

p) *Fari* — falar

Verbo raro e poetico.

q) *Auere, Saluere, Ualere*

Verbo raro e poético.

| | | |
|---|---|---|
| aue | salue | uale |
| auete | saluete | ualete |

r) *Quaeso,* por favor

Só se usam as formas: *quaeso,* , *quaesŭmus.*

s) VERBOS IMPESSOAIS

1 — São impessoais os verbos que indicam fenomenos naturais, como *fulget* — relampeja, *pluit* — chove, *tonat* — troveja.

2) — Os que indicam sentimentos: *piget* — ter pezar, *pudet* — ter vergonha, *miseret* — ter piedade, etc.

3) — Os correspondentes a impessoais portugueses: *decet* — convir, *oportet* — ser preriso, *licet* — ser licito, etc.



Uma rua de Pompéia, a aprazível cidade de vilegiatura dos romanos, completamente soterrada pelas cinzas e pedras do Vesuvio na terrível erupção de agosto de 73, sob Tito.

## CAPÍTULO XII

### Advérbio

O advérbio é uma palavra invariável que acompanha um verbo, um adjetivo, ou mesmo outro advérbio, para modificá-los trazendo-lhes uma noção accessória.

Como já tivemos oportunidade de ver com os advérbios de lugar e os advérbios de modo, são em geral palavras declinaveis, substantivos, adjetivos, ou pronomes como que fossilizados em determinados casos.

Uns representam nominativos, outros ablativos, muitos acusativos, etc.

#### *a) Advérbios de modo*

Além dos advérbios de modo que já conhecemos como derivados de adjetivos, poderemos acrescentar os seguintes: *ita,* do mesmo tema de *is, id; sic* proveniente de *sei* e da partícula *ce*. Deu origem ao nosso advérbio de afirmação "sim".

*Ut* — como. Forma arcaica *uta.*

*Frustra* — em vão.

*Satis* — forma abreviada *sat* — bastante.

*Paene* — quase. De paene aparece um superlativo em Plauto — *paenissime.*

*Modo,* ablativo de *modus, i,* só.

*Nimis,* demais.

NOTA — Exceto *sic,* nenhum deles passou para o português.

b) *Advérbios de lugar*

Além dos que já demos acrescentaremos:

*Prope* — perto.

*Procul* — longe, derivado de *pro* e de um segundo elemento, cuja etimologia não ficou ainda bem assentada.

*Intus* — de *in* e *tus*, dentro.

*Foris* ou *foras*, de *fores, um* — porta, fora. Houve em português uma forma arcaica *foras*, antes do atual fora.

Há ainda os compostos de *ubi* como: *ubicunque* e *ubiuis*, em qualquer lugar, *ubique*, em todo lugar.

NOTA: — Exceto *foras*, nenhum deles passou para o português.

c) *Advérbios de tempo*

*Adhuc*, de *ad* e *huc*, ainda.

*Antea*, de *ante*, dantes.

*Aliquotus*, de *ali* e *quotiens*, algumas vezes.

*Cras*, amanhã.

*Deinde*, forma derivada de *deins*, depois, em seguida.

*Denique*, de *de ni* e *que*, enfim.

*Demum*, talvez superlativo de *de*, enfim.

*Diu*, por muito tempo.

*Dudum*, da raiz *du*, duração, mais a enclítica *dum*, há tempo.

*Heri*, ontem.

*Hodie*, *hoc die*, hoje.

*Interdiu*, de *inter* e *diu*, variante de *dies*, durante o dia.

*Iam*, já. A forma portuguesa seria "jão".

*Interdum*, de *inter* e *dum*, ás vezes.

*Mane*, indeclinavel em ablativo, de manhã.

*Mox*, breve.

*Nunc*, *num* mais a partícula *ce*, agora.

*Nunquam*, deu em português nunca.

*Nuper*, de *nouus-parus*, há pouco.

*Noctu*, ablativo locativo de *nox*, de noite.

*Nudiustertius*, de *nu, dies* antigo nominativo de *dies, tertius*, ante-ontem.

*Olim* de *ollus* forma paralela de *ille* mais o sufixo *im*, nesse tempo.

*Pridem*, de *pri* e *dem*, há muito tempo.

*Pridio*, o dia anterior.

*Postea*, de post, como *antea*, depois.

*Postridie*, antigo locativo, o dia seguinte.

*Potimus*, de *po* e *timus*, logo.

*Quondam*, de *quon* e *dam*, em dado momento.

*Semper*, *sem* e *per*, sempre. Na passagem para o português houve a metatese do *r*.

*Simul*, neutro arcaico de *similis*, ao mesmo tempo.

*Statim*, de *sto* e o sufixo *tim*, imediatamente.

*Tum* e *tunc*, de *talis*, então. A forma *tunc* deu tão em português.

*Vesperi*, locativo de *uesper*, de tarde.

d) *Advérbios de quantidade*

*Magis*, da raiz *mag* de *magnus*, mais.

*Multo* e *multum*, muito. Na passagem para o português houve a vocalização do *l*.

*Minus*, comparativo, menos.

*Tantum*, mesma raiz de *talis*, tanto.

*Tam*, tão.

*Quam*, quão.

*Quantum*, de *quam*, quanto.

*Paulum*, de *paulus, a, um*, pouco.

e) *Advérbios de negação*

*Haud, haut, hau-*, não.

*Ne*, não.

*Nec*, arcaico, não. Deu em português nem.

*Non*, de *ne*, **oinos, unus*, forma arcaica de *ne*, mesma significação de não, forma portuguesa derivada de *non*.

NOTA: — Em latim duas negações se destroem, isto é, valem por uma afirmação. Ex.: "nunquam id non accidit" — isto sempre acontece.

---

CAPÍTULO XIII

# Preposição

As preposições são antigos advérbios usados primitivamente em relação estreita com alguns nomes ou em composição com alguns verbos. Depois, por uma necessidade de clareza, em virtude do enfraquecimento e redução dos casos, seu emprêgo foi tornando-se cada vez mais frequente antes de determinados casos de nomes ou em composição com certos verbos.

Daí seu emprêgo regular nestas circunstâncias, passando assim a constituirem uma nova categoria gramatical, chamada preposição por sua colocação geralmente antes da palavra que passava a reger.

Essa evolução pode ser observada, por exemplo, no próprio latim.

*Contra,* mero advérbio na língua arcaica, na época clássica é uma preposição regendo acusativo. Assim também numerosos advérbios da língua clássica passaram na idade de prata à função de preposição.

Já vimos como o emprêgo das preposições no latim da decadência se desenvolveu, resultando daí o desaparecimento dos casos. Passou-se até mais tarde a unir duas ou mais preposições formando como que preposições compostas, como por exemplo: *depost,* português "depois"; *ab ante,* port. avante; *ad post,* port. após.

Em latim clássico ?as preposições regiam acusativo ou ablativo.

Havia ainda quatro preposições que regiam ora acusativo, ora ablativo. Conhecendo-se, pois, estas quatro, para saber-se a regência das demais basta reparar-se, no caso por elas regido. Se fôr acusativo, é que a preposição rege acusativo, se fôr ablativo é que rege ablativo.

## a ) PREPOSIÇÕES QUE REGEM ACUSATIVO E ABLATIVO

*In* (forma arcaica *en*) — em. Rege acusativo quando indica movimento, traduzindo-se por *para* ou *a;* em sentido figurado significando — a favor ou contra.

Rege ablativo quando não indica movimento, traduzindo-se por — em ou entre.

*Sub* (i.-e. **upo* mais *s*) — sob. Idéa de movimento, significando também em sentido figurado — por e depois. Rege ablativo quando significa sob sem movimento. E em sentido figurado "no momento de".

*Subter* (de *sub* mais *tero*) — debaixo. E' raro com o acusativo e com o ablativo só em poesia.

*Super* (do i.-e. **uper* mais *s*) — sobre. Na língua clássica só aparece com acusativo. Com ablativo significa "a respeito de", na linguagem familiar e nos escritores postclássicos.

## b) PREPOSIÇÕES QUE REGEM ACUSATIVO

*Ad* (do i.-e. **ad,* apresentando uma forma arcaica *ar* antes de *f*) a, para, até.

*Ante* (do i.-e. **anti*), deante de, antes de. Deu o português ante.

*Apud* (do i.-e. **apo?*), junto de, em casa de, entre.

*Circa* (de *circus*), em tôrno de.

*Circum* (ac. sing. de *circus*), em tôrno de, cêrca de.

*Cis, citro* (do i.-e. **ki* mais *s* e o 2° de **ki* mais *tero,* antigo ablat.) para cá de. *Cis* aparece em português como prefixo.

*Contra* (de *com* mais *tero*), em frente de, contra.

*Erga* (de *ergo*), para com.

*Extra* (de *ex tero,* antigo ablat. sing.), fora, ás vezes excéto.

*Infra* (de *inferus,* antigo ablat. sing.), abaixo de.

*Inter* (de *in* mais *tero*), entre, durante, em. Português entre.

*Ob* (i.-e. **op*), deante de, por causa, por.

*Penes* (antigo locativo de *penus*), em poder, nas mãos de.

*Per* (de i.-e. **pero*), através de, por, durante, por meio de. Port. por.

*Post* (de *posti, poste,* tendo havido uma forma arcaica *posted*), depois atrás. Port. pois.

*Praeter* (de *prae* mais *tero*), ao lado de, além de, exceto.

*Prope* (talvez de *pro*), perto de. Próximo, superlativo de *prope* aparece em português.

*Propter* (de *prope* mais *tero*), perto de.

*Super* (antigo ablat. sing.), sobre, mais.

*Trans* (talvez antigo participio), além de.

*Ultra* (de *uls,* preposição arcaica, e *tero*).

c) PREPOSIÇÕES QUE REGEM ABLATIVO

*Ab* (do i.-e. **ap* de **apo*), de. Indica afastamento.

*Cum* (forma arcaica do i.-e. **kom*), com.

*De* (do i.-e. **de*), de. Movimento de cima para baixo.

*Ex* (do i.-e. **eks*), de (afastamento), para fora de.

*Prae* (do i.-e **prai,* com desinência do dat.), deante de, por causa.

*Pro* (do i.-e. **pro*), deante de, em favor de. Deu em port. por com a metatese do *r*.

*Sine* (de *se,* raiz do reflexivo mais a particula *ne*), sem.

*Tenus* (antigo acus. neutro), até. E' uma preposição que, em vez de preceder a palavra que rege, a segue.

CAPÍTULO XIV

# Conjunção

Vimos já como por vezes se torna dificil uma separação precisa entre algumas preposições e advérbios. O mesmo iremos notar com as conjunções, e isto porque é impossivel uma separação perfeita destas palavras, estreitamente ligadas, senão por sua função, pela forma e pela etimologia.

A conjunção é uma palavra invariável, tendo por função ligar palavras ou orações, às vezes de igual valor significativo, outras trazendo uma subordinação. Chamam-se as primeiras conjunções coordenativas, e as últimas, subordinativas.

## a) CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

COPULATIVAS

— *Que* (do i.-e. **que*, também inclítica), e. E' uma inclítica do latim.

*Et* (do i.-e. **eti*), e.

*Atque* (de *ac*), e, além disso.

*Ac*, mesmo sentido que a anterior.

DISJUNTIVAS:

*Ve* (de i.-e. **we*), ou.

*Vel* (2ª pess. sing. arcaica de *uolo*), ou.

*Aut* (do i.-e. **au* e *t* forma pronominal), ou. A conjunção portuguesa provém normalmente do latim *aut*.

ADVERSATIVAS:

*At* (do i.-e.. **ati*), mas.
*Ast* (talvez de *at*), mas, ao contrário.
*Sed* (na língua arcaica *sedum*, de *se*, raiz do reflexivo, e a particula *dum*), mas.
*Autem* (do i.-e. *au* mais *tem*), entretanto.
*Tamen* (de *tam*), contudo.
*Verum* (acus, neutro), porém.

CONCLUSIVAS:

*Ergo* (de *erga?*), logo.
*Itaque* (de *ita* e *que*), portanto.
*Igitur*, pois.

## b) CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

CONDICIONAIS:

*Si* (arcaica *sei* locativo te *so*, pron. arcaico), se.
*Nisi* (de *ne* e *si*), senão.
*Ni* (do i.-e. **nei* e da neg. *ne*), se não.
*Sin* (de *si* e *ne*).
*Dumodo* (de *dum* e *modo*), se.

CONCESSIVAS:

*Etsi* (*et si*), embora.
*Quamuis* (de *quam* e *uis*), se bem que.
*Licet*, se bem que.

FINAIS:

*Ut* (de *uti*), afim de que.
*Ne* (do i.-e. **ne*), para que não.
*Quin* (de *que* e *ne*), que não.

CAUSAIS:

*Cum* (ac. neutro adv. de *quom*), pois que.
*Quoniam* (de *quon* e *iam*), pois.
*Quod* (ac. neutro de *qui, quae, quod*), porque.
*Quia* (antigo ac. neutro pl. de *qui*), porque.

TEMPORAIS:

*Cum* (de *quom*), quando.
*Quando* (de *quam* ac. fem. de *qui, quae, quod* e do i.-e. **do*), quando.
*Donec* (arcaico *donicum*), até que.

COMPARATIVAS:

*Ut* (*uti*), como.
*Quasi* (de *qua* e *si*), como.
*Quam* (ac. fem. sing de *qui, quae, quod*), como.

CORRELATIVAS:

*Ita...ut,* tanto... que.
*Et...et,* não só... mas também.

---

CAPÍTULO XV

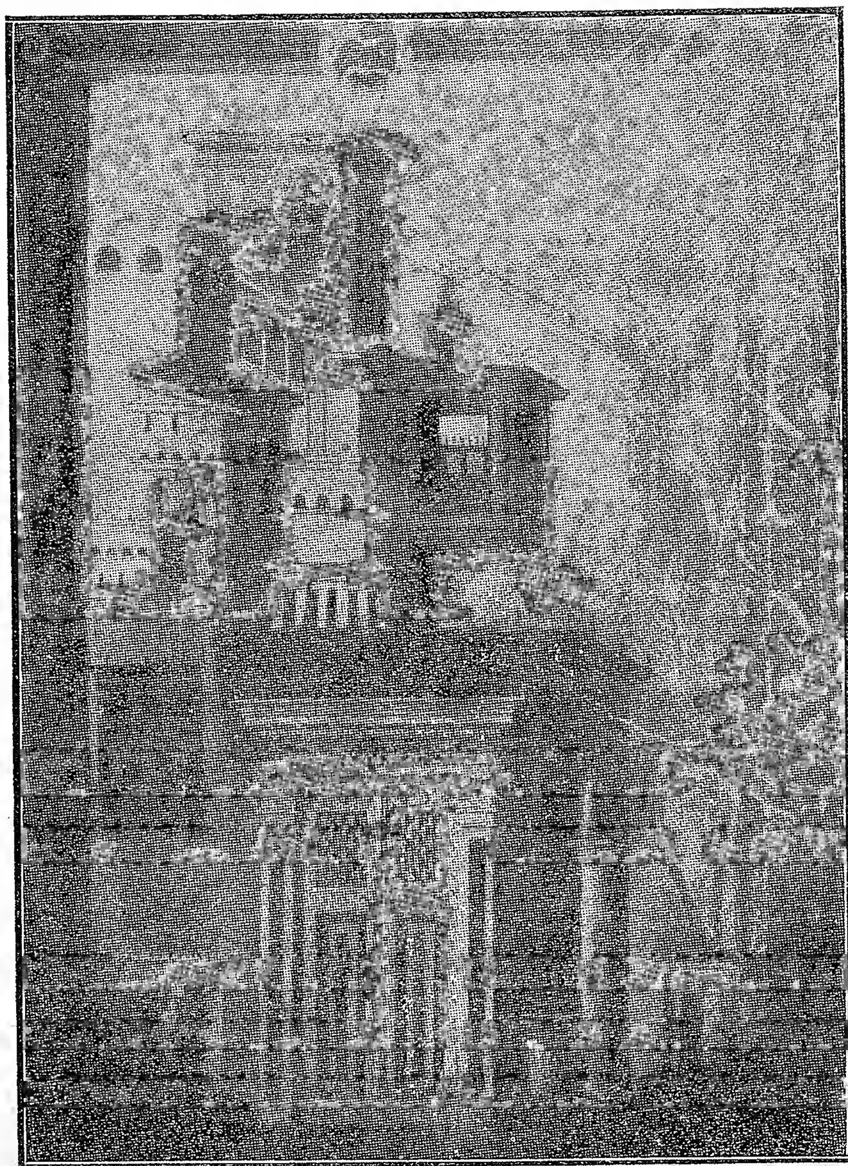
## Interjeição

Por influência do helenismo em Roma, havia várias interjeições genuinamente gregas empregadas pelos romanos, ex.: *euge, sophos,* etc.

Vejamos algumas das principais latinas:

*A* (ah), port. ah!
*Age,* eia.
*En, ecce,* eis aí.
*Heu, eheu,* ai de mim.
*O* (ho ou oh), ó.
*Vae,* ai de.

---



**Pintura mural onde se vê uma casa romana no Império**

TERCEIRA PARTE

# NOÇÕES DE SINTAXE

Comparando-se a frase latina com a frase portuguesa, notar-se-á imediatamente uma diferença sensivel entre as duas línguas no modo de construção dos períodos, no lugar da palavra na oração, enfim nos próprios processos de expressão de uma e de outra, sendo o português uma língua analítica e o latim sintética.

Tomemos como exemplo um trecho de Cesar, um dos escritores romanos mais notáveis por suas extraordinárias qualidades de precisão e clareza:

"Caesari renuntiatur, Heluetiis esse in animo, per agrum Sequanorum et Haeduorum iter in Santŏnum fines facere qui non longe a Tolosatium finibus absunt quae ciuitas est in Prouincia." (De Bello Gallico, I-10).

— Comunicaram a Cesar que estava em mente dos helvécios fazer caminho para as fronteiras dos santões, através do território dos sequanos e dos heduos, os quais (santões) não ficavam longe das fronteiras dos tolosatos, nação que está na Província. —

Desde logo se observa que, enquanto que em português predomina a ordem direta, em latim sobressai a ordem inversa: "Caesari renuntiatur", port. comunicaram a Cesar; "Heluetiis esse in animo", que estava em mente dos helvécios: "per agrum Sequanorum et Haeduorum iter in Santonum fines facere", fazer caminho para as fronteiras dos santões pelo território dos sequanos e dos heduos.

A colocação das palavras na frase, em latim, é muito mais livre do que em português; *iter* distanciado do verbo *facere*, se bem que com êle constitua verdadeira locução que poderiamos traduzir por caminhar, marchar; *in* e *a*, preposições, não precedendo imediatamente seus regimes: *fines* e *finibus*.

Enfim, a predominância em latim das reduzidas e parco emprêgo das preposições: "esse in animo", que estava em mente; "Caesari", a Cesar; "Heluetiis", que traduzimos fora da letra—dos helvécios—e que se deveria traduzir separadamente por — aos helvécios — por se tratar de um dativo; "Santonum", "Haeduorum", "Tolosatium", genitivos que traduzimos pela preposição *de*: dos santões, dos heduos, dos tolosates.

E' verdade que mesmo o lati mclássico já trazia em si o germen da tendência analítica, reduzindo o número e emprego dos casos pelo uso das preposições. Mas este germen só germinou e floreceu luxuriantemente na língua livre do povo, para, enfim, frutificar até na lingua castigada dos escritores das hodiernas línguas românicas (1).

---

(1) Sobre a tendência analítica, vide Clovis Monteiro — "O germe da tendência analítica nas línguas clássicas", em "Português da Europa e Português da America".

## CAPíTULO I

### Sintaxe de Concordância

O adjetivo concorda em genero, número e caso com o substantivo a que se refere.

No caso do adjetivo referir-se a substantivos de gêneros diversos, concordava com o mais proximo, sintaxe geralmente imitada pelos clássicos portugueses.

Quando a função de atributo cabe a um substantivo, que assim se torna aposto de outro, obedece ás mesmas regras de concordância do atributo, isto é, concorda em gênero, número e caso com o substantivo a que está em aposição.

O verbo, bem como o adjunto predicativo, concordam com o sujeito.

Se há vários sujeitos, a concordância pode fazer-se com o sujeito mais proximo.

Outras vezes há a concordância com o sujeito composto, indo assim para o plural o verbo e o predicativo. Se o sujeito composto constar de pessoas, o predicativo vai para o gênero do mais nobre, se constar de objetos vai para o neutro.

A's vezes um coletivo como *ciuitas* leva o verbo para o plural. E' o que se chama concordância de sentido.

O relativo concorda com o seu antecedente em genero e número, mas não em caso que depende de sua função sintáctica na oração.

CAPÍTULO II

## Sintaxe dos casos

a) NOMINATIVO

E' o caso do sujeito e do adjunto predicativo. Na língua arcaica e em poesia frequentemente se usa do nominativo pelo vocativo.

b) VOCATIVO

E' o caso da apelação.

c) ACUSATIVO

E' o caso do objeto direto.

Alguns verbos que em português pedem objeto direto e indireto usam-se em latim com dois acusativos. Estão neste caso, entre outros, *celāre*, esconder; *docēre* e *edocēre*, ensinar; *orāre*, pedir; *poscĕre*, reclamar; *ducĕre*, conduzir, etc.

Usa-se também frequentemente do acusativo como adjunto circunstancial de lugar para onde, e ás vezes como adjunto circunstancial de tempo.

Enfim, ás vezes precedido da interjeição *o*, substitue o vocativo.

d) GENITIVO

Geralmente exerce a função de complemento de um substantivo, dividindo-se em: genitivo subjetivo, objetivo,

possessivo, descritivo e partitivo. E' sempre traduzido em português pela preposição *de*, desempenhando, de um modo geral, a mesma função que em latim.

O genitivo é complemento de muitos verbos que pedem ainda hoje complemento indireto em português, regido da preposição *de*. Ex.: *memini*, lembrar-se de; *obliuisci*, esquecer-se de; *pudet*, envergonhar-se de; *accusare*, acusar de; *absoluere*, absolver de.

Aparece o genitivo como complemento de vários adjetivos, muitos dos quais ainda hoje em português pedem um complemento começado por *de*. Ex.: *auidus*, ávido de; *cupidus*, cubiçoso de; *plenus*, cheio de; *inops*, falto de, etc.

e) Dativo

O dativo é o caso do objeto indireto.

Alguns verbos pedem dois dativos para indicarem no interesse de quem se faz alguma coisa, dativo chamado de interesse, e a quem se destina um ato, uma coisa.

O dativo aparece ás vezes como complemento de certos adjetivos, como por ex.: *carus*, caro a; *fidelis*, fiel a; *utilis*, útil a; *idoneus*, idôneo para; etc.

f) Ablativo

O ablativo latino, tendo suplantado, como vimos, o instrumental e o locativo, é usado além de sua função própria de ablativo, que é indicar afastamento, como instrumental, e como locativo. Numa palavra, é o caso do adjunto circunstancial.

Como ablativo corresponde geralmente ao adjunto circunstancial de lugar donde. Em sentido figurado, é usado nessa função como complemento de verbos e adjetivos que indiquem afastamento. Como ablativo absoluto indica tempo.

Como instrumental, corresponde geralmente aos adjuntos circunstanciais de modo, instrumento, causa, preço, relação, etc.

Como locativo, adjunto circunstancial de lugar onde.

## CAPÍTULO III

### Número

A's vezes emprega-se o nome de povos no singular com valor coletivo. Ex.: *Romanus* — os romanos.

Alguns substantivos, como por ex.: *ciuitas,* tendo significação coletiva, levam o verbo para o plural.

A's vezes empregam-se no plural substantivos abstratos, e adjetivos, e pronomes neutros substantivados.

---

CAPÍTULO IV

# Sintaxe do adjetivo

Em poetas e autores da decadência ás vezes encontram-se superlativos empregados por comparativos e vice-versa, bem como formas de comparativo e superlativo não usadas pelos autores clássicos.

Se o primeiro termo de uma comparação estiver no nominativo ou no acusativo, o segundo poderá ir para o ablativo, acompanhado ou não do advérbio *quam*.

A's vezes o segundo termo da comparação não aparece, caso em que o comparativo faz o verdadeiro papel de superlativo atenuado. Ex.: *longiora, breuiora,* um pouco longe, etc.

*Quam,* junto a um superlativo, reforça-o. A's vezes acompanha-o o verbo *posse.*

CAPíTULO V

## Sintaxe do pronome

O reflexivo *sui, sibi, se,* como o nosso reflexivo si, refere-se sempre ao sujeito. Quando aparecem, porém, numa proposição subordinada, geralmente se referem ao sujeito da oração principal.

Frequentemente, *ille* equivale a um expletivo, quando precede imediatamente a um substantivo, traduzindo-se por o célebre, o notavel.

*Iste,* ás vezes, é pejorativo.

*Ipse* concorda geralmente com o sujeito.

CAPITULO VI

# Sintaxe do verbo

*Sentido e emprego dos tempos no indicativo*

PRESENTE: — Indica a ação em sua elaboração, no momento em que se realiza. Como em português, o latim usa do presente histórico para dar mais vigor a uma narração.

IMPERFEITO: — Indica uma ação passada, mas com uma idéa de duração ou repetição.

FUTURO: — Uma ação a realizar-se. Principalmente na 1ª pessoa designava, ás vezes, o desejo de realizar um ato, optativo.

PERFEITO: — Primitivamente sem noção temporal, indicava um ato como terminado. Daí lhe veio mais tarde a idéa de tempo.

MAIS QUE PERFEITO: — Indica uma ação passada em relação a outra, também passada.

FUTURO PERFEITO: — E' o contrário do mais que perfeito. Indica o resultado de uma ação futura, antes de outra também futura.

*Imperativo*

Tem só o presente e o futuro, que é usado principalmente nos textos de lei. Como é natural, não tem o impe-

rativo passado, pois ninguem dá ordens para serem cumpridas no passado.

*Subjuntivo*

Depende da oração principal. Se o verbo desta estiver no presente ou no futuro, o verbo da subordinada irá para o subjuntivo, que é o modo da subordinação, empregando-se o presente ou o perfeito; se o verbo da oração principal estiver em um tempo passado, o verbo da subordinada ficará no imperfeito ou mais que perfeito do subjuntivo.

*Infinito e particípio*

Teem o mesmo sentido e emprego dos tempos do indicativo.

*Emprego dos Modos*

Assim de um modo geral: — O indicativo é o modo da afirmação simples de um fato, é o modo da realidade. O imperativo é o modo da ordem positiva, do mando. (O imperativo negativo é tardio em latim e quase sempre perifrástico.) O subjuntivo é o modo da subordinação, da hipótese, do potencial e irreal.

## FORMAS NOMINAIS DO VERBO

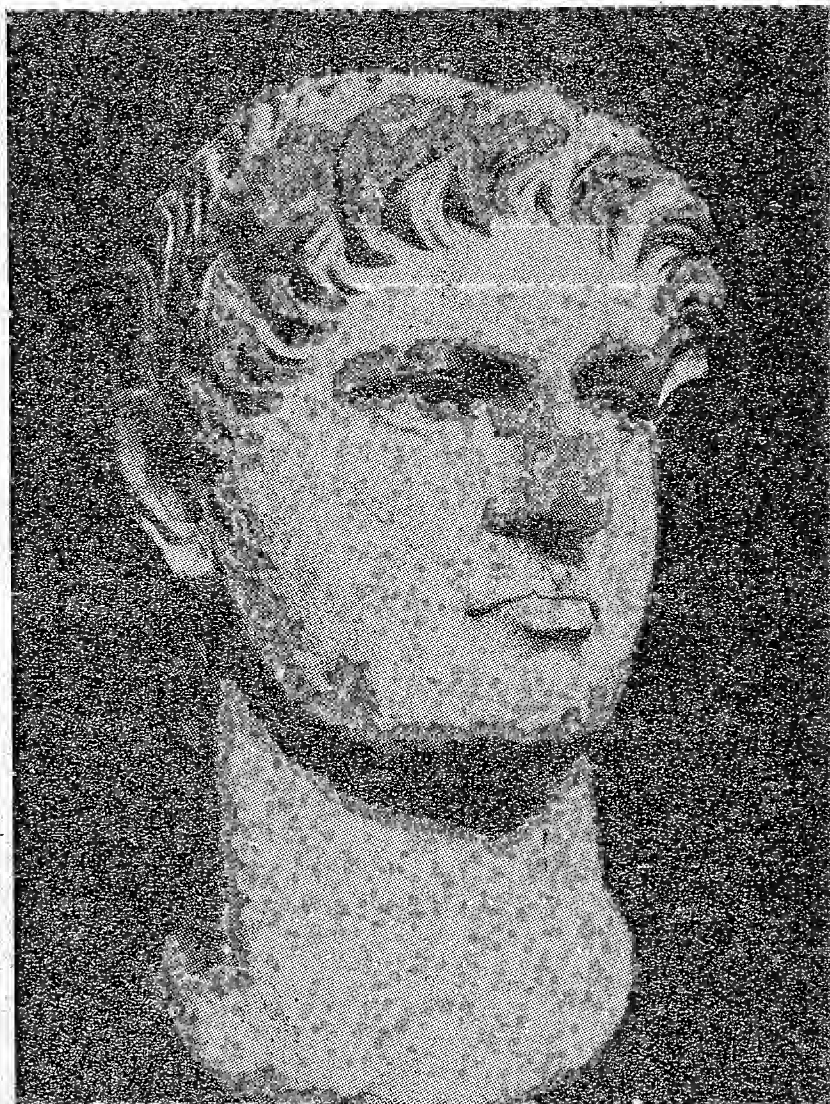
Infinito: — Pode ser empregado como em português as reduzidas de infinito com a função de sujeito, objeto e predicativo. Havia ainda o infinito histórico, único, cujo sujeito em vez de ir para o acusativo ficava em nominativo.

Supino: — Em *um* é empregado com verbos que indicam movimento. O supino em *u,* como complemento de alguns adjetivos: *horribile uisu,* horrivel de se ver.

Gerúndio: — E' como que os casos declives do infinito. Assim, quando êste deveria ser usado no genitivo, no acusativo, no ablativo, usam-se desses casos do gerundio.

Particípio: — Empregado com parcimônia na época clássica, é de uso corrente, entretanto, como ablativo absoluto. *"Seruio Tulio regnante"* (Cícero).

---



Nero, imperador que ao assinar a primeira pena de morte, lamentou saber escrever. Tendo sido educado por Sêneca e Burro, os primeiros cinco anos de seu govêrno foram de extraordinária tolerância. Acusado de numerosos crimes, entre outros o do assassinio de sua mãe e do incêndio de Roma, é em geral considerado um monstro, embora alguns historiadores modernos tentem rehabilitá-lo

CONCLUSÃO

# CARACTERES GERAIS DA LINGUA LATINA

A tradição romana refere que um punhado de guerreiros fundara, em território exíguo, a cidade que mais tarde seria a dominadora do mundo, dando-lhe por muralhas o sulco aberto na terra pelo arado.

Os próprios romanos tomaram tal relato por lendário, mas se atentarmos na lenda ingênua na aparência e lhe procurarmos a significação, veremos que sintetiza de maneira admiravel toda a história deste povo, cuja grandeza tinha origem no manejo heroico das armas e no labor rude dos campos.

Povo de agricultores e soldados, endurecidos na luta perene contra a terra, que tinham que sanear e fertilizar, e contra o homem vizinho que tinham que rechaçar e vencer, crearam e desenvolveram, até o mais alto gráu, as virtudes que, por excelência, os deveriam preservar da ruina: vigor intrépido, estrita disciplina, tenacidade que não raro chegava à obstinação, sobriedade e um poder admiravel de assimilação e adaptação.

Ora, a língua de uma nação, sendo o meio direto de intercomunicação do pensamento dos indivíduos que a compõem, certo refletirá, de um modo incisivo, a sua própria mentalidade.

Fazendo-se uma generalização do conceito de Buffon, quando dizia que o estilo era o homem, poderemos igualmente afirmar que a língua é o povo que a fala.

Língua de agricultores e soldados, era na agricultura e na milícia que frequentemente ia buscar o termo de comparação com que exprimir pela metáfora suas idéias, seus sentimentos, procurando para traduzi-los vocábulos concretos, ricos de expressão realista, portanto infensos ao devaneio e às abstrações.

Das palavras tomadas de empréstimo á língua militar, citaremos entre outras: — *excellere,* dizia-se das armas de arremesso que ultrapassavam o alvo; *praemium,* o que era reservado antes da pilhagem; e expressões como *res gestae,* que significava propriamente operações, fatos militares e que tomou sentido genérico de história, relato dos fatos; *aram ex cloaca facere,* exagerar, fazer de uma cloaca cidadela.

Da agricultura há também numerosas palavra, como: *delirare,* traçar um sulco tortuoso com o arado; *calamitas,* praga que destruia o cálamo, o trigo; *riualis,* ribeirinho; *adoria,* recompensa militar, de *ador,* trigo escolhido, etc.; *pecunia,* riqueza em gado.

Mesmo ao se referir a qualidades abstratas, procuravam os latinos valer-se de vocábulos que como que as representassem concretamente. *Felix,* significava propriamente fertil; em *sincerus,* puro, franco, limpo, o povo julgava ver uma imagem tirada da produção do mel *sincerum,* isto é, puro, sem cêra; *imbecillus,* fraco física e moralmente, o que não se apoiava em um bordão, *baculum.* Frequentemente no horror das simples abstrações, os romanos enfeixavam na mesma palavra as duas acepções concreta e abstrata, física e moral: *Virtus,* fôrça física e moral, coragem, virtude; *turpitudo,* fealdade física e propriamente torpeza.

O vocabulário latino, comparado com o grego e com o de outras línguas antigas ou modernas, era bastante inferior pelo número de palavras. Essa pobreza vocabular, entretanto, era como que procurada pelo escrúpulo da língua em receber termos novos, que lhe pareciam accessórios, refletindo assim, de um modo irrefutavel, a sobrieda-

de dos romanos dos primeiros tempos, tão infensos ao luxo e às comodidades que a riqueza lhes poderia facultar.

A disciplina militar, rigorosa e intransigente, que imperava no acampamento, manifestava-se na língua que procurava enquadrar-se em moldes rígidos, em que se desprezava o superfluo, reduzindo a morfologia flexivel e abundante do indo-europeu, e procurando, numa tendência sempre niveladora, reduzir e eliminar as exceções.

Esst disciplina aparece também na frase latina, cujos termos fortemente ligados uns aos outros, ocupando cada qual seu verdadeiro lugar e com função nitidamente explícita, constituem as orações, e cada uma dessas articulando-se sincronicamente, formam o período. "O princípio da subordinação, pondera *Weise,* penetra toda a sintaxe latina, isto é, a construção das palavras e das proposições, e reina em latim mais fortemente do que nas outras línguas indo-européas."

Mas, uma qualidade havia entre os romanos que é comum ser silenciada — é o seu poder extraordinario de adaptação e assimilação, qualidades essas adquiridas em suas campanhas distantes de conquistadores de terras longinquas. Ela também se manifesta na língua, que, manejada por seus escritores do periodo clássico, quando imperava o helenismo em Roma, tornou-se mais flexivel e matizada para traduzir as argúcias e subtilezas do pensamento heleno, na torrente harmoniosa de um Cícero.

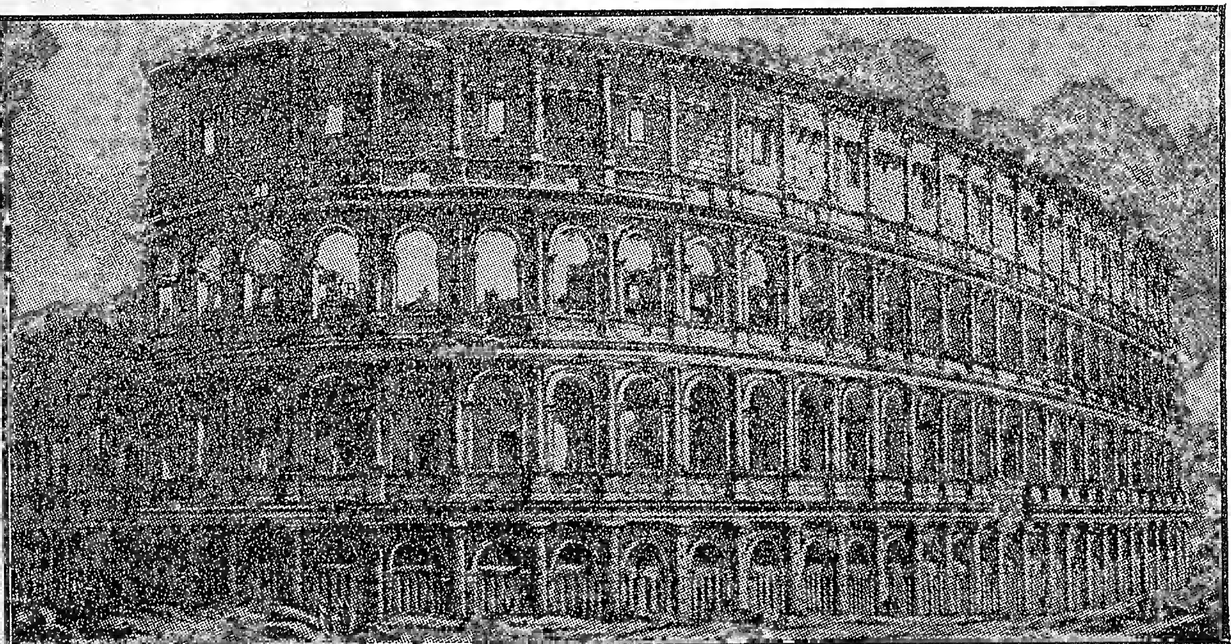
Sintetizando todas essas qualidades, e, como que impavida dominando a todas, resta-lhe o extraordinario vigor, a rara grandiosidade desse conjunto solidamente ocnstituido, que é o período latino.

Tudo isso fez do latim a língua por excelência do conquistador, do jurista, do administrador e, enfim, do orador. Foi também a língua da moral e da poesia épica a que se prestava admiravelmente pelo vigor das expressões e pelo solene de sua frase. Pelo sobriedade e

pelo poder admiravel de síntese de sua precisa concisão, foi a língua magestosa das epígrafes.

Língua de uma grande nação, dominadora e em grande parte civilizadora do mundo de então, o latim reflete em si a própria alma desse povo e toda a facetada civilização, de que é o maior e mais eloquente monumento legado à posteridade.

---



**O Coliseu, segundo Piranesi**

R. Cagnat e V. Chapot com razão dizem dessa obra grandiosa: "E' o Coliseu, que, pelo conjunto como pelos pormenores, representa o tipo mais perfeito de um anfiteatro" (Manuel d'Archéologie Romaine).

APÊNDICE

## Aditamento ao verbo

Já vimos como a classificação dos verbos latinos em quatro conjugações é falha. Isso porque não só não se adapta às formas de ação completa, temas do *perfectum*, como também, mesmo quanto aos temas do *infectum*, reune verbos com características diversas.

Vejamos, pois, numa revisão rápida, a morfologia do verbo latino, explicando-lhe a origem e significação dos elementos mórficos de que se compõe.

### DESINÊNCIAS PESSOAIS

#### Voz ativa

*1ª Pessoa do Singular*: — *o*: é a desinência dos verbos temáticos. O *m* que aparece no indicativo presente do verbo *sum*, é uma antiga desinência atemática. Essa desinência nada tem que ver com a terminação *m* que aparece nos outros tempos e que representa uma desinência secundaria.

*2ª Pessoa do Singular*: — *s*: esta desinência representa tanto a dos verbos temáticos como a dos atemáticos.

*3ª Pessoa do Singular*: — *t*: desde o terceiro século a. C. que desapareceu a distinção entre as desinências secundária e primária, tendo predominado a primária. Há em latim arcaico vestígio da desinência secundária em formas como *sied*. O *osco* e o *úmbrio* conservam a distinção. Houve no latim da decadência confusão entre o *t* e o *d* e

vice-versa, sendo que no latim popular o *t* sofria frequentemente a apocope.

*1ª Pessoa do Plural*: — *mus*: esta desinência é oriunda de **mos*.

*2ª Pessoa do Plural*: — *tis*: esta desinencia deveria ser *te*, como no imperativo. A forma *tis*, provinda de **tes*, parece ser por analogia com as outras pessoas.

*3ª Pessoa do Plural*: — *nt*: como na terceira pessoa do singular não há diferença entre desinências primária e secundária.

### Voz passiva

A final *r*, que aparece nas 1ª e 3ª pessoas do singular e plural, era uma característica do antigo impessoal.

*1ª Pessoa do Singular*: — *r*. Se o verbo terminar por *o*, acrescenta-se *r* à desinência ativa, se terminar por *m* substitue-se o *m* por *r*.

*2ª Pessoa do Singular*: — *ris*. Primitivamente a desinência era apenas *re*. Posteriormente acrescentou-se-lhe *s*, característica da segunda pessoa, permanecendo ambas as desinências *re* e *ris* durante a época clássica.

*3ª Pessoa do Singular*: — *tur*. Houve em latim contaminação das desinências de passiva impessoal e médio-passiva, distintas em indo-europeu, dando como resultante a desinência *tur*.

*1ª Pessoa do Plural*: — *mur*. Acrescentou-se à desinência ativa a característica de passiva *r*.

*2ª Pessoa do Plural*: — *mini*. Esta desinência é de origem obscura, supondo-se ser originária de uma forma nominal do verbo indo-europeu.

*3ª Pessoa do Plural*: — *ntur*. Como a terceira pessoa do singular, provém de uma contaminação das desinências de passiva impessoal e médio-passiva.

## Formação dos tempos e sufixos temporais

IMPERFEITO DO INDICATIVO: — *ba*. E' curioso notar-se que o sufixo *ba* era uma espécie de sufixo composto de *b*, proveniente de uma sonorização de *f*, mais um elemento *a*, que era quem encerrava propriamente a idéia de imperfeito. Exceto no verbo *sum*, onde no imperfeito só aparece o sufixo *a*, sempre o sufixo do imperfeito do indicativo é representado por *ba*.

Houve quem pretendesse que o imperfeito provinha do particípio presente. Mas a explicação proposta não comprovava suficientemente a hipótese. Ao lado dos imperfeitos em *iebam*, dos temas em *i* desenvolveu-se, desde o latim arcaico, um imperfeito em *ibam*, donde o português tira o imperfeito dos seus verbos da 3ª e 4ª conjugações.

FUTURO IMPERFEITO: — Havia em latim clássico dois tipos de futuro imperfeito — um em *b*, que aparece nos verbos da primeira e segunda conjugações; outro em *a/e* para os verbos da terceira e quarta conjugações.

*Futuro em "b"*: — Este futuro, que é o da primeira e segunda conjugações, é como que a fusão de um futuro perifrástico, semelhante ao das línguas românicas, creado pelo latim para evitar a confusão com outros tempos. Acreditou-se ser resultante da analogia com o imperfeito em *ba*, mas a formação é diversa e de uma época muito diferente, sendo a creação do futuro uma innovação recente nas línguas indo-européas. Verbos da quarta conjugação apresentam, ás vezes, por analogia, o futuro, também, em *b*, desde a época arcaica até o latim da decadência.

*Futuro em "a/e"*: — Como dissemos, o futuro é uma creação recente nas línguas indo-européas, valendo-se estas do subjuntivo, quando pretendiam referir-se a um fato futuro. O latim conserva um vestígio deste estado de coisas em seu futuro em *e* proveniente de um antigo sufixo *e* de subjuntivo, que, antes da época histórica, competia com o sufixo *a*. A primeira pessoa do singular apresenta

o sufixo *a* do subjuntivo latino para evitar anfibologia com o presente do indicativo, e, parece-me, também, por motivos de ordem semântica.

Houve ainda uma sufixo arcaico para o futuro em *s*, que aparece ainda na época clássica, principalmente em fórmulas jurídicas ou religiosas, exemplo: *faxo*, por *faciam*.

PRESENTE DO SUBJUNTIVO: — Ao tratarmos do futuro imperfeito, já nos referimos aos dois sufixos do presente do subjuntivo *a* e *e*. Assim, o sufixo *e* ficou para os verbos da primeira conjugação e o sufixo *a* para os das demais.

O subjuntivo latino assimilou as formas do antigo optativo, que deixou, entretanto, alguns vestígios em verbos atemáticos: *sum*, presente do sujuntivo *sim; edo*, presente do subjuntivo *edim; uolo*, presente do subjuntivo *uelim*. Em alguns verbos temáticos também costuma aparecer, mas, com um caracter acentuado de optativo. Ex.: "utinam me diui adaxint"... (Plauto).

IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO: — A semelhança do prefixo do imperfeito do subjuntivo e do infinito presente, que só diferiam pela desigualdade de quantidade da vogal, dlevou-nos a repetir, como artifício didático, a regra empírica da derivação do imperfeito do subjuntivo.

Primitivamente este sufixo era *se*, verificando-se depois o rotacismo. Guarda, entretanto, sua forma primitiva no verbo *sum* e no verbo *edo*: *ĕssem* e *ēssem*. No verbo *uolo* aparece assimilado pelo *l* do radical, daí a forma *uellem* com *ll*.

IMPERATIVO PRESENTE: — Na voz ativa, no singular, é representado pelo tema puro e no plural pelo acréscimo da desinência *te* a que já nos referimos. Vimos na formação de tempos como na terceira conjugação o imperativo no singular apresenta o tema acompanhado da vogal *e*. Os verbos *dico, duco, facio* e *fero* aparecem, entretanto, na época clássica com o tema puro: *dic, duc, fac* e *fer*.

*Voz Passiva*: — Na voz passiva o imperativo tomava as desinências das segundas pessoas do indicativo presente passivo.

IMPERATIVO FUTURO: — *Voz ativa* — As formas do plural são analógicas. A desinência *to* do singular, proveniente de *tod*, é devida ao ablativo singular de antigo pronome anterior à tradição escrita.

*Voz passiva*: — Acrescenta-se *r* às desinências ativas.

Aparecem, entretanto, na língua antiga e mesmo Cícero ao citar textos de lei as emprega, as formas *to* e *nto* como passivas.

O imperativo em *mino* na segunda e terceira pessoas do singular é analógico.

## Formas nominais

INFINITO PRESENTE: — Tanto na voz ativa como na passiva é uma forma casual de substantivo. Vimos como nessa declinação verbal o gerúndio como que representa os casos declives do infinito, equivalente, pois, a um nominativo. O infinito presente ativo tem por sufixo *se*, que depois, com o *s* intervocálico, passou a *re* pelo rotacismo.

O infinito passivo tem por característica a vogal *i*, simplesmente unida ao tema nos verbos da terceira conjugação e precedida de *r* nos das demais. Os infinitos em *ier* e *rier* são arcaicos e obscuros.

PARTICÍPIO PRESENTE: — *Ativo* — O particípio presente não é comum à voz passiva. Só os verbos depoentes possuem particípio presente e isso porque eles teem significação ativa. O sufixo é *nt* havendo ensurdecimento da línguo-dental antes da sibilante no nominativo.

GERÚNDIO: — Tem por sufixo *nd*. Como já dissemos, representa os casos declives do infinito presente.

Gerúndivo: — Ao gerúndio se prende o gerundivo ou particípio do futuro passivo, que é a forma adjetiva do gerúndio *ndus, nda, ndum*. A língua arcaica tinha alguns gerundivos em *bundus*, como *moribundus, pudibundus*, que, evitados pela língua clássica[a] se mantiveram na língua popular, passando assim às línguas românicas.

## Tempos de ação completa

Perfectum: — O perfeito latino exprimia apenas que uma determinada ação estava terminada. Vimos como a noção temporal, propriamente, a princípio lhe era estranha.

Do ponto de vista morfológico apresenta a particularidade de ter formas próprias só para a voz ativa. Ainda assim, já começava a sofrer em latim a concurrência de uma formação perifrástica *habeo amatum* (que depois se desenvolveu nas línguas românicas, predominando, por exemplo, hoje em francês). Para o voz passiva recorria a uma conjugação perifrástica com o auxílio do verbo *sum*, formação esta que se estendeu aos próprios tempos do *infectum*, a única atualmente usada pelas línguas derivadas do latim.

Há ainda a notar que todos os temas derivados do perfeito tinham, além do sufixo propriamente temporal, um infixo *is* que se mantinha intacto antes de consoante e se abrandava em *er* antes de vogal.

### DESINÊNCIAS DO PERFEITO DO INDICATIVO

*1ª Pessoa do Singular*: — A desinência *i* é resultante de um antigo ditongo *ei*.

*2ª Pessoa do Singular*: — *isti*: — Quanto ao *is* já nos referimos; *ti* é representada por *tei* na língua arcaica.

*3ª Pessoa do Singular*: — Primitivamente houve duas desinências *ed*, desinência secundária comum na língua ar-

caica, e *it*, desinência primária apresentando uma forma arcaica *eit*. Acabou predominando a desinência primária.

*1ª Pessoa do Plural*: — E' a mesma desinência do presente.

*2ª Pessoa do Plural*: — E' composta do infixo de preterito *is*, mais a desinência *tis*, característica da 2ª pessoa do plural.

*3ª Pessoa do Plural*: — Aparecem três desinências: *ēre*, de um emprego raro, sendo evitada pela prosa clássica e usada no verso por necessidades métricas; *ĕrunt*, que era a forma sempre usada na língua falada e depois perpetuada nas línguas românicas; e *ērunt*, uma contaminação das duas primeiras, *ēre* e *ĕrunt*.

## TEMPOS DERIVADOS DO PERFEITO

Mais que perfeito do indicativo: — Infixo *is* mais a característica do imperfeito *a* e desinências pessoais.

Futuro perfeito e perfeito do subjuntivo: — Provem de antigo subjuntivo e optativo. A diferença que primitivamente havia entre os dois tempos desapareceu, conservando-se como único vestígio na primeira pessoa do singular *ero* e *erim*.

Mais que perfeito do subjuntivo: — Infixo *is*, mais sufixo de imperfeito do subjuntivo *se*, mais desinências pessoais.

## Formas nominais

Infinito perfeito: — Infixo *is*, mais sufixo *se* de infinito.

Particípio passado: — Primitivamente era independente do tema do *perfectum*, ligando-se diretamente ao verbo seu sufixo *to*. Cumpre também observar que o parti-

cípio em *to,* que correspondia a um adjetivo, era de formação diversa da do supino em *tu,* que correspondia a um substantivo.

Particípio futuro: — O particípio futuro ligava-se ao particípio passado, enquanto o infinito futuro é formado do supino mais uma forma *esom* ou *erom* de infinito arcaico, valendo, pois, por uma formação perifrástica.

## Conjugações

### 1ª CONJUGAÇÃO

A primeira conjugação, que era constituida por verbos com o tema em *a,* era formada principalmente por verbos derivados de substantivos ou adjetivos chamados por isso denominativos. Havia alguns vestígios de verbos atemáticos e outros verbos de formação sufixal, como os iterativos.

Era a mais produtiva das conjugações latinas, para a qual ingressavam os verbos oriundos de outras línguas.

*Denominativos*: — Eram primitivamente derivados de nomes da primeira declinação, exemplo: *corona — corono.* Posteriormente encontram-se denominativos provenientes de outras declinações, assim como: *seruo* de *seruus; laudo* de *laus, dis; celebro* de *celeber, is, e; fluctuo,* de *fluctus; glaucio,* de *glaucies.* Grande número de denominativos passou para o português: louvar, flutuar, celebrar, etc.

Os verbos chamados primários podem ter radical momonossilábico como *sto, do* ou dissilábico como *seco, plico.* A estes verbos geralmente correspondem perfeitos que se afastam do paradigma, ou por outra, o tema do *perfectum* destes verbos não segue a primeira conjugação. Uns formam-no por redôbro: *do, dedi; sto, steti;* outros por alongamento, como *iuuo, iuui; lauo, laui;* outros, enfim, que não apresentam a vogal temática da primeira conjugação

nos temas do *perfectum*: *crepo—crepui, seco—secui, sono—sonui.*

*Iterativos*: — Apresentam os sufixos *to, ito* ou *tito*. Eram formados do participio em *to*. Serviam como que de superlativo do verbo de que se derivavam, sendo por isso mais expressivos. Eram de largo emprego na língua arcaica, sendo, entretanto, usados com parcimônia pelos escritores clássicos. Mas o seu emprego sempre frequente na língua falada os fez chegar ao período da decadência, onde acabaram por suplantar as suas formas primitivas que vieram substituir, dando-lhes uma conjugação regular. Enfim, chegaram até às línguas românicas, onde não se encontram os seus primitivos.

## 2ª CONJUGAÇÃO

Na segunda conjugação encontram-se numerosos verbos intransitivos. Divide-se em: verbos primários, em *e*; verbos de estado; verbos causativos; verbos denominativos.

*Os verbos de estado* — são geralmente intransitivos e não apresentam a vogal temática no *perfectum*. Ex.: *iaceo — iacui, placeo — placui, taceo — tacui.*

*Os causativos* — Pelo próprio sentido, eram geralmente transitivos, havendo até alguns que se construiam com dois acusativos, como *doceo* por exemplo.

A formação do pretérito é diferente de uns para os outros: alguns recorrem ao redobro, como *mordeo — momordi;* outros ao alongamento: *mouo — mouui;* outros ao pretérito em *ui; moneo — monui;* enfim, alguns ao pretérito em *s*: *suadeo, suasi.*

*Os denominativos* — derivam-se quase todos da 2ª declinação, temas em o|e, ex.: *calleo*, de *callus; albeo* de *albus; dureo* de *durus*. Ha-os também de outros temas: *seneo* de *senex; sordeo* de *sordes.*

*Os primários* — são antigos atemáticos. Ex.: *neo, pleo,* etc.

## 3ª CONJUGAÇÃO

A terceira conjugação é a que conta o maior número de verbos temáticos, sendo classificados segundo a vogal do radical.

Assim, há verbos:

1) — *Com a vogal radical ā ou ă.* Ex: *uādo* e *căno.*
2) — *Com a vogal do radical ē ou ĕ:* — *cēdo* e *ĕmo.*
3) — *Com a vogal radical ī ou ĭ:* — *dīco* e *frĭgo.*
4) — *Com a vogal radical ō ou ŏ:* — *rōdo* e *cŏlo.*
5) — *Com a vogal radical ū ou ŭ:* — *ūro* e *fŭro.*

Além desses, ainda os há com os ditongos *ae* ou *au* e formados por redôbro: *quaero, plaudo, bibo.*

Podemos, enfim, acrescentar duas classes para terminarmos os verbos da terceira conjugação: verbos com *afixo* (sufixo ou infixo) e verbos denominativos.

## 4ª CONJUGAÇÃO

Como vimos ao tratar das conjugações, uma das inconsequências da classificação tradicional era colocar os verbos como *capio,* por exemplo, entre os verbos da 3ª conjugação. Voltaremos agora a tratar da questão.

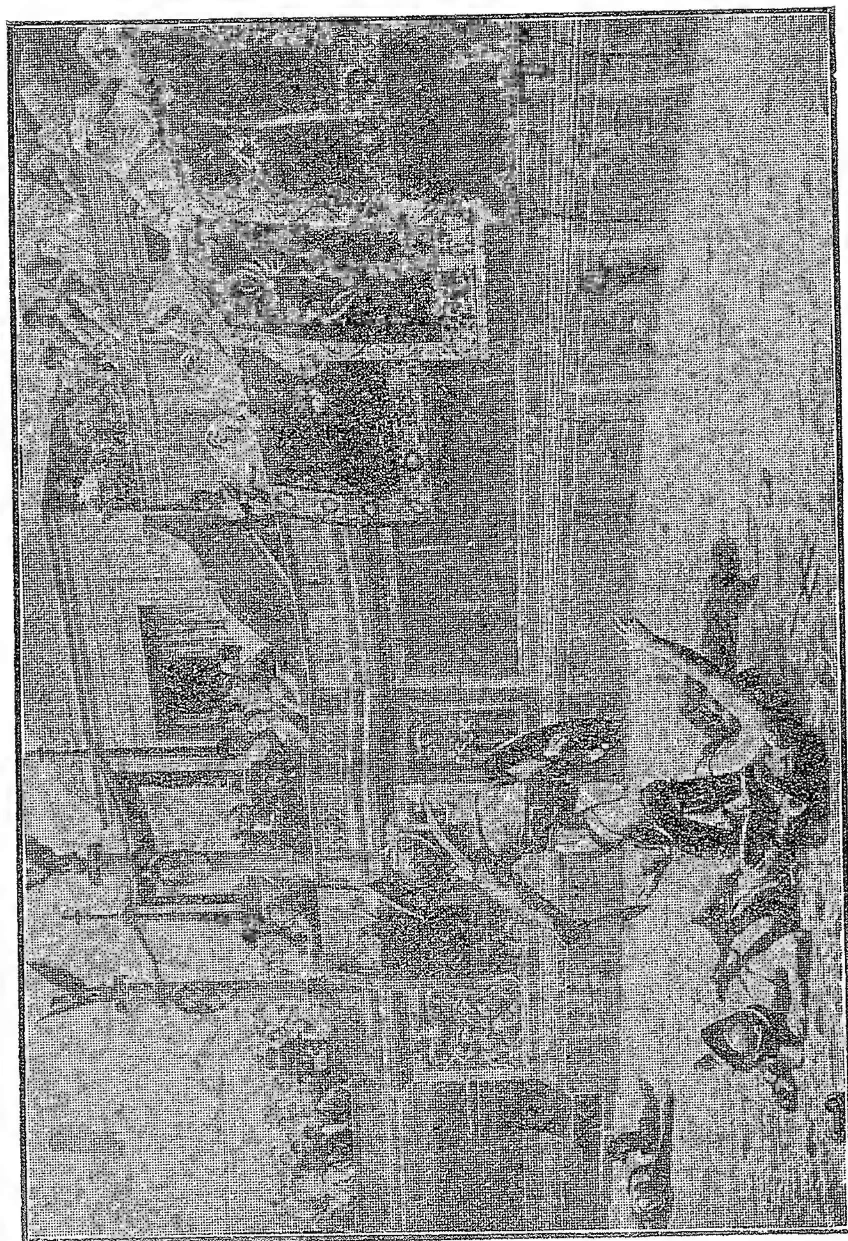
A quarta conjugação divide-se em dois grupos: 1) o dos verbos em que a terminação *io* provém de um sufixo; 2) o dos verbos denominativos.

*Os do 1º grupo,* todos provindos do sufixo **ye,* subdividem-se, em virtude de uma lei a que poderemos denominar rítmica, porque se baseia justamente no ritmo da palavra. Quando o sufixo vier depois de uma sílaba breve interior, que por seu turno venha precedida de uma sílaba longa, ou quando vier depois de uma sílaba breve ini-

cial terminada por oclusiva, é breve. Quando vier depois de uma sílaba longa ou de duas sílabas breves, é longo. Assim temos os verbos *facio, *facĭse, facĕre; rapio, *rapise, rapere; conspicio, *conspicise, conspicere;* audio, *audīre; aperio, aperīre.*

*Os denominativos* — proveem quàse todos dos temas em *i.* Exemplo: *finis, finīre; rudis, erudīre.*

Há ainda na quarta conjugação um único causativo — *sopio.*



Pollice Verso! (Quadro de Gérome)

# ÍNDICE DAS GRAVURAS

# ÍNDICE GERAL